

The background of the entire cover is a colorful stained glass pattern. It features a central panel depicting a woman with a halo, her hands clasped in prayer, surrounded by flowers. This central panel is flanked by other panels showing abstract stained glass designs, including a circular motif on the left and various geometric patterns on the right and bottom. The colors used include blues, yellows, reds, greens, and purples.

Angelo Alberto Diniz Ricordi

Buscadores  
do **DEUS** vivo  
nas origens da espiritualidade marista

  
PUCPRESS

**Buscadores**  
**do DEUS**<sub>VIVO</sub>  
nas origens da espiritualidade marista

“Nós, irmãos, vivemos em busca do Deus vivo.”  
(Constituições, n. 45)

Angelo Alberto Diniz Ricordi

# Buscadores do DEUS vivo nas origens da espiritualidade marista



2025

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)**

**Superior Provincial**

Ir. Vanderlei Siqueira

**Conselho Provincial**

Ir. Adilson Janovski

Ir. Anacleto Peruzzo

Ir. Délcio Afonso Balestrin

Ir. Miguel Fernandes Ribeiro

Ir. Rogério Renato Mateucci

Ir. Valdir Gurgel

**Diretor Executivo**

José Leão da Cunha Filho

**Diretor de Identidade, Missão e Vocação**

Ir. Miguel Fernandes Ribeiro

**Gerente do Memorial Marista**

Adriano Cecatto

**Colaboradores**

**Revisão técnica**

João Luis Fedel Gonçalves

**Cátedra Ir. Francisco Rivat de Estudos Maristas**

Fabiano Incerti

João Luis Fedel Gonçalves

Angelo Alberto Diniz Ricordi

Douglas Borges Candido

Juliana Vermelho Martins

Ir. André Lanfrey

Dyogenes Philippsen Araujo

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**

**Reitor**

Ir. Rogério Renato Mateucci

**Vice-Reitor**

Vidal Martins

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação**

Paula Cristina Trevilatto

**PUCPRESS**

**Gerência da Editora**

Michele Marcos de Oliveira

**Edição**

Susan Cristine Trevisani dos Reis

**Edição de arte**

Cristina Mosol

**Preparação de texto**

Gabrielle Regina Gomes Caroccia

**Revisão**

Gabrielle Regina Gomes Caroccia

**Capa e Projeto gráfico**

Rafael da Matta Hasselmann

**Diagramação**

Cristina Mosol

**PUCPRESS/Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar.

Curitiba / PR - CEP 80215-901 | Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

R541b  
2025 Ricordi, Angelo Alberto Diniz  
Buscadores do Deus vivo nas origens da espiritualidade marista / Angelo Alberto Diniz. – Curitiba : il. ; 21 cm  
200 p. : il. ; 21 cm

Bibliografia: p. 192-195  
ISBN: 978-65-5385-178-8  
ISBN: 978-65-5385-179-5 (PDF)  
ISBN: 978-65-5385-180-1 (ebook)

1. Irmãos Maristas. 2. Espiritualidade. I. Título.

25-215 CDD 20. ed. – 271.79

# SUMÁRIO

|                                                                                                   |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>PREFÁCIO</b> .....                                                                             | 9  |
| <b>APRECIACÃO</b> .....                                                                           | 13 |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                           | 17 |
| <b>1. ORIGENS DA ESPIRITUALIDADE MARISTA</b> .....                                                | 19 |
| A espiritualidade como seguimento de Cristo .....                                                 | 21 |
| Por que estudar origens? A importância<br>das fontes na construção de nossa espiritualidade ..... | 25 |
| Fontes primárias do fundador .....                                                                | 27 |
| Fontes que provêm dos Irmãos .....                                                                | 32 |
| Alguns textos de nossa tradição .....                                                             | 39 |
| A presença de Deus .....                                                                          | 42 |
| Tudo a Jesus por Maria .....                                                                      | 45 |
| <i>Nisi Dominus</i> .....                                                                         | 48 |
| O espírito do Instituto: a origem das “violetas maristas” .....                                   | 58 |
| Conclusão: a inspiração das origens .....                                                         | 61 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                                           | 62 |
| <b>2. A ESPIRITUALIDADE NOS<br/>    MANUSCRITOS DO PADRE CHAMPAGNAT</b> .....                     | 65 |
| Introdução .....                                                                                  | 65 |
| Contexto teológico e eclesial dos<br>manuscritos do padre Champagnat .....                        | 68 |
| Jansenismo .....                                                                                  | 69 |
| Galicismo .....                                                                                   | 70 |
| Posicionamento de Champagnat frente a esses movimentos .....                                      | 71 |

|                                                                                                                  |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>O estilo literário do fundador: limites e acertos.....</b>                                                    | <b>73</b>  |
| <b>Textos selecionados .....</b>                                                                                 | <b>76</b>  |
| Resolução de 1820 (AFM 131.5).....                                                                               | 77         |
| Instrução sobre o Rosário (AFM 134.33).....                                                                      | 82         |
| Reflexão sobre o fim do homem (AFM 134.12).....                                                                  | 86         |
| Festa do Santíssimo Sacramento (AFM 134.31).....                                                                 | 92         |
| Instrução sobre a recompensa celeste (AFM 134.11).....                                                           | 95         |
| Instrução sobre a oração (AFM 132; OFM, doc. 87).....                                                            | 97         |
| Carta de demissão ao padre Colin (AFM 136; OFM, doc. 672) .....                                                  | 102        |
| Concluindo... um sonho: uma escola de espiritualidade marista. ....                                              | 108        |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                           | <b>111</b> |
| <b>3. A CRISE DE 1826: UM MARCO NA<br/>    ESPIRITUALIDADE DO PADRE CHAMPAGNAT ....</b>                          | <b>113</b> |
| Crise da saúde.....                                                                                              | 116        |
| Crise financeira .....                                                                                           | 118        |
| Crise de liderança.....                                                                                          | 121        |
| Crise da perda de prestígio.....                                                                                 | 123        |
| Crise do isolamento.....                                                                                         | 125        |
| Crise da deserção .....                                                                                          | 127        |
| Considerações finais .....                                                                                       | 128        |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                           | <b>132</b> |
| <b>4. ROSTO MARIANO DA IGREJA: UMA PROPOSTA<br/>    PARA A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE<br/>    MARIANA .....</b> | <b>133</b> |
| Igreja nascente .....                                                                                            | 135        |
| A Igreja mariana e o XXI Capítulo Geral .....                                                                    | 139        |
| A evolução de Igreja mariana para a<br>expressão “rosto mariano da igreja” .....                                 | 142        |
| Em que consiste o princípio mariano da Igreja? .....                                                             | 142        |
| O rosto mariano na circular <i>Deu-nos o nome de Maria</i> .....                                                 | 145        |
| Chamados a construir o rosto mariano da Igreja .....                                                             | 145        |

|                                                                     |            |
|---------------------------------------------------------------------|------------|
| Rosto mariano: sonho de uma igreja renovada.....                    | 146        |
| Três ícones fundamentais que revelam a intencionalidade do conceito | 147        |
| Uma aurora que já começa despontar .....                            | 148        |
| <b>Magistério da Igreja e perfil mariano da Igreja .....</b>        | <b>148</b> |
| Papa João Paulo II. ....                                            | 150        |
| Papa Bento XVI .....                                                | 151        |
| Papa Francisco.....                                                 | 152        |
| <b>Rosto mariano da Igreja e a renovação do Instituto Marista .</b> | <b>153</b> |
| <b>Considerações finais .....</b>                                   | <b>153</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                              | <b>156</b> |
| Igreja Mariana.....                                                 | 156        |
| <i>Nouvelle Église.</i> .....                                       | 157        |
| Perfil/rosto mariano da Igreja .....                                | 157        |
| Magistério da Igreja .....                                          | 160        |
| Obras complementares .....                                          | 161        |
| <b>5. ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO</b>                                |            |
| <b>E AS ORIGENS MARISTAS .....</b>                                  | <b>163</b> |
| <b>A origem do termo no XXII Capítulo Geral.....</b>                | <b>164</b> |
| <b>A metáfora do coração na espiritualidade</b>                     |            |
| <b>da França nos séculos XVII a XIX .....</b>                       | <b>168</b> |
| <b>O símbolo do coração na tradição marista.....</b>                | <b>170</b> |
| <b>O XXII Capítulo Geral e a espiritualidade do coração .....</b>   | <b>175</b> |
| A segunda chamada do Capítulo:                                      |            |
| “Ser as mãos e o rosto de tua terna misericórdia” .....             | 177        |
| Buscadores do Deus vivo: experiências que                           |            |
| ajudam a vivenciar a espiritualidade do coração .....               | 183        |
| <b>Considerações abertas, mais que conclusivas.....</b>             | <b>190</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                              | <b>191</b> |
| <b>HORIZONTES E DESAFIOS DA</b>                                     |            |
| <b>ESPIRITUALIDADE MARISTA .....</b>                                | <b>195</b> |



## PREFÁCIO

A experiência precede a sistematização quando se trata da vida espiritual. E nem sempre as pessoas que provam de alguma presença inefável são hábeis na escrita ou possuem os meios para realizar seu registro. Com o fundador do Instituto dos Irmãos Maristas não foi diferente. Como afirmou o Irmão Paul Sester, agudo estudioso das origens maristas, a preocupação de São Marcelino Champagnat

[...] não é expor à posteridade o modo de conceber a sua obra, nem a sua própria teoria da vida religiosa, à parte os repetidos esforços para compor a Regra. Ele se contenta em viver com seus irmãos, enquanto os ensina. Cabe aos discípulos fazer anotações se quiserem conservar na memória suas instruções. (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

Este livro vem, de alguma maneira, preencher essa lacuna. Seu autor, Angelo Alberto Diniz Ricordi, debruça-se há vários anos sobre as fontes do fundador – mais escassas – e dos primeiros Irmãos, para estabelecer o núcleo mais original da espiritualidade marista. Em sua tese doutoral, *Uma leitura certauniana sobre as origens da*

*espiritualidade marista*, analisou o conjunto desses manuscritos e os confrontou com a bibliografia já produzida sobre o assunto. Em parceria com o grupo de pesquisadores da Cátedra Irmão Francisco Rivat da PUCPR, elaborou um trabalho rico, que gerou outros frutos, como diversas formações – várias delas vivenciais, para públicos distintos, como gestores, Irmãos, formandos, leigos e leigas maristas.

*Buscadores do Deus vivo: nas origens da espiritualidade marista* permite que acessemos estas duas facetas da trajetória do autor: o rigor acadêmico e a leitura voltada para a vida. De fato, como ele observa na Introdução, os capítulos reúnem diversas formações, sistematizando-as de modo a facilitar sua leitura e, até mesmo, sua utilização por animadores da espiritualidade marista. Fica evidente, portanto, o cunho pastoral da obra, sem que ela deixe, em nenhum momento, de se apoiar no estudo das fontes originais.

Os cinco capítulos estão organizados em temas que se conectam, mas que, ao mesmo tempo, preservam certa independência. O primeiro – “Origens da espiritualidade marista” – parte do núcleo fundante de toda espiritualidade, o seguimento de Jesus Cristo, para acessar, com essa chave de leitura, os manuscritos do fundador e os que provêm dos Irmãos, além de analisar expressões fundamentais da tradição marista: “presença de Deus”, “Tudo a Jesus por Maria”, “*Nisi Dominus*” e “O Espírito do Instituto: a origem das três violetas maristas”.

O segundo capítulo – “A espiritualidade nos manuscritos do padre Champagnat” – retoma os apontamentos do fundador, agora de maneira mais sistemática, levando em consideração seu contexto teológico e eclesial, e analisando cada um dos manuscritos em suas peculiaridades e em sua importância para o estudo da espiritualidade marista.

Como um recorte específico, o terceiro capítulo – “A crise de 1826: um marco na espiritualidade do padre Champagnat” – discute um dos momentos significativos da experiência do fundador do Instituto dos Irmãos Maristas, que o autor chama de “verdadeira fundição”, capaz de configurar um novo momento na vida espiritual de São Marcelino Champagnat. Esse capítulo está bem no centro da obra, e não exageramos ao sugerir que, do ponto de vista experiencial, é também o mais impactante para uma perspectiva mais mística da vida e obra de Champagnat.

Maria marca profundamente a identidade da espiritualidade de Champagnat e dos Irmãos. O quarto capítulo retoma essa presença por meio da reflexão pós-conciliar: “Rosto mariano da Igreja: uma proposta para a vivência da espiritualidade mariana”. O diálogo do autor, nessa parte, é, sobretudo, com os escritos dos quatro últimos papas – Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, além do Irmão Emili Turú, superior-geral (2009-2017), que usa a expressão pela primeira vez no Instituto. Tal ampliação de olhares nos mostra como a prática de nossa espiritualidade e sua reflexão são constantemente atualizadas na vida e na missão maristas.

Fecha a obra o capítulo dedicado à reflexão mais recente sobre a espiritualidade marista: “Espiritualidade do coração e as origens maristas”. Essa característica é desenvolvida pelo autor com base em sua inspiração na espiritualidade francesa dos séculos XVII a XIX e em seu uso no XXII Capítulo Geral, de 2017, até hoje. Como lembra Ricordi, a metáfora do coração, no Instituto, provoca-nos a entender e viver a espiritualidade “como busca, caminho e travessia”.

Na abertura dos capítulos, um QR Code sinaliza o acesso ao conteúdo em formato de apresentação em PowerPoint; ao final, uma bibliografia selecionada permite que o conteúdo seja expandido e

aprofundado. Esses recursos ampliam a utilização do livro, sobretudo por pessoas que atuam na formação em espiritualidade marista.

O conhecimento mais aprofundado das fontes maristas tem revelado uma grande riqueza conceitual, que transborda de elementos simples e intuitivos, presentes na experiência cotidiana e que conferem consistência à vivência do carisma de Champagnat, permitindo novas leituras para os contextos atuais da missão marista. *Buscadores do Deus vivo: nas origens da espiritualidade marista* é uma obra que convida você, caro leitor e cara leitora, a entrar nessa dinâmica de reflexão, vivência e integração de saberes, por meio do rico patrimônio da espiritualidade marista. Boa leitura!

**Cátedra Irmão Francisco Rivat  
de Estudos Maristas da PUCPR**

## APRECIAÇÃO

**T**ransmitida pela tradição dos primeiros discípulos de Marcelino Champagnat, nós, maristas, temos as três violetas como figura representativa das virtudes da humildade, simplicidade e modéstia. Tais atitudes vivenciais, centradas especialmente na humildade, refletem-se bem na violeta – flor de jardim –, por ser pequena e ficar oculta sob as folhas; por se fazer notar não tanto pelo tamanho ou pelo brilho das cores, mas pelo suave perfume que exala.

Agrada-me considerar a imagem das “três violetas com perfume suave” como símbolo da “espiritualidade dos maristas de Champagnat”.

Entretanto, para caracterizá-la, é preciso saber identificar seu perfume típico – composto de diversos aromas que se exalam dessas violetas. Trata-se de uma tarefa sutil, pois, assim como a violeta, também a nossa espiritualidade não é vistosa nem aparente. Ela é aromática; manifesta-se, em parte, por seu perfume próprio.

Vejo este bonito e aprofundado trabalho de Ângelo Ricordi – ***Buscadores do Deus vivo: nas origens da espiritualidade marista*** – como uma busca criteriosa e bem fundamentada dos diversos aromas que compõem o nosso perfume próprio.

Reconheço, neste trabalho, a seriedade de um bom pesquisador, que se dedica a identificar os componentes da nossa espiritualidade, respingando informações contidas nos textos do Fundador e dos primeiros Irmãos; garimpando preciosidades da nossa tradição e do magistério; e ressaltando traços evidentes da vida espiritual

de Champagnat, sobretudo nos momentos em que o Fundador enfrentou crises e apreensão.

Igualmente, vejo neste trabalho muito profissionalismo ao trazer recortes identificados em campos como sociologia, política, educação, filosofia e teologia, no contexto da época do Fundador e dos primeiros Irmãos. O autor aponta afirmações, particularidades e comportamentos que denotam a vivência de um estilo de vida que, aos poucos, vai se consolidando como a espiritualidade do “ramo dos irmãos” – isto é, do “ramo leigo”, do qual Champagnat ficou encarregado pelos colegas do Seminário Maior de Lyon, quando elaboravam projetos sobre a Sociedade de Maria e lhe disseram: “Ocupe-se você dos irmãos já que insiste tanto nesta ideia!”

Um ramo masculino não sacerdotal dentro da Sociedade de Maria – esse foi o projeto e a realização de Champagnat. Ele desejava pessoas leigas como seus seguidores (leigo, segundo a conotação e distinção estabelecidas pelo Direito Canônico).

Para este grupo de pessoas – Irmãos de vida consagrada, leigas e leigos maristas, afiliadas e afiliados, fraternas e fraternos e todos quantos perambulam pela “praça da vida marista” –, a espiritualidade iniciada pelo Fundador, vivida e complementada por seus primeiros seguidores, serve de inspiração para a vida cristã, serve de modelo de seguimento de Jesus Cristo na construção do Reino, serve de apelo para trabalhar na “obra de Maria”.

Assim, nesta publicação elaborada com empenho e dedicação, encontraremos a indicação de componentes que formam a nossa espiritualidade – isto é, alguns aromas do nosso perfume marista: a centralidade em Jesus Cristo; o exercício da presença de Deus; o compromisso com a “obra de Maria”; a oração do coração; a vivência do *Nisi Dominus*; e a prática da humildade, simplicidade e modéstia...

Já aconteceu, em ocasiões inesperadas, de uma pessoa – sem nenhuma sinalização externa que a identificasse como marista – se aproximar de um interlocutor desconhecido para iniciar uma conversa e ser, de repente, interrompida com a indagação: “Por acaso, você é marista?” Tal interlocutor, certamente também com alguma formação marista, “pressentiu” o nosso perfume próprio na outra pessoa.

Que a leitura deste documento nos ajude a compreender e amar tudo aquilo que nos identifica como *Maristas de Champagnat* – sobretudo nossa espiritualidade própria, fortemente inspirada no exemplo de Maria, boa mãe e discípula de Jesus.

Curitiba, novembro de 2024.

**Irmão Ivo Antonio Strobino**



## INTRODUÇÃO

Caro leitor e cara leitora,

Este livro é o resultado de uma síntese pessoal do estudo das origens maristas como fonte de inspiração para a espiritualidade que somos chamados a viver e testemunhar na missão marista. Síntese, porque nasceu de uma pesquisa realizada em nível acadêmico, como conclusão de doutorado em Teologia. Nesse período de pesquisa, pude contar com o acompanhamento de Irmãos especialistas no estudo do padre Champagnat, em especial os Irmãos Ivo Antônio Strobino e André Lanfrey.

Ainda que esta pesquisa esteja embasada no rigor teórico e em uma maior aproximação com as fontes históricas da tradição marista, não deixa de ter um aspecto existencial e apaixonado de busca, sentido e orientação pessoal para minha própria vida. Estou convencido de que a inspiração que moveu São Marcelino e os primeiros Irmãos ainda continua válida para nosso tempo.

O objetivo desta obra é fornecer subsídios para a formação de Irmãos e de leigos e leigas que desejam revisitar as fontes que deram origem à espiritualidade marista. Cada capítulo é fruto de pesquisas e de assessorias realizadas nos diversos cursos e programas a serviço do Instituto Marista, da Região América Sul e da Província Marista Brasil Centro-Sul. Por isso, embora estejam organizados em uma lógica crescente dentro desta publicação, podem ser utilizados e trabalhados de maneira independente.

Na abertura de cada capítulo, há um QR Code que dá acesso a uma apresentação em PowerPoint com as principais ideias utilizadas

na argumentação do tema. Dessa forma, além do texto, oferecemos uma proposta de formação customizada sobre cada uma das temáticas apresentadas.

Convido você, caro leitor e cara leitora, a embarcar em uma jornada pela rica herança espiritual do Instituto Marista, remontando às suas origens e explorando o legado deixado por São Marcelino Champagnat e pelos primeiros Irmãos. Iluminados pela simplicidade, humildade e pela presença viva de Deus nas ações cotidianas, somos chamados a redescobrir a centralidade de Jesus Cristo e a nos tornarmos buscadores do Deus vivo.



# 1

## ORIGENS DA ESPIRITUALIDADE MARISTA

**E**m 2025, celebramos os 200 anos da casa de l’Hermitage. Esse espaço é um marco na organização da Congregação e na espiritualidade de Champagnat e dos primeiros Irmãos Maristas. Por isso, ao iniciarmos a reflexão sobre as origens da espiritualidade marista, nossa atenção se volta fortemente para esse ícone. Se La Valla foi o berço do Instituto, l’Hermitage é o lugar em que nossa espiritualidade foi construída e consolidada. L’Hermitage é a “casa de Maria”, onde nosso fundador viveu a grande experiência do *Nisi Dominus* e, logo após sua morte, foi considerada o “relicário” do fundador por seu sucessor, o Irmão Francisco. Trata-se, portanto, de um ícone poderoso da vida e da missão maristas.

Inspirados por l’Hermitage, apresentamos neste capítulo uma primeira aproximação ao tema da espiritualidade marista. Não pretendemos abordar em profundidade a complexa construção desse tema em suas origens; contentamo-nos em propor uma introdução que conduza o leitor a perceber alguns marcos centrais da espiritualidade do padre Champagnat e dos primeiros Irmãos.



Figura 1 – Casa-mãe do Instituto Marista, l'Hermitage, França.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Organizamos o capítulo em três ideias centrais:

- 1. A espiritualidade como seguimento de Cristo**
- 2. Por que estudar as origens? A importância das fontes na construção de nossa espiritualidade**
- 3. Alguns textos de nossa tradição**

Essas ideias não pretendem resumir nem apresentar uma síntese da espiritualidade marista. O objetivo é instigar, de maneira didática, o leitor e a leitora diante da complexidade da formação da espiritualidade marista e, consequentemente, de seu estudo. Começaremos pelo centro da espiritualidade cristã: o seguimento de Jesus.

## A espiritualidade como seguimento de Cristo

A espiritualidade cristã nasce do encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Esse acontecimento é o que assegura sua credibilidade. Essa espiritualidade passa pelo crivo do mistério da Encarnação, por isso se pode falar em uma espiritualidade encarnada, concreta, que tem os olhos e o coração abertos para Deus e para o ser humano. Há uma reflexão do Papa Bento XVI, posteriormente retomada diversas vezes pelo Papa Francisco, que sintetiza a ideia central que desenvolveremos ao refletir sobre a espiritualidade marista: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (Bento XVI, 2006, p. 3).

É na esteira dessa afirmação que se pode situar a experiência vivida por Marcelino Champagnat e pelos primeiros Irmãos. Marcelino foi um homem de coração simples, que soube se abrir ao mistério de Deus. Os primeiros Irmãos viram nele – e em sua forma concreta de viver Deus – um sinal visível de algo que ultrapassava o ordinário da vida; viram nele um buscador de Deus. Nos textos e ensinamentos de nosso fundador, a centralidade de Cristo é um aspecto que desperta nossa atenção<sup>1</sup>. A primeira definição de nossa espiritualidade marista, no documento *Água da rocha* – texto de referência de nossa tradição –, recorda-nos: “A história da nossa espiritualidade é feita de paixão e compaixão: paixão por Deus e misericórdia pelas pessoas” (Instituto dos Irmãos Maristas, 2008, p. 22).

---

<sup>1</sup> Sobre esse assunto, quase não existem reflexões na historiografia marista. Destacamos a monografia do Irmão Mariano Verona: *Jesucristo en la Espiritualidad y Escritos de Marcellin J. B. Champagnat*.

A paixão por Deus e a misericórdia pelas pessoas resumem essa primeira definição de espiritualidade marista. A paixão por Deus e por Jesus é o primeiro elemento de transformação pessoal que a experiência espiritual implica, enquanto a misericórdia e a compaixão para com os outros são o critério de sua veracidade. Jesus Cristo é o centro de nossa missão como maristas. Foi assim que o fundador definiu a nossa missão:

Tornar Jesus Cristo conhecido e amado, eis a meta de sua vocação e a finalidade do Instituto. Se não visarmos a essa finalidade, nossa Congregação será inútil e Deus lhe retirará a proteção. (Furet, 1999, p. 312).

Ao nos aproximarmos da definição de nossa missão, dois verbos se destacam: “conhecer” e “amar”. Em nossas origens, esses verbos são precedidos por algumas palavras incomuns na literatura religiosa – informações importantes. Os primeiros maristas usaram expressões fervorosas para descrever a experiência espiritual no início da missão.



Figura 2 – Sentenças da casa de La Valla, França.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Essa intuição já se encontra plasmada nas paredes da casa em La Valla, onde a inspiração que guiou o fundador e os primeiros Irmãos pode ser capturada. Na primeira casa do Instituto Marista, Marcelino mandou escrever, nas paredes da sala da comunidade, algumas sentenças que ajudavam os Irmãos a se guiarem na oração e meditação comunitária. Acompanhemos a primeira sentença: “Com o teu fogo celestial, abrasa todo o meu coração”. Três palavras chamam nossa atenção: **“fogo”**, **“abrasar”** e **“coração”**. Mais do que palavras, essas expressões nos remetem a imagens que descrevem o espírito fundador.

A segunda frase tem um tom afetivo, típico da maneira como Champagnat se refere a Jesus e a Maria: “Jesus, todo o meu amor; Jesus, toda a minha felicidade”. Há um ardor que motiva a comunidade a seguir a Cristo. O mais interessante é que, nos relatos escritos dos primeiros Irmãos a pedido dos superiores para preservar a memória e os ensinamentos do fundador, mesmo depois de muitos anos, essa é a imagem gravada na lembrança de alguns deles, entre eles Irmãos Lourenço e Sylvestre.

Começemos pelo Irmão Lourenço. No manuscrito preservado nos Arquivos da Casa Geral do Instituto Marista, em Roma, podemos ler:

[...] quando falava da bondade de Deus e do seu amor por nós, o tom de voz era tão persuasivo que nos transmitia o fogo interior de que estava abrasado, de tal modo que as dificuldades, os trabalhos e todas as misérias não conseguiam nos abalar. (Lourenço, 2021, p. 8).

Trata-se de uma declaração carismática, de algo muito forte na percepção do humilde Irmão Lourenço, que permanece na memória dos ensinamentos de Champagnat: havia um ardor, um zelo muito particular, que impressionou a primeira comunidade de Irmãos.

Essa mesma percepção é compartilhada pelo Irmão Sylvestre:

Recordo-me que na sala onde fazíamos a oração não havia bancos, nem cadeiras, nem genuflexórios. Nós ficávamos ao redor do bondoso padre [...] no inverno, durante a oração, o único aquecimento na sala era um fraco lampião ou candeeiro apagado. Champagnat não sentia frio; dir-se-ia que o coração abrasado lhe aquecia o corpo. (Sylvestre, [1886] 2014, p. 49).

Observe que a metáfora do coração aparece novamente: **um coração ardente**. “Conhecer” e “amar” são dois verbos que andam de mãos dadas no desejo de seguir a Cristo. Para Champagnat, **conhecer e amar Jesus Cristo é ter uma experiência pessoal**. Em uma tela recente do artista Goyo, que retrata Champagnat e Jesus olhando na mesma direção, podemos contemplar essa realidade. A vida de Champagnat é, em suma, o que o Irmão Francisco concluiu na circular *Espírito de fé*: “Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).



Figura 3 – Quadro de Champagnat e Jesus, de Goyo.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

No entanto, como nos recorda o Irmão Michael Green, há um modo próprio que guia nosso seguimento de Cristo. Nós, maristas, vivemos essa experiência com uma marca do nosso carisma: **seguimos Jesus do jeito de Maria**. Como os primeiros maristas, acreditamos que com nossa vida e vocação realizamos na Igreja a **obra de Maria**: gerar Cristo ao mundo (Cf. Green, 2021, p. 86).

Essa foi a convicção dos fundadores da Sociedade de Maria: padre Colin, padre Champagnat e madre Chavoin. Eles foram instrumentos e colaboradores na obra de Maria. Ao recuperar em nossas origens a teologia mariana do fundador, restabelecemos a centralidade do seguimento de Cristo, inspirados em Maria. Como ela, trazemos Cristo ao mundo. Esta é a primeira ideia que precisamos recuperar no estudo e na vivência de nossa espiritualidade.

## **Por que estudar origens? A importância das fontes na construção de nossa espiritualidade**

Para responder a essa pergunta, podemos recorrer à imagem da construção da casa de l'Hermitage. Mais do que uma edificação física, ela representa uma expressão concreta da intuição do padre Champagnat, que era bem mais profunda: ele desejava verdadeiramente construir a comunidade, fortalecer a espiritualidade e, consequentemente, animar a missão. Esse espaço tornou-se um canal de transmissão do carisma – marca distintiva do fundador, que, desde o início, envolveu e empoderou os Irmãos nesse processo.

O que chamamos de **espírito de família** é mais do que apenas uma característica de nossa família espiritual. É o modo especial como Champagnat compreendeu o carisma recebido de Deus e como o compartilhou desde o início com a primeira comunidade dos Irmãos Maristas.

Portanto, uma das intuições que defendo em minha pesquisa é que nossa espiritualidade, embora tenha começado no carisma fundacional recebido por Champagnat, teve em sua construção e consolidação, especialmente após sua morte, a participação fundamental dos Irmãos Francisco, Jean-Baptiste e Louis-Marie.

Mais uma vez, nos guiamos pelo documento *Água da rocha*, que dialoga muito bem com as origens e as traduz de maneira simples, mas assertiva, para nossos tempos. O segundo parágrafo desse documento nos diz:

Nossas origens remontam ao cordial relacionamento de um jovem sacerdote com um grupo de rapazes que viveram em uma época de grande instabilidade social. O sacerdote era Marcelino Champagnat, e os rapazes eram Jean-Marie Granjon, Jean-Baptiste Audras, Jean-Claude Audras, Antoine Couturier, Barthélemy Badard, Gabriel Rivat e Jean-Baptiste Furet. Eles constituíram nossa comunidade fundadora em La Valla (Instituto dos Irmãos Maristas, 2008, p. 22).

Observemos dois pontos importantes. Primeiramente, o documento faz alusão a Champagnat e aos primeiros Irmãos. O segundo ponto é a afirmação que conclui o parágrafo: **“Eles constituíram nossa comunidade fundadora em La Valla”**.

O Irmão Michael Green, no terceiro volume da *História do Instituto*, reforça essa percepção de *Água da rocha*:

Algo que nós, maristas, ainda precisamos interiorizar, a mudança da visão do ‘grande homem’ de nossa história, ou seja, com foco apenas em Marcelino, e foco mais deliberado na comunidade fundadora (Green, 2017, p. 214).

Portanto, além do fundador, o legado e os escritos desses primeiros Irmãos são uma fonte inesgotável para redescobrir a paixão original que envolveu o início da missão marista.

Após esses esclarecimentos, é útil conhecer um pouco melhor nossas fontes. Podemos dividi-las em duas partes: a primeira emana diretamente dos manuscritos do fundador; a segunda, dos textos impressos e manuscritos dos primeiros Irmãos.

## Fontes primárias do fundador

O Irmão Paul Sester, em *Origines des Frères Maristes*<sup>2</sup>, classificou os manuscritos de Champagnat em seis grandes capítulos: Resoluções; Cadernos; Cartas e circulares; Sermões, discursos e instruções; Registros; e Escritos particulares isolados. Vejamos cada um deles.

### Resoluções

Sobre a primeira série de manuscritos de Marcelino Champagnat, classificada nos Arquivos dos Irmãos Maristas em Roma (AFM) com o título de “Resoluções”, escreveu o Irmão Alexandre Balko:

Baseando-nos nas notas ou apontamentos datados e levando em conta alguns pequenos detalhes, podemos elaborar uma série de **“marcos espirituais” que vão desde 1810 a 1828**. Se somarmos a isso os poucos dados históricos seguros relativos à juventude de Marcelino Champagnat, chegaremos a descobrir pegadas suficientes como para segui-lo, com bastante certeza, no caminho de sua evolução espiritual. Falar de evolução significa fazer alusão a uma série de mudanças, lutas e progressos. Esta visão se adapta, particularmente, à existência de Marcelino Champagnat, em quem a graça de Deus pode apresentar uma natureza rica e pujante para colocá-la a serviço da Igreja. (Balko, 1983, p. 86, grifo nosso).

---

<sup>2</sup> *Origens dos Irmãos Maristas: Coletânea dos escritos de São Marcelino Champagnat, 1789-1840* é o título da obra organizada pelo Irmão Paul Sester em 2011, fortemente inspirada em *Origines Maristes*, dos padres Jean-Coste e Gaston Lessard. O trabalho realizado por Sester é fruto de mais de 40 anos de pesquisas, catalogação e formações no Patrimônio Espiritual Marista.

As Resoluções, como afirma o Irmão Balko, são, em geral, propósitos feitos por Marcelino Champagnat ao final de um retiro ou em datas especiais, como o aniversário de seu batismo. Por mais simples que pareçam em seu conteúdo, revelam um caminho seguido com seriedade por Marcelino. Mais do que isso, constituem marcos no processo do desenvolvimento de sua espiritualidade pessoal. Ao mesmo tempo, permitem perceber as influências recebidas em sua formação sulpiciana, como o tema do teocentrismo e a abordagem cristológica profundamente marcada pela presença mariana.

## Cadernos

No segundo capítulo de *Origines de Frères Maristes*, Paul Sester classifica como “Cadernos de Champagnat” um conjunto de doze cadernos conservados nos Arquivos dos Irmãos Maristas (AFM). Esses cadernos estão fisicamente separados, encadernados sem títulos – com exceção dos livros contábeis. O conteúdo é diverso, e em muitos deles os mesmos temas se repetem, sobretudo no que diz respeito à escrita da Regra. Dois cadernos servem como livros de contas e receitas e um leva o título de despesas (Sester, 2011, v. 1, p. 41).

Entre os nove cadernos que se diferenciam das anotações contábeis, encontramos uma variedade de assuntos e temas misturados com rascunhos de cartas, sem qualquer homogeneidade – exceto o quinto caderno, que contém exclusivamente artigos da Regra. O Irmão Paul Sester levanta uma hipótese muito interessante: acredita que esses cadernos não refletem o pensamento definitivo do autor, mas o pensamento do momento – por vezes, simples anotações com o intuito de não esquecer um assunto a ser trabalhado ou desenvolvido. Ainda que não revelem um enunciado final, expressam um elemento fundamental em Champagnat: os traços marcantes de sua espontaneidade (Sester, 2011, v. 1, p. 42).

## Cartas e circulares

Para Edith Stein, a verdadeira vida de uma pessoa está escondida em suas cartas. Em sua percepção, elas colocam diante dos nossos olhos aspectos ou facetas de alguém que, de outra forma, permaneceriam para sempre ocultos. Essa foi sua avaliação ao traduzir do inglês para o alemão as correspondências do cardeal Henry Newman (Stein, [1928] 2002, p. 527).

No caso do Instituto Marista, essa afirmação ganha ainda mais peso. Segundo alguns estudiosos do pensamento do padre Champagnat, as cartas revelam o essencial de sua espiritualidade. Embora representem apenas uma parte do que Marcelino escreveu durante sua vida, oferecem uma visão reveladora de sua personalidade, das prioridades de sua missão, das ênfases pastorais, do estilo de liderança, das características relacionais, bem como de suas lutas e desafios (Green, 2017, p. 221).

Na obra *Lettres de Marcellin Champagnat – Cartas de Marcelino Champagnat* –, organizada pelo Irmão Paul Sester, encontram-se 339 cartas divididas da seguinte forma: 109 textos autógrafos, escritos e expedidos por Marcelino ou rascunhos de cartas encontrados em seus cadernos, e 230 minutas ou cópias de cartas. Algumas destas não trazem a assinatura do padre Champagnat, mas são atribuídas a ele em razão do teor e da análise do conteúdo (União Marista do Brasil, 2019, p. 13).

## Sermões, discursos e instruções

Sob o título de “Sermões, discursos e instruções”, encontram-se 35 textos de tamanhos e desenvolvimentos bastante variados. Todos são manuscritos autógrafos de Champagnat, identificados pela caligrafia característica do fundador. O único trabalho acadêmico

dedicado aos sermões do padre Champagnat – *O Bem-aventurado Marcelino Champagnat em suas instruções e em seus sermões inéditos* – foi apresentado pelo Irmão Alexandre Balko na Faculdade de Teologia de Lyon, em 1972.

Nesse estudo, o autor classifica os temas abordados por Champagnat sob quatro perspectivas:

1. Grandes verdades
2. Ano litúrgico
3. Sacramentos
4. Exortações morais

O peso atribuído às grandes verdades reflete o clima vivido durante o período da Restauração e, de certa forma, o rigorismo que marcou a formação de Marcelino e dos primeiros maristas. Seus formadores, Gardette e Cholleton, foram influenciados por uma teologia moral caracterizada pelo legalismo e por uma concepção pessimista e fria da natureza humana, com traços do cartesianismo e do jansenismo<sup>3</sup>. Nesse contexto, Santo Afonso Maria de Ligório era praticamente desconhecido na França. Os autores utilizados nos seminários, Bailly e Poitiers, optavam nitidamente pelo tuciorismo (rigorismo moral) e pelo probabilismo (adequação das normas morais às circunstâncias). Segundo Balko (1972, p. 25), essa formação resultava em uma atitude rigorista e injustamente severa em relação à sexualidade no casamento e aos pecados habituais, levando ao adiamento da absolvição e à rigidez na recomendação à comunhão.

O Irmão Sylvestre, em sua breve biografia do fundador, oferece informações relevantes sobre os autores que serviam de referência

---

<sup>3</sup> Apresento uma pequena contextualização sobre o termo “jansenismo” no capítulo 2, dedicado aos manuscritos do fundador.

doutrinária para Champagnat – o que nos permite perceber que a influência rigorista não foi tão determinante em seu pensamento.

No tocante aos assuntos sobre os quais a Igreja não se manifestara oficialmente, seguia os ensinamentos de conceituados teólogos, grandes em sabedoria e santidade, tais como são Tomás de Aquino, santo Afonso Maria de Ligório e são Francisco de Sales, que ele citava frequentemente nas suas palestras. (Sylvestre, [1886] 2014, p. 298).

Portanto, diferentemente do padre Colin, que carregaria por muitos anos o peso do rigorismo recebido em sua formação no seminário de Lyon, Champagnat demonstrou desde muito cedo uma sensibilidade pastoral que se manifestou sobretudo no confessional: “[...] o padre Champagnat não era nem severo nem indulgente; mantinha posição justa, tanto que todos os penitentes se encantavam com seus conselhos e avisos” (Sylvestre, [1886] 2014, p. 78).

## Registros

Na administração de uma congregação, é essencial manter registros institucionais. Com esse objetivo, o padre Champagnat criou documentos oficiais para formalizar a tomada de hábito, a emissão dos votos e o falecimento dos Irmãos. Esses registros compõem o quinto capítulo da coleção organizada pelo Irmão Paul Sester. Embora tenham grande valor histórico, fornecem pouco material para o estudo da espiritualidade.

## Escritos particulares isolados

O sexto grupo de escritos do padre Champagnat recebeu o nome de “Escritos particulares isolados”. Trata-se de documentos,

oficiais ou não, que versam sobre assuntos diversos – em sua maioria, atos de compra ou venda de edifícios. Apesar de sua natureza administrativa, alguns desses documentos despertam real interesse para o estudo de nossa espiritualidade. Um exemplo significativo é a carta de demissão do padre Champagnat, exigida pelos padres maristas logo após a oficialização e o reconhecimento da Sociedade de Maria, em 1836. Esse episódio será abordado com mais profundidade no próximo capítulo, dedicado aos manuscritos do fundador.

Concluída esta breve apresentação dos manuscritos do padre Champagnat, é natural que surjam perguntas como estas: Por que estudar esses documentos? Como influenciam nossa espiritualidade hoje? Para responder a essas questões, recorro à análise do Irmão Paul Sester, que afirma:

A importância que queremos dar-lhes vem do fato de que o menor texto de uma pessoa revela algo sobre ela e, nesse campo, não temos nenhum excesso para conhecer nosso fundador (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

### **Fontes que provêm dos Irmãos**

As fontes referentes aos Irmãos podem ser classificadas em textos impressos e manuscritos. Embora tenhamos uma profícua bibliografia de livros impressos em nossa tradição marista, há também uma expressiva quantidade de manuscritos – muitos ainda inéditos – que aguardam estudo e possível publicação. Esse acervo supera, em volume, o que conhecemos das origens maristas por meio das obras já divulgadas. Antes de apresentar esses documentos, convém contextualizar brevemente a importância da contribuição dos Irmãos para a consolidação do magistério e da espiritualidade marista.

Nunca foi intenção do padre Champagnat escrever sistematicamente sua concepção sobre a obra dos Irmãos Maristas, nem sua compreensão de espiritualidade. Essa postura está diretamente relacionada ao estilo do nosso fundador, marcado pela ação concreta e pela simplicidade. Enquanto o padre Colin, ao chegar a Cerdon, tinha como principal preocupação redigir a Regra da Sociedade de Maria, o padre Champagnat optou por priorizar a vivência prática: decidiu morar com os Irmãos em La Valla, partilhando com eles o cotidiano e os desafios da missão. A esse respeito, escreve o Irmão Paul Sester:

Sua preocupação não é expor para a posteridade a maneira como concebeu sua obra, nem uma teoria própria sobre a vida religiosa, exceto pelos repetidos esforços para escrever uma Regra. Longe de conceber uma teoria e transmiti-la aos seus discípulos para formá-los dentro de seu ponto de vista, contentou-se em conviver com eles, instruindo-os conforme a vida exigia. Se quisessem guardar essas orientações na memória, que os alunos as escrevessem. (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

Foi isso que aconteceu em nossa tradição espiritual marista. As primeiras sínteses de nossa espiritualidade nascem da interpretação e compilação dos primeiros Irmãos.

Um ponto de atenção merece destaque: ao estudar as origens, percebemos que a construção da literatura espiritual marista é mais complexa do que se imaginava inicialmente. Não se trata apenas da compilação e contribuição do Irmão Jean-Baptiste, mas sim de uma elaboração literária complexa e multifacetada, desenvolvida em etapas sucessivas. De modo geral, o papel fundamental do Irmão Francisco nesse processo foi negligenciado, embora sua atuação tenha sido decisiva para a consolidação dessa tradição.

Para ilustrar essa complexidade, a imagem de um *iceberg* se mostra bastante pertinente. Quando observamos um *iceberg*, geralmente não temos ideia da dimensão da parte submersa – justamente aquela que sustenta toda a estrutura visível. Essa metáfora ajuda a compreender as seis etapas da construção da literatura espiritual marista.



Figura 4 – *Iceberg* com as informações maristas.  
Fonte: Acervo da Província Marista Brasil Centro-Sul.

## Ensino oral

Durante muito tempo, a espiritualidade do Instituto-foi transmitida oralmente. Nesse sentido, os retiros que o padre Champagnat organizava em l’Hermitage desempenharam um papel importante no desenvolvimento da espiritualidade marista.

## Compilação das anotações dos Irmãos

Os Irmãos costumavam tomar notas das palestras e dos retiros proferidos pelo fundador. Parte desse ensinamento foi preservada

por meio das anotações dos Irmãos entregues aos superiores após a morte de Champagnat, o que permitiu conservar, ainda que parcialmente, sua orientação espiritual. Nesse contexto, destaca-se a circular de agosto de 1841, na qual o Irmão Francisco solicita aos Irmãos que recolham e enviem à *casa-mãe* as anotações e instruções deixadas pelo fundador.

### Organização das informações coletadas

Até alguns anos atrás, acreditava-se que apenas o Irmão Jean-Baptiste estivesse envolvido nesse processo. Hoje, no entanto, ao estudar os cadernos do Irmão Francisco, somos levados a crer que ele também participou ativamente dessa tradição, enquanto o Irmão Jean-Baptiste teria assumido a responsabilidade pela redação final dos livros impressos. Além disso, os superiores da época não se limitaram a preservar a doutrina tal como foi transmitida pelo fundador. Ao contrário, contribuíram com interpretações e complementações próprias, o que torna, por vezes, difícil distinguir o que de fato provém de Champagnat e o que foi acrescentado posteriormente.

### Legislação do Irmão Francisco

O Irmão Francisco dá continuidade à tradição iniciada pelo fundador. Dentro da história do Instituto, a circular *Sobre o espírito de fé* ocupa um lugar excepcional – tanto pela extensão quanto pelo longo intervalo de tempo em que foi escrita, entre 1848 e 1853. Essa circular é dividida em quatro partes, cada uma abordando um aspecto específico do tema:

1. Sobre a necessidade do espírito de fé (15/12/1848)
2. O espírito de fé como fundamento das virtudes cristãs (16/07/1849)
3. Uma visão doutrinária do espírito de fé (21/12/1851)
4. Os meios de adquirir o espírito de fé (09/04/1853)

### Textos oficiais impressos do Instituto

Esta etapa é marcada pela publicação dos primeiros textos oficiais do Instituto. Em 1852, por ocasião do II Capítulo Geral, foi publicada as *Regras comuns*; em 1853, o *Guia das escolas*; e, em 1854, as *Regras de governo*. O foco desses documentos está na conclusão da obra de Champagnat. Por isso, dá-se prioridade aos livros legislativos e ao guia pedagógico. Somente mais tarde foram publicados o *Manual da piedade* (1855) e a *Vida do fundador* (1856), que funcionam como síntese e confirmação da literatura espiritual do Instituto.

### Retorno à tradição

Após o reconhecimento jurídico e pontifício do Instituto, tornou-se necessário retomar a tradição. O expressivo crescimento numérico dos Irmãos em um curto período trouxe consigo o risco de perda da tradição e dos valores das origens. É nesse contexto que se inserem os seguintes escritos do Irmão Jean-Baptiste: *Princípios da perfeição cristã* (1863), *Diretório da sólida piedade* (1863), *Conselhos, sentenças e instruções de Marcelino Champagnat* (1868), *Biografia de alguns irmãos* (1868), *O bom superior* (1869), *Meditações sobre a Paixão de Jesus Cristo* (1870) e *Meditações sobre a Encarnação* (1875) – esta última publicada postumamente.

O projeto de retorno às tradições, embora sólido e robusto do ponto de vista histórico e do manejo das fontes, não foi plenamente acolhido pela nova geração de Irmãos. O desafio que se apresentou para eles – e que permanece atual – é a necessidade de uma leitura contextualizada, que vá além dos limites do gênero ascético e hagiográfico. Somente por meio dessa abordagem é possível redescobrir as fortes intuições que marcaram as origens e que continuam a inspirar profundamente a espiritualidade marista.

### Visão conjectural das origens maristas

Por fim, o que se passou na construção da literatura espiritual marista merece ser comparado ao processo de elaboração dos Evangelhos. Assim como não podemos nos limitar a um único evangelista para obter uma visão completa de Jesus, o mesmo se aplica à redescoberta do fundador. É necessária uma visão de conjunto, que leve em consideração não apenas os escritos dos Irmãos Jean-Baptiste e Francisco, mas também os testemunhos daqueles que representam a tradição oral do Instituto – entre eles, os Irmãos Sylvestre e Avit.

O que ainda temos por descobrir? Parte das instruções e anotações sobre os ensinamentos do fundador – que se pensava estarem perdidas – foi coletada a pedido do Irmão Francisco e serviu de base para a redação dos livros oficiais maristas. É possível que esse material corresponda justamente à coleção dos **cinco volumes dos escritos do Irmão Jean-Baptiste** e parte dos 13 **cadernos do Irmão Francisco**. Assim como ocorre com os evangelhos sinóticos, esses manuscritos têm semelhança em vários temas, incluindo a instrução sobre o “espírito do Instituto” – termo que hoje equivale ao que denominamos espiritualidade marista.

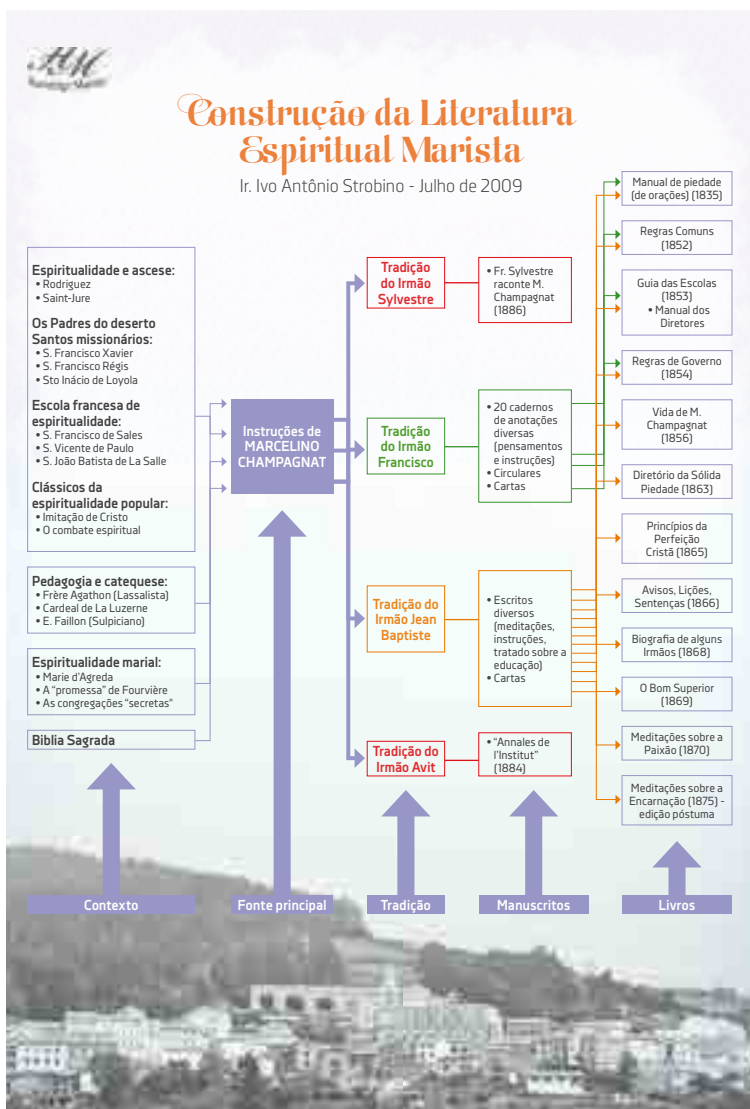


Figura 5 – Gráfico com as fontes da tradição espiritual marista.  
Fonte: Acervo pessoal do Irmão Ivo Antônio Strobino.

## Alguns textos de nossa tradição

Um recurso muito importante para o estudo das origens da espiritualidade marista é a interseção entre os textos do fundador e os manuscritos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste Furet. Nesse sentido, o Irmão Francisco oferece uma vantagem significativa: ele fixa a data de algumas de suas informações em uma espécie de diário, preservando, em grande parte, os esquemas originais dos Irmãos nas notas dos retiros e nas instruções sobre Champagnat. Graças a esse trabalho minucioso, foi possível reconhecer o papel central dos retiros na formulação e consolidação da espiritualidade marista.

A seguir, é possível visualizar uma tabela com a lista de todos os retiros realizados nas casas de La Valla e l'Hermitage, entre 1819 e 1840, além da linha do tempo que detalha os principais acontecimentos desse período.

Conforme descritos nos cadernos do Irmão Francisco (AFM 5101.302, p. 121):



Figura 6 – Manuscrito do Caderno 302 do Irmão Francisco, AFM 5101.302, p. 121.

Fonte: Acervo Instituto dos Irmãos Maristas.

**Tabela 1 – Retiros realizados nas casas de La Valla e l'Hermitage**

| <b>Ano</b>    | <b>Local</b> | <b>Pregador</b>               |
|---------------|--------------|-------------------------------|
| 1819 até 1822 | La Valla     | Champagnat                    |
| 1824          | La Valla     | Courveille                    |
| 1825          | L'Hermitage  | Verrier                       |
| 1826          | L'Hermitage  | Champagnat e Terraillon       |
| 1827          | L'Hermitage  | Séon – Collin                 |
| 1828          | L'Hermitage  | Jalon – Déclat                |
| 1829          | L'Hermitage  | Jalon – Déclat                |
| 1830          | L'Hermitage  | Champagnat-Bourdin-Terraillon |
| 1831          | L'Hermitage  | Champagnat-Bourdin-Terraillon |
| 1832          | L'Hermitage  | Padre Augry – Jesuíta         |
| 1833          | L'Hermitage  | Padre J. – Jesuíta            |
| 1834          | L'Hermitage  | Padres jesuítas               |
| 1835          | L'Hermitage  | Pitorcal (?)                  |
| 1836          | L'Hermitage  | Padre Maître-Pierre           |
| 1837          | L'Hermitage  | Padre Chanut                  |
| 1838          | L'Hermitage  | Padre Colin                   |
| 1839          | L'Hermitage  | Padre Epalle                  |

Fonte: Cadernos do Irmão Francisco (AFM 5101.302, p. 121).

## **Linha do tempo dos retiros realizados nas casas de La Valla e l'Hermitage**

|                   |                                                                                                                                                                          |
|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| De 1819<br>a 1822 | Realizaram-se retiros em La Valla, tendo como pregador o padre Champagnat.                                                                                               |
| Em 1824           | O retiro foi conduzido pelo padre Courveille, então superior da casa.                                                                                                    |
| Em 1826           | Em razão da crise que se instalou nesse ano, o retiro foi pregado por Champagnat e Terraillon.                                                                           |
| De 1827<br>a 1831 | Os retiros foram orientados pelos aspirantes a padres maristas.                                                                                                          |
| De 1832<br>a 1835 | O momento de crise se aprofundou, com um distanciamento dos padres maristas em relação aos Irmãos. Nesse período, os retiros foram pregados pelos padres jesuítas.       |
| Em 1836           | Há indícios de superação da crise que se instalou 10 anos antes. Como resultado, a Sociedade de Maria e a profissão de Champagnat como padre marista foram reconhecidas. |
| Em 1839           | Aconteceu o último retiro com a presença do padre Champagnat, pregado pelo padre Epalle, futuro bispo e mártir da Oceania.                                               |

É preciso observar com maior atenção os retiros atendidos pelos Irmãos durante o período de fundação e consolidação do Instituto Marista. Graças ao trabalho dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste, é possível acompanhar os temas que, gradualmente, foram sendo incorporados ao magistério marista e, por consequência, assimilados pela nossa espiritualidade. Os textos a seguir representam uma pequena amostra de temas importantes que foram inseridos em nossa tradição espiritual marista e, posteriormente, integrados ao magistério e ao ensino oficial pelos superiores-gerais. Para esta breve análise, utilizaremos preferencialmente os manuscritos do Irmão Francisco.

## A presença de Deus

Começemos abordando o tema da presença de Deus. Se nos baseássemos apenas nos manuscritos preservados do fundador, sem acesso aos cadernos do Irmão Francisco, poderíamos pensar que o tema da presença de Deus surgiu tardiamente na espiritualidade marista. No entanto, graças a um estudo comparativo de seus cadernos, é possível datar que, já em 1819 – apenas dois anos após a fundação do Instituto –, esse tema era tratado nos retiros conduzidos por Champagnat. No Caderno 302 encontram-se as primeiras anotações do Irmão Francisco. São registros feitos por um adolescente, pois Francisco tinha apenas 11 anos na época. Ao observar o esboço de sua caligrafia e compará-lo com as páginas seguintes, conclui-se que se trata de suas primeiras incursões em um projeto que o acompanharia por toda a vida: as anotações feitas com base em suas inúmeras leituras.

Observemos o texto:

Lembrarei da **presença de Deus**... ao rezar, ao dar aulas, ao caminhar, em meus recreios, ao fazer minhas refeições e... agindo

em tudo com uma santa modéstia para a glória de Deus, a honra de Maria e o bem da Religião (AFM 5101.302, p. 1, grifo nosso).

Trata-se de um tema importante e recorrente no cenário religioso dos séculos XVI ao XIX. Nosso interesse está na forma como esse tema foi assumido pelo padre Champagnat e pelos primeiros maristas.



Figura 7 – Manuscrito do Caderno 302 do Irmão Francisco, AFM 5101.302, p. 1.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

No retiro pregado pelo padre Séon, em 1828, Francisco anotou:

Oração, resolução, ofício, preocupação, **presença de Deus**, cuidado com o corpo, amargura, pensamentos, palavras em relação ao próximo. Igualdade de espírito, poucos movimentos. **Caminhar, permanecer na Igreja**. Exame, honestidade. União e recurso a Jesus, a Maria, aos anjos, aos santos; **fidelidade à regra** nos pequenos pontos assim como nos grandes. Energia de ação e vontade. Exatidão em fazer cada coisa de acordo com a regra, da maneira mais perfeita para a maior glória de Deus; humildade, simplicidade, modéstia, zelo, caridade universal. (AFM 5101.302, p.150, grifo nosso).

Em uma congregação que começa a se estruturar do ponto de vista de sua espiritualidade, percebemos que o tema da presença de Deus vai ganhando força em meio a outras preocupações, como o cumprimento da Regra e o sentimento de pertença à Igreja. No retiro de 1829, pregado pelos padres Jalon e Déclas (aspirantes maristas), o tema da presença de Deus volta a ocupar posição central. Por meio da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (15,10), o Irmão Francisco insere o exercício da presença de Deus na vivência da graça e, de maneira surpreendente, relaciona-o com o texto de Atos dos Apóstolos (17,28): “O principal fruto que espero retirar deste retiro será *Gratia Dei mecum* (1Cor 15): 1º) Lembrar-me internamente três ou quatro vezes mais por dia da presença de Deus: *In ea movemur, vivimus et sumus* (Atos 17). Ou seja, a graça de Deus está comigo, pois nele nos movemos, vivemos e somos”. Essa citação é muito importante, pois confirma o relato do Irmão Sylvestre sobre a maneira como o padre Champagnat conduzia a meditação dos Irmãos.

Em primeiro lugar, é de ressaltar como estava bem arraigada no coração e no espírito de nosso piedoso fundador a sua

convicção da presença de Deus. Pode-se dizer que essa santa presença era a alma de sua alma, o alimento de sua piedade. (Sylvestre, 2014, p. 46).

Quando o ano escolar de 1824 estava próximo do fim, todos os Irmãos que haviam ajudado na construção começaram a planejar o retorno aos seus postos. Antes da partida, o padre Champagnat lhes pregou um retiro de oito dias, sugerindo resoluções para bem viver o ano seguinte. Entre elas, destacou como principal a prática habitual do exercício da presença de Deus, que, para ele, era um meio eficaz de alcançar a perfeição religiosa (Sylvestre, 2014, p. 159).

Durante a construção de l'Hermitage, enquanto os Irmãos ainda permaneciam em La Valla, o tema da presença de Deus foi se consolidando como a forma habitual com que Champagnat incutia nos corações dos Irmãos a vivência integrada de uma profunda vida espiritual. Mais do que uma simples prática de piedade, a presença de Deus, para Marcelino, era o meio eficaz de traduzir uma espiritualidade concreta e encarnada na vida cotidiana. Essa orientação espiritual esteve na base do desenvolvimento de Irmãos com uma profunda vida mística, como Louis, Dorothee, Jean-Pierre Martinol e Francisco.

### **Tudo a Jesus por Maria**

Para alguns Irmãos especialistas no estudo da história marista, o lema “Tudo a Jesus por Maria” não teria origem direta em Champagnat, pois não aparece nas fontes primárias. Segundo essa perspectiva, o lema teria sido adotado tardiamente por seus discípulos. No entanto, essa posição desconsidera a importância de recorrer a fontes complementares na reconstrução da história de nossas origens.

Se considerarmos que a primeira carta de Champagnat disponível data de 1823, e que a secretaria do Instituto só começou a funcionar em 1836, compreendemos por que o Irmão Lanfrey cunhou esse período como “os anos obscuros das origens maristas”. Para atenuar essa lacuna significativa, podemos recorrer aos cadernos do Irmão Francisco, que registrou detalhadamente todos os retiros realizados durante a vida do padre Champagnat, bem como de algumas das divisas maristas que foram sendo estabelecidas ao longo da organização da Congregação.

A expressão “Tudo a Jesus por Maria” é um exemplo que segue o lema da Sociedade de Maria, como podemos ver na seguinte anotação do irmão Francisco: “Tudo para a maior glória de Deus e honra de Maria. **Tudo a Jesus por meio de Maria, tudo a Maria por meio de Jesus**” (AFM 5101.302, p. 127, grifo nosso). Essa citação vem de um retiro dado pelos padres Séon e Colin, iniciadores da Sociedade de Maria, em 1827. O lema aparece duas vezes no Caderno 302, sendo posteriormente registrado nos primeiros livros impressos do Instituto. Em 1831, o padre Pompallier pregou o retiro. E novamente, um dado curioso: a expressão aparece em um retiro conduzido por um aspirante da Sociedade de Maria. O texto em questão inicia com uma reflexão sobre o capítulo 15 do Evangelho de Lucas – a perícopa do filho pródigo. Com base nessa passagem, o pregador parece inculcar nos Irmãos a centralidade de Deus na vida cristã. Servindo-se de um texto de Santo Inácio, o Irmão Francisco escreve: “Colocarei em Deus toda a minha glória. Eu o louvarei e glorificarei em tudo e em todos os lugares, e me esforçarei para ser sempre agradável a Ele. Que todos os corações o amem, que todas as línguas o bendigam!” (AFM 5101.302, p. 234).



Figura 8 – Manuscrito do Caderno 302 do irmão Francisco, AFM 5101.302, p. 127.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Na conclusão de sua reflexão, Francisco aponta o risco da separação de Jesus e Maria, dos santos e de seus verdadeiros pais espirituais. Ele interpreta a perda do filho pródigo relacionando-a diretamente à pessoa de Jesus e de Maria. Dessa forma, conclui: “Ó dor! Ser separado de Jesus, de Maria e dos santos, de meus queridos pais e irmãos, para ser confundido com os malfeitores! E isso por toda a eternidade! Que destino! [...] **Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus**” (AFM 5101.302, p. 237, grifo nosso). É importante destacar a proximidade entre a expressão “Tudo a Jesus por Maria” e a divisa marista: “Tudo para a maior glória de Deus e honra de Maria”. Esse parece ser o contexto mais adequado para compreender o verdadeiro sentido da expressão. Com o passar do tempo, ela foi se deslocando de seu lugar original, assumindo um caráter mais devocional e se afastando do teocentrismo presente nas origens. Ainda assim, carrega consigo o peso da teologia e da espiritualidade beruliana, na qual Jesus nunca está separado de Maria. Trata-se, portanto, de uma tentativa de síntese do carisma marista realizada por seus discípulos – mesmo que essa expressão também seja encontrada em outros autores e obras da época, o que reforça nossa hipótese.

### *Nisi Dominus*

A expressão *Nisi Dominus* (A menos que o Senhor), tomada do Salmo 126, remete a um dos elementos constitutivos da espiritualidade pessoal de Marcelino Champagnat e, posteriormente, dos primeiros Irmãos Maristas:

Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão seus construtores; Se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão as sentinelas! É inútil levantar de madrugada, ou

à noite retardar vosso repouso, para ganhar o pão sofrido do trabalho, que a seus amados Deus concede enquanto dormem (SI 126, 1-2).

As origens da expressão no pensamento do padre Champagnat remetem a duas construções complementares: uma de ordem espiritual e mística – a Sociedade de Maria – e outra como materialização desse sonho – a construção do l’Hermitage de Nossa Senhora, centro espiritual da nascente Sociedade dedicada à Virgem. Em 1824, com a chegada do administrador apostólico de Lyon, dom Gaston de Pins, Marcelino obteve um apoio decisivo para sua obra: foi autorizado a fornecer um hábito religioso para seu Instituto e recebeu permissão para adquirir o terreno de l’Hermitage. Além disso, em um gesto de confiança e benevolência, o bispo autorizou a vinda do padre Courveille para auxiliar Marcelino no governo dos Irmãos (Lanfrey, 2015, p. 99-100).

Os meses que se seguiram foram de intensos trabalhos para Marcelino e os Irmãos que auxiliavam os pedreiros contratados na construção do edifício de l’Hermitage. Assim como ocorrera na reforma da casa de La Valla, surgiram diversas narrativas – sobretudo da tradição oral – que colocam Marcelino como o principal responsável por toda a obra, destacando-se por uma força incomum nos trabalhos mais exigentes.

Embora o padre Champagnat contasse com o apoio de dom Gaston de Pins, parte do clero censurou a construção de l’Hermitage:

Quando o projeto da transferência da comunidade e da construção de uma vasta moradia veio a público, deu-se nova explosão de censura, críticas, invectivas e ofensas que superou talvez o que ocorrera na fase mais tempestuosa do Instituto. A aprovação que o arcebispo outorgara a essa obra, o apreço e a

cordialidade com que distinguia seu fundador, nada conseguiu sustar a efervescência dos espíritos e a perversidade das línguas. O projeto foi tachado de loucura e os próprios amigos do Pe. Champagnat o reprovaram, nada poupando para pressioná-lo a desistir. (Furet, [1856] 1999, p. 117).

Há uma referência bastante misteriosa envolvendo o padre Nicolas-Augustin de la Croix d'Azpolette, que advertiu Champagnat de que sua obra era inútil. O futuro arcebispo de Auch encarregou um amigo de entregar ao padre Marcelino a seguinte mensagem: “Diga ao padre Champagnat que ele está construindo à toa” (Coste; Lessard, v. 1, doc. 160, p. 386). Esses dissabores contrariaram e entristeceram profundamente Marcelino. Ainda assim, o edifício foi concluído no verão de 1825. No entanto, o esforço rigoroso dedicado à construção de l’Hermitage, somado às viagens exaustivas às escolas dos Irmãos por volta da festa de Todos os Santos (1º de novembro), levou o fundador a um verdadeiro colapso físico e mental<sup>4</sup>.

A partir de 26 de dezembro, com o agravamento da saúde de Champagnat, espalhou-se a notícia sobre a possibilidade de sua morte. Pouco depois, em 6 de janeiro de 1826, foi lido seu testamento. O padre Terraillon, aspirante marista designado pela Arquidiocese para auxiliar o padre Champagnat na comunidade de l’Hermitage, recusou-se a ser seu signatário. No entanto, graças à intervenção do Irmão Estanislau, o padre Verrier, amigo de Champagnat, aceitou assumir a responsabilidade pelo documento. Nesse mesmo período, muitos credores passaram a cobrar seus empréstimos junto à comunidade de l’Hermitage. Para acalmar a situação, o pároco de Saint-Chamond, padre Dervieux, efetuou o pagamento de 6 mil

---

<sup>4</sup> Sobre a crise de 1826 e sua importância para a espiritualidade marista, ver capítulo 3, a seguir.

francos referentes aos títulos mais urgentes. Além disso, foi ele quem convidou Champagnat a se restabelecer em sua casa paroquial, onde poderia receber cuidados mais adequados. Enquanto isso, a comunidade de l'Hermitage ficou sob a responsabilidade dos padres Courveille e Terraillon.

A crise instaurada entre os Irmãos e esses dois padres foi, inclusive, uma surpresa para Marcelino Champagnat. Uma possível hipótese para essa tensão pode ser encontrada no início da formação da primeira comunidade de La Valla. Desde o princípio, Champagnat favoreceu a autonomia da comunidade e a incentivou entre os Irmãos, promovendo, por exemplo, a eleição para escolha de seu primeiro diretor, o Irmão Jean-Marie. Outras funções, como a de mestre de noviços, também foram distribuídas entre os Irmãos. Com a chegada dos padres, porém, criou-se certo desequilíbrio nesse cenário. A tutela exercida pelos padres Courveille e Terraillon não foi bem acolhida pelos Irmãos – especialmente pelos mais antigos, que carregavam a tradição das origens, com destaque para o Irmão Estanislau.

O resultado de tudo isso foi o fracasso da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria na diocese de Lyon. Em 1826, o padre Courveille foi afastado da comunidade de l'Hermitage após se envolver com um noviço, enquanto o padre Terraillon, na primeira oportunidade, deixou a comunidade e não retornou. A queda do padre Courveille representou o golpe mais duro de toda a crise daquele ano. Para Marcelino, ele era o grande idealizador da Sociedade de Maria. Havia entre os dois uma profunda proximidade espiritual, já que ambos eram oriundos da diocese do Puy – importante santuário mariano onde Courveille recebeu a inspiração para fundar a Sociedade de Maria. Diante disso, a queda de Courveille colocou o padre Champagnat em uma situação inesperada. Comenta Lanfrey:

Esse fracasso de 1824 a 1826, na verdade, é o da sociedade sonhada em 1816 por Courveille, mas também por Champagnat. Courveille não compreende logo que não é o fundador da sociedade agora constituída (irmãos); Champagnat ainda não percebe que o fundador é ele. Em todo caso, os dois não duvidaram que, ajuntando padre e irmãos na mesma casa, trabalhariam para a Sociedade de Maria. Os irmãos lembram a eles, entretanto, que também têm suas próprias ideias: uma hierarquia de funções, mas um companheirismo fundamental, como foi praticado desde a origem (Lanfrey, 2017, p. 346).

Os rascunhos das cartas de Champagnat de 1827 (Caderno 132.02) confirmam parcialmente os ataques de seus inimigos. Se, se por um lado, houve êxito com o término da construção do prédio físico, o mesmo não se pode dizer do edifício espiritual – o protótipo da primeira Sociedade de Maria, iniciado por Courveille e Champagnat na diocese de Lyon. Essa construção não resistiu. Ao refletir sobre os reais motivos desse fracasso, Champagnat se resigna em Deus e recrimina o abandono dos primeiros construtores: os padres Courveille e Terraillon. Contudo, ao voltar o olhar com atenção para os Irmãos, percebemos que Champagnat também perdeu colaboradores da primeira hora, como Jean-Marie Granjon e Etienne Roumésy. Segundo ele, estes também não fizeram o trabalho de Deus.

Em 1827, em um rascunho de carta endereçado ao padre Philibert Gardette, Champagnat revive a dor causada pela saída de Courveille e Terraillon. Ao mesmo tempo, recorda-lhe a importância da missão e da formação dos Irmãos, compartilhando sua preocupação de que eles não sejam abandonados à própria sorte ao serem enviados às comunas. Ele encerra a carta com um apelo de confiança, evocando o Salmo 126:

Termino pedindo-lhe de não me esquecer em suas orações, porque mais do que nunca verifico a verdade daquele dito do profeta: *Nisi Dominus aedificaverit domum in vanum laboraverunt qui [...]* (Champagnat, [1827] 2019, doc. 3, p. 92, grifo nosso).

Em maio de 1827, o padre Champagnat solicitou ao vigário-geral de Lyon, padre Barou, o envio de mais um sacerdote para l’Hermitage, sugerindo o nome do padre Étienne Séon. Apesar de sua confiança em Deus – especialmente no que diz respeito à obra dos Irmãos –, Champagnat não demonstrava a mesma certeza quanto ao seu próprio papel como fundador: “[...] Deus quer essa obra, mas aí de mim!, talvez Ele queira outros homens para estabelecê-la” (Champagnat, [1827] 2019, doc. 7, p. 98). Na espera por um colaborador que verdadeiramente amasse a obra dos Irmãos – em contraste com a atitude dos padres Courveille e Terraillon –, Champagnat escreve, mais uma vez, a expressão que traduz sua entrega confiante: “*Nisi Dominus*” (Champagnat, [1827] 2019, doc. 7, p. 100, grifo nosso).

Todos esses acontecimentos se desenrolam em meio à reorganização da fundação dos Irmãos em l’Hermitage. Em 1826, Champagnat reformulou a associação dos Irmãos e introduziu os votos perpétuos, criando uma espécie de elite de discípulos. Nessa nova configuração, a participação dos sacerdotes passou a se limitar à celebração dos sacramentos e a uma direção espiritual compartilhada com o superior dos Irmãos. Progressivamente, Champagnat foi assumindo o papel de fundador dos Irmãos, sem, contudo, deixar de trabalhar pela realização da obra dos padres maristas – desejo que permanecia vivo no mais profundo do seu ser (Furet, [1856] 1999, p. 189).

Do ponto de vista espiritual, o *Nisi Dominus* representa uma das grandes originalidades da mística pessoal de Marcelino. A

imagem da construção, nesse contexto, não é apenas simbólica – é também concreta. Ao pronunciar *Nisi Dominus*, Champagnat faz referência direta à construção de l’Hermitage e à ruína da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria. Coincidentemente, é a partir desse momento que começa a tomar corpo, dentro do Instituto, a ideia da humildade marista.

No estudo histórico sobre as origens da espiritualidade de Champagnat e dos primeiros Irmãos maristas, Lanfrey afirma que é possível constatar essa dimensão já em 1827, nas anotações do Irmão Francisco sobre as conferências dedicadas à humildade.

1. **A humildade é a raiz, o fundamento**, a cuidadora, a guardiã inata de todas as virtudes [...] (Rodriguez, 2ª parte, 2º tratado).
2. A humildade gera e mantém as virtudes. [...]
3. Por boas que sejam as obras que conseguimos realizar, elas nada valem se não forem acompanhadas pela humildade.
4. O orgulho é o ponto de partida para qualquer pecado (Ecl 10).
5. Meu Deus, eu só conseguirei ser humilde, se o Senhor me conceder a humildade. Eu a imploro ao Senhor.
6. Aprendam comigo a serem doces e humildes de coração. Sim, divino Jesus! É a isso que quero sinceramente me dedicar pelo resto da minha vida. O Senhor me chamou a um Instituto cujo caráter próprio é a **humildade e que leva o nome de Maria, sua querida Mãe, tão pura, tão humilde**. Ó humildade! Virtude de Jesus e de Maria! Seja sempre meu maior prazer! (AFM 5101.302, p. 147, grifo nosso).

Graças ao trabalho do Irmão Francisco, que registrou as conferências e os retiros do padre Champagnat, é possível estabelecer uma data aproximada para o início da construção da doutrina sobre a humildade marista, por meio da experiência do *Nisi Dominus* vivida pelo fundador. Essa construção doutrinal e espiritual será posteriormente referendada em outras anotações do próprio Irmão Francisco (Caderno 307, p. 131-180), bem como nos manuscritos do Irmão Jean-Baptiste (Écrits 3, p. 103-147; Écrits 4, p. 332-398).

É possível, portanto, que o elemento distintivo da espiritualidade marista – seu espírito e caráter definidor – seja a síntese da grande experiência vivida na crise de 1826 pelo padre Champagnat e pelos Irmãos que habitavam a casa de l’Hermitage. A humildade nasce da vivência da perda de toda certeza humana, da quase total ruína da obra marista, e do aniquilamento sentido na própria carne por Marcelino ao perder aquele que acreditava ser o líder do projeto marista. Um rascunho de correspondência, possivelmente enviado ao padre Cholleton por ocasião de uma proposta de fusão entre a obra de Champagnat e o Instituto de Irmãos do padre Querbes, em 1833, revela a profundidade dessa experiência e a confusão que se abateu sobre o espírito de Marcelino durante essa provação:

Nefasta opção foi a que levei a cabo, aconselhado pelo padre superior, indo a Epercieux buscar o padre Courveille. Ó dia realmente nefasto, capaz de deitar abaixo uma instituição, caso não estivesse solidamente amparada pelo braço forte **da divina Maria!** Durante uma doença grave e prolongada, estando eu afogado em dívidas, quero constituir o padre Terraillon meu herdeiro universal. O padre Terraillon recusa minha herança, dizendo que eu nada tenho, ao mesmo tempo que não para de bisbilhotar com o padre Courveille, junto aos irmãos: “Não demora que os credores virão expulsar vocês daqui. Quanto

a nós, é só aceitar uma paróquia e largar de vocês”. **Por fim, Deus em sua infinita misericórdia** – ai! que digo? –, talvez em sua justiça, me devolve por fim a saúde. Tranquilizo meus filhos; **digolhes que nada temam, que eu compartilharei de todos os seus dissabores, partilhando até o último pedaço de pão [...]** Com o afastamento do padre Courveille e a saída do padre Terraillon, fiquei sozinho; porém, **Maria não nos abandona**. Aos poucos vamos pagando as dívidas, outros coirmãos vêm tomar o lugar dos primeiros. Estou sozinho para pagar a custas da manutenção deles. **Maria nos ajuda e isso nos basta**. (Champagnat, [1833] 2019, doc. 30, p. 150-152, grifo nosso).

O texto do ritual para o pedido do hábito religioso, encontrado no Caderno 132.01, reforça essa síntese entre o nada do humano e o tudo de Deus, em que Jesus e Maria são apresentados como os verdadeiros tesouros da Congregação: **“Desejamos que Jesus e Maria sejam o nosso único tudo e que todo o resto não seja mais nada”** (Sester, 2001, p. 237, grifo nosso). Essas mesmas expressões serão retomadas por Champagnat na circular de 10 de agosto de 1833: **“Desejo que Jesus e Maria sejam sempre o único tesouro de vocês**. Se estiverem progredindo na perfeição tanto quanto eu desejo, progredirão muito” (Champagnat, [1833] 2019, doc. 29, p. 147, grifo nosso).

Nos cadernos e nas cartas pessoais do Irmão Francisco, a expressão *Nisi Dominus* aparece como um ensinamento já consolidado, sendo recordada pela primeira vez durante o retiro de 1829 – dois anos após sua primeira menção nas correspondências do fundador. Trata-se de um texto contido no Caderno 302, encontrado junto a um poema do padre Cholleton, copiado por Francisco. Ao analisar as imagens desse caderno, é possível perceber uma leve mudança

na cor da tinta e na caligrafia, o que sugere um possível acréscimo tardio da expressão *Nisi Dominus*.

Todas as minhas ações serão feitas em Jesus. Acordado, meus olhos não verão senão a Jesus; em sonhos, não terei outro assunto senão Jesus. Meu livro e doutor, eu os encontro em Jesus. Quando eu escrever, minha mão será guiada por Jesus, que escreverá o belo nome Jesus. Quer eu esteja caminhando ou não, estarei com Jesus. Quando eu quiser rezar, será para Jesus. Todos os meus momentos de descanso não se farão senão em Jesus. Na fome e na sede, eu viverei em Jesus. Nos meus achaques, Jesus será meu médico e o remédio será o amor de meu Jesus. Quando eu morrer, morrerei em Jesus. Minha última palavra será o santo nome de Jesus. Para fechar meus olhos, não quero outro que Jesus. Não quero outra sepultura que não seja o coração de Jesus. O epitáfio na minha sepultura será: Repousa em Jesus. **Tudo o que não vem do espírito de Deus não é firme e cedo desaparece. *Nisi Dominus aedificaverit*.** (AFM 5101.302, p. 220, grifo nosso).

A proximidade com os acontecimentos que marcaram o evento do *Nisi Dominus* na vida de Marcelino Champagnat parece refletir profundamente na espiritualidade dos primeiros Irmãos – especialmente na de Francisco –, se considerarmos que a citação foi registrada no mesmo ano do retiro. Na hipótese de se tratar de um acréscimo posterior, a presença da expressão reafirma a centralidade de Jesus e o primado de Deus na vida marista, pois tudo o que não provém verdadeiramente do Espírito de Deus perece rapidamente. Confirma-se, assim, o primado de Deus na espiritualidade tanto do fundador quanto de Francisco, evidenciado pelo acréscimo da expressão *Nisi Dominus*.

Há uma série de outros textos de Francisco que fazem alusão ao *Nisi Dominus*. No entanto, encerramos com a reflexão encontrada

no Caderno 308, intitulado pelo Irmão Lanfrey como “caderno de instruções”, que remonta aos ensinamentos do padre Champagnat. Nesse caderno, Francisco posiciona de maneira central a dimensão do *Nisi Dominus*, apresentando-a como expressão **da obra de Deus, da obra de Maria**, e da razão de ser do Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

Nosso querido e venerado fundador também sempre nos pregou, por meio de palavras e exemplos, a necessidade e a importância da oração. Antes de empreender esta obra de providência e zelo que somos chamados a continuar, afirmar e propagar, ele costumava dizer a Deus: “Meu Deus, se não for da sua vontade que eu empreenda esta obra, tire de mim o pensamento e o meio para fazê-lo”. E desde a sua fundação: “Meu Deus, sustente esta pequena obra e faça-a prosperar, se ela estiver nos desígnios da sua divina Providência; mas se for apenas uma obra puramente humana, destrua-a, faça-a dissolver, que ela caia, mesmo para minha confusão”. **Quantas vezes ele não nos disse e repetiu essas palavras do Salmo 126: “Nisi Dominus ædificaverit domum etc.”** Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia aquele que a guarda! Ele voltava frequentemente a isso para nos engajar a nunca contar conosco mesmos, nem em nossos esforços, mas a nos apoiar unicamente na ajuda e proteção daquele que opera tudo em todos. (AFM 1501.308, p. 1043, grifo nosso).

## O espírito do Instituto: a origem das “violetas maristas”

Para descrever o que hoje denominamos espiritualidade marista, Champagnat e os primeiros Irmãos Maristas utilizaram a expressão **“o espírito do Instituto”** (Lanfrey, 2021, p. 5). Trata-se da primeira síntese sobre o caráter definidor da espiritualidade marista, e podemos encontrá-la nos manuscritos dos Irmãos Francisco e Jean-Baptiste.

A circular *Sobre o espírito de fé* (1848-1853) tem o mérito de tornar público e oficializar, por meio da escrita, o ensino da tradição oral sobre o “espírito do Instituto”.

Com efeito, **o espírito dos irmãos de Maria, seu caráter distintivo, deve ser um espírito de humildade e de simplicidade** que os leva, a exemplo da Santíssima Virgem, sua Mãe e Modelo, a ter uma predileção especial pela vida oculta, pelos empregos humildes, pelos lugares e classes mais pobres, que os façam praticar o bem sempre e em toda parte, sem barulho nem brilho, que os afeiçoem a um ensino modesto e restrito, mas sólido e religioso. Ora, ainda para isto, quanto precisamos do espírito de fé! (*Circulaires*, [1848] 1914, v. 2, p. 21, grifo nosso).

Essa afirmação sobre o espírito do Instituto é uma passagem crucial, pois retoma um ensinamento cristalizado na tradição dos “antigos Irmãos” e, ao mesmo tempo, está profundamente alinhada com as anotações do próprio Irmão Francisco e do Irmão Jean-Baptiste Furet. Para utilizar uma imagem do historiador Michel de Certeau, ao realizar uma arqueologia de nossas origens, descobrimos os fundamentos daquilo que, ainda hoje, é amplamente conhecido como as **três violetas maristas**: humildade, simplicidade e modéstia.

O ponto central da instrução é a **humildade**; dela derivam a simplicidade e a modéstia. Maria é o referencial e o modelo de como os Irmãozinhos devem vivenciar essa virtude. De certa forma, ela está na base da instrução que apresenta Maria como modelo de humildade, como escreve Francisco:

Maria tinha baixos sentimentos de si mesma; ela só via o nada que ela era e mantinha-se diante de Deus em humildade e aniquilação profunda. Maria pratica uma intensa humildade em suas palavras e ações; ela se reveste a tal ponto com o véu da humildade que sempre foi desconhecida do mundo, desprezada por ele e vista

por todos como uma mulher ignorante, como uma pessoa de poucos méritos, inútil para o mundo. (AFM 5101.308, p. 544).

Maria, embora participe do mistério da encarnação de seu filho Jesus, deixa claro, no *Magnificat*, sua condição de criatura. Na tradução da Bíblia de Jerusalém, lemos: [...] “Porque olhou para a humilhação de sua serva” (Lc 1,48). Segundo Lanfrey, por ser consciente do seu nada diante de Deus, Maria escolhe uma vida desconhecida e oculta – temas caros à escola beruliana de espiritualidade (Lanfrey, 2021b, p. 13).

Acreditamos que há uma ligação profunda entre a experiência vivida com o *Nisi Dominus* e a formulação posterior do **espírito do Instituto**. Essa experiência do nada não é teórica nem meramente intelectual: trata-se de uma vivência concreta, experimentada por Marcelino e por aqueles que sonharam com a Sociedade de Maria em 1816. A crise de 1826 funciona como um evento purificador, que corrige certo voluntarismo presente nos primeiros anos do sacerdócio de Champagnat. Por outro lado, foi crescendo nele a certeza de que a obra dos Irmãos – e mesmo a dos padres – era, de fato, a **obra de Maria**. Nessa perspectiva, podemos ler a carta de 1833 ao padre Cholleton: “Ó dia realmente nefasto, capaz de deitar abaixo a obra, caso a divina Maria não a sustentasse com a força do seu braço” (Champagnat, [1833] 2019, doc. 30, p. 151). Nessa obra, os homens são importantes, porém, não imprescindíveis (Furet, [1856] 1999, p. 214).

A primeira parte da circular *Sobre o espírito de fé* termina contemplando o caminho do coração de Cristo, marcado pela doçura e pela simplicidade de quem se faz criancinha. Essa mística do abandono está, de certa forma, ligada a uma atitude de infância espiritual – muito presente no conjunto das cartas pessoais do Irmão

Francisco, especialmente na direção espiritual dos jovens Irmãos. É nesse contexto que, pela primeira vez, aparece de modo oficial a expressão “humildade, simplicidade e modéstia”, que mais tarde será consagrada como a síntese de toda a espiritualidade marista (*Circulaires*, [1848] 1914, v. 2, p. 22).

## **Conclusão: a inspiração das origens**

Ao concluir nossa reflexão sobre as origens da espiritualidade marista, percebemos que, desde muito cedo, os escritos do fundador e dos primeiros Irmãos apontam para a centralidade de Deus e de Jesus. O elemento distintivo do carisma e da espiritualidade do padre Champagnat e dos primeiros Irmãos foi **a inclusão de Maria na compreensão da missão de tornar Jesus Cristo conhecido e amado**. Essa perspectiva reafirma a intuição inspiradora de trabalhar e realizar a obra de Maria – uma convicção que os fundadores da Sociedade de Maria já expressavam em Fourvière e que se manteve viva durante o processo de consolidação da congregação, até seu reconhecimento parcial em 1836<sup>5</sup>.

Para os nossos dias, essa mesma espiritualidade das origens nos desafia a realizar nossa própria síntese, em diálogo com os problemas e as realidades do tempo presente. Ao nos inspirarmos nessa forte intuição dos primeiros maristas, **somos chamados a redescobrir a centralidade de Deus, a vivência da mística do *Nisi Dominus*, e a reposicionar nossa devoção mariana por meio de sua missão essencial: gerar Jesus Cristo ao mundo. Uma missão profundamente cristológica e, por isso mesmo, mariana.**

---

<sup>5</sup> Esse ano marca o reconhecimento dos padres maristas. No caso específico dos Irmãos, a aprovação romana seria prolongada até o ano de 1863.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALKO, Alexandre. *Le bienheureux Marcellin Champagnat dans ses instructions et sermons inédits*. Lyon: Faculté de Lyon, 1972.

BALKO, Alejandro. *Marcelino Champagnat: volviendo a las fuentes*. Zaragoza: Edelvives, 1983.

BENTO XVI. *Carta encíclica Deus Caritas Est do sumo pontífice Bento XVI: aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat: 1789-1840*. Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2019. Disponível em: [https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Cartas-de-Marcelino-Champagnat\\_WEB\\_FINAL.pdf](https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Cartas-de-Marcelino-Champagnat_WEB_FINAL.pdf). Acesso em: 8 ago. 2025.

FRANÇOIS, Frère. *Mélanges Divers (AFM 5101.301)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FRANÇOIS, Frère. *Carnets de retraite (AFM 5101.302)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FRANÇOIS, Frère. *Carnets d'instructions (AFM 5101.308)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FURET, Jean-Baptiste. *Écrits 3 (AFM 5201.23)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FURET, Jean-Baptiste. *Écrits 4 (AFM 5201.24)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [18--].

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

GREEN, Michael. *História do Instituto*. v. 3: A luz incerta da aurora (1985-2016). Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2017.

GREEN, Michael. *Experiência de travessia: marcos da espiritualidade de Marcelino e dos primeiros Irmãos Maristas*. Curitiba: PUCPRESS, 2021.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2008.

INSTITUT DES PETITS FRÈRES DE MARIE. *Circulaires des Supérieurs Généraux (1848-1860)*. Lyon; Paris: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1914. v. 2.

LANFREY, André. *Essai sur les origines de la spiritualité mariste*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2001.

LANFREY, André. *Jalons pour une synthèse historique sur la spiritualité mariste*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2005.

LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros irmãos maristas, 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação*. Curitiba: FTD, 2017.

LOURENÇO, Irmão. *Anotações do irmão Lourenço (Jean-Claude Audras, 1793-1851)*. Curitiba: Memorial Marista, 2021.

SESTER, Paul. *Origines des Frères Maristes*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011. 3 v.

STEIN, Edith. *Obras completas, v. I: escritos autobiográficos y cartas*. Tradução de Julen Urkiza et al. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre São Marcelino Champagnat*. Tradução de Ir. Aristide Zanella. Brasília, DF: União Marista do Brasil,

2014. Disponível em: [https://champagnat.org/e\\_maristas/livros\\_recebidos/RELATOS\\_SOBRE\\_MARCELINO\\_CHAMPAGNAT.pdf](https://champagnat.org/e_maristas/livros_recebidos/RELATOS_SOBRE_MARCELINO_CHAMPAGNAT.pdf). Acesso em: 8 ago. 2025.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasil, 2019.



## 2

# A ESPIRITUALIDADE NOS MANUSCRITOS DO PADRE CHAMPAGNAT

### Introdução

O jesuíta, teólogo e historiador Michel de Certeau (1925-1986) considerava que o estudo da espiritualidade e da mística, assim como da história religiosa, consistia, antes de tudo, em **uma história de textos** – “não apenas porque o texto fornece uma base documental sólida, mas sobretudo porque é o único traço que resta da experiência espiritual” (Buarque, 2013, p. 165). Nesse contexto, o estudo do Patrimônio Espiritual Marista ainda conta com poucos trabalhos dedicados aos manuscritos de Marcelino Champagnat. Diante disso, este capítulo tem como objetivo apresentar uma visão introdutória desses manuscritos, bem como refletir sobre o lugar que deveriam ocupar no estudo da espiritualidade marista. Para iniciar nossa reflexão, duas perguntas podem orientar o percurso pelas origens maristas:

- Por que estudar os manuscritos do fundador?
- Qual a importância desses textos para a espiritualidade marista?

Para responder a essas perguntas, é necessário recorrer aos estudos realizados por especialistas maristas sobre o fundador e os primeiros Irmãos. Como ponto de partida, tomamos o Concílio Vaticano II (1962-1965), marco fundamental para a renovação da vida religiosa. Os anos que antecederam o Concílio foram de intensa produção teológica, impulsionados por movimentos significativos que influenciaram diretamente as discussões dos padres conciliares – entre eles, os movimentos litúrgico, ecumênico, bíblico e a *Nouvelle Théologie* (nova teologia). Esta última, surgida na França, propunha um diálogo mais profundo entre a história e a teologia. A influência da *Nouvelle Théologie* é perceptível no Decreto *Perfectae Caritatis*, que recomendava a todas as congregações um exercício conceitual de retorno às fontes. Essa proposta não visava a um restauracionismo, mas sim a uma atualização e adaptação às condições dos novos tempos.

No âmbito da família marista mais ampla, os pioneiros nesse trabalho foram os padres Jean Coste e Gaston Lessard, responsáveis pela publicação da monumental coleção *Origines Maristes* (1960-1967), em quatro volumes. A obra abarca toda a história da Sociedade de Maria, incluindo implicações textuais para os “ramos colaterais”, como os Irmãos e as Irmãs Maristas. Entre os Irmãos Maristas, o primeiro estudo crítico das fontes do fundador foi conduzido pelo Irmão Alexandre Balko, designado para essa missão pelo então superior-geral, Irmão Basílio Rueda. Balko passou a se dedicar em tempo integral à pesquisa marista, marcando um avanço signi-

ficativo na abordagem das origens. Nesse mesmo movimento, com uma visão ao mesmo tempo profética e estratégica, o Irmão Basílio solicitou a revitalização da casa de l'Hermitage, transformando-a em um centro de espiritualidade e estudos sobre o fundador e os primeiros Irmãos Maristas.

Curiosamente, ao escolher por onde iniciar o estudo dos manuscritos de Champagnat, o Irmão Balko deu preferência aos “Sermões, conferências e instruções”, acreditando que neles encontraria o essencial da espiritualidade e dos ensinamentos de Champagnat. Contudo, ao entrar em contato direto com os manuscritos, surpreendeu-se com o tom severo e com o peso atribuído a temas voltados às “grandes verdades” ou aos “novíssimos” – termo utilizado para designar a pregação sobre as verdades escatológicas, relacionadas aos fins últimos e à vida eterna. Dentro do conjunto de sermões e conferências do fundador, destacam-se os sermões sobre o “Inferno” (com quatro versões) e sobre a “Morte do pecador” (com oito versões), revelando a ênfase dada a esses temas em sua pregação.

Qual não foi a surpresa – e o estranhamento – do Irmão Balko ao se deparar com tais textos? Eles eram marcados por uma teologia e por um contexto muito específico da época em que viveu Champagnat: a restauração da monarquia na França e o declínio do jansenismo e do galicanismo, correntes que tendiam a uma moral rigorista, especialmente no âmbito dos sacramentos. Temas que não costumávamos associar aos ensinamentos do fundador emergem com força no estudo de seus sermões e suas conferências. Balko não esconde a frustração e o desconforto diante de seu achado. Ainda assim, seu trabalho *O Bem-aventurado Marcelino Champagnat em suas instruções e em seus sermões inéditos* (1972) foi fundamental

ao indicar as fontes e influências que moldaram a redação desses manuscritos. Mais tarde, Lanfrey, na obra *Ensaio sobre as origens da espiritualidade marista* (2001), também abordou o caráter decepcionante dos sermões de Champagnat. Segundo Lanfrey, neles não encontramos o homem espiritual que esperávamos, mas sim o pastor, o pregador, que busca transmitir, de maneira acessível, o essencial para a correção de vícios e a restauração das práticas religiosas entre pessoas não alfabetizadas e em situação de vulnerabilidade social, em um contexto marcado pelas consequências da Revolução Francesa.

Mais de 20 anos após o estudo do Irmão André Lanfrey, iniciei um doutorado em Teologia com o propósito de recuperar a pertinência dos textos do fundador como base para o que denominamos espiritualidade marista. Acredito que, apesar das ponderações e reservas apontadas pelos excelentes trabalhos dos Irmãos Balko e Lanfrey, o contato direto com os manuscritos do fundador nos oferece uma oportunidade valiosa de aprofundar o conhecimento sobre o contexto, a história e a teologia que marcaram sua vida e sua ação pastoral. Nesse sentido, a proposta de um capítulo dedicado aos seus manuscritos tem como finalidade oferecer uma visão conjuntural de sua obra – que, nos diversos cursos sobre o Patrimônio, tem sido estudada exclusivamente com base em sua correspondência.

## **Contexto teológico e eclesial dos manuscritos do padre Champagnat**

Uma das primeiras reações ao entrarmos em contato com os textos dos sermões e conferências do fundador é o estranhamento, em razão do peso e do destaque conferidos a temas marcados por

uma moral rigorista, característica do tempo de Champagnat. Mas por que esses temas ocupavam um lugar central no período de sua formação e nos primeiros anos de seu ministério?

Para responder a essa questão, é necessário situar o contexto em que se deu a formação sacerdotal de Champagnat. Segundo o Irmão Lanfrey (2017, p. 80), às vésperas da Revolução Francesa, o Iluminismo desempenhava um papel preponderante na emancipação do pensamento e da política frente à monarquia e à Igreja. Para agravar ainda mais o cenário, a Igreja na França encontrava-se dividida entre duas correntes religioso-políticas: o jansenismo e o galicanismo. Para compreendermos melhor esse contexto, convém, ainda que de maneira geral, destacar alguns aspectos centrais de cada uma dessas correntes de pensamento.

## Jansenismo

Em sentido estrito, o jansenismo pode ser descrito como uma heresia delimitada por condenações oficiais da Igreja de Roma. Em um sentido mais amplo, trata-se de um movimento interno do catolicismo que rejeita a necessidade dessas condenações e busca apresentar um cristianismo mais fiel às suas origens e aos seus propósitos (Lacoste, 2004, p. 925-928). A origem do jansenismo remonta à publicação da obra *Augustinus* (1640), de Cornélio Jansen (1585-1638). Trata-se, essencialmente, de uma síntese da tese agostiniana sobre a salvação e a graça, elaborada com o objetivo de combater o molinismo, doutrina ensinada por alguns jesuítas.

Segundo Gres-Gayer, do ponto de vista teológico, é possível destacar:

**Um cristianismo austero e exigente:** contrário à pastoral e evangelização nos moldes jesuítas. Não acreditam na conversão

em massa e são críticos das missões populares.

**Há uma exigência na austeridade:** a prática sacramental é fortemente vigiada, com acesso restrito à eucaristia.

**Racionalistas:** a lógica e a reflexão teológica são marcadas pela influência dos argumentos cartesianos.

**Individualista:** ao se opor ao julgamento dos papas e bispos, exprimem o valor dos direitos da consciência e da liberdade cristã.

**Teologia política:** ao desobedecer ao Estado, elaboram uma nova e influente teologia da autoridade. (Lacoste, 2004, p. 927, grifo nosso).

## Galicanismo<sup>6</sup>

O galicanismo foi um movimento originado na França que defendia a independência administrativa da Igreja Católica Apostólica Romana em cada país, especialmente em relação ao controle exercido pelo papado e pela Cúria Romana. Do ponto de vista histórico, esse movimento se desenvolveu em dois momentos distintos: o primeiro, entre o fim do século XII e o início do século XIII, caracterizado por um galicanismo de natureza real ou parlamentarista; e o segundo, marcado pelo galicanismo episcopal, durante o governo absolutista de Luís XIV (Gómez, 2021).

De modo geral, essa segunda vertente, no reinado de Luís XIV, pode ser compreendida por meio dos quatro artigos do Clero da França (1682):

1. As coisas temporais, reis e soberanos não estão submetidos ao papa;
2. A plenitude do poder que a Sé Apostólica e os sucessores

---

<sup>6</sup> O termo deriva de Gália, território correspondente à França durante o Império Romano do Ocidente.

de Pedro têm sobre as coisas espirituais são subordinados aos Concílios;

3. As regras e os costumes da Igreja Galicana devem ser respeitados;
4. O papa tem a parte principal em matéria de fé, [...] porém seu julgamento não é irreformável. (Lacoste, 2004, p. 767).

O galicanismo constitui um movimento de oposição ao ultramontanismo – doutrina que sustentava a posição tradicional da Igreja Católica italiana, defendendo a tese da infalibilidade do papa e promovendo uma política religiosa centralizadora na Cúria Romana. Em contraste, o galicanismo buscava limitar o primado papal, especialmente no que diz respeito ao magistério, propondo um processo de recepção ativa que reduzia consideravelmente sua influência (Lacoste, 2004, p. 768). Essa posição representou um avanço significativo na criação e consolidação dos novos Estados, em oposição à concepção anterior de submissão à ordem sobrenatural da Igreja.

### **Posicionamento de Champagnat frente a esses movimentos**

Como filho de seu tempo, Champagnat não esteve imune aos conflitos e posicionamentos que marcaram a época em que viveu. Do ponto de vista político, esses movimentos culminaram na Revolução Francesa e no regime autoritário de Napoleão, que chegou a encarcerar dois papas – Pio VI e Pio VII. Embora tenha sido formado por professores galicanos moderados no seminário de Lyon, conforme relatam seus biógrafos, Marcelino adotava uma postura de profundo respeito pelo papa e por seu magistério. Essa atitude é lembrada pelo Irmão Sylvestre:

A santa Igreja, que ele amava com muita afeição, respeitando-a e prestando-lhe inteira submissão, era o referencial da sua

crença, não apenas sobre as verdades dogmáticas, mas também sobre as que ainda não eram declaradas artigos de fé, tais como a Imaculada Conceição e a Infalibilidade do Papa. [...] Para resumir, o padre Champagnat era romano de coração; tinha horror declarado por tudo quanto se referisse ao galicanismo. Muitas vezes, ouvi-o proclamar que a Igreja e o Papa, quando se trata de decidir questões relativas ao dogma e à moral, são unânimes e não se enganam; dizia que, no fundo, não há Igreja sem Papa e não há Papa sem Igreja. (Sylvestre, 2014, p. 55).

No tempo de Champagnat, o jansenismo já não existia como movimento religioso e político ativo. No entanto, seus efeitos ainda se faziam sentir, especialmente quanto ao **fortalecimento do rigorismo**. Essa influência se manifestava, por exemplo, na maior resistência à concessão da absolvição sem evidências de um progresso real na conversão, na pouca confiança nas missões internas – sobretudo nas zonas rurais da França – e na resistência litúrgica à introdução de novas devoções, como a do Sagrado Coração de Jesus.

Não é possível afirmar com certeza que o padre Champagnat tivesse conhecimento direto das doutrinas jansenistas ou de suas posições teológicas. O que se pode observar, no entanto, é que sua prática pastoral revela uma postura claramente distinta da de muitos dos princípios associados ao jansenismo.

- O padre Champagnat era favorável à devoção aos Sagrados Corações. Sabe-se que, em 1822, foi criada uma confraria dos Sagrados Corações de Jesus e Maria em La Valla, da qual alguns dos primeiros Irmãos – Francisco, Estanislau, Louis, Laurent e Antoine – fizeram parte.
- Ao contrário dos jansenistas, os maristas foram, desde o

início de sua fundação, partidários do dogma da Imaculada Conceição. Essa devoção está registrada, inclusive, nas famosas Sentenças de La Valla, onde se lê a inscrição: “Viva a Imaculada Conceição!”.

- Ainda que, do ponto de vista teológico, seja possível identificar a influência do rigorismo nos sermões e nas conferências de Champagnat, sua ação pastoral – especialmente no confessionário – revela uma busca pelo equilíbrio entre a moral rigorista e a moral de Santo Afonso Maria de Ligório, que começava a despontar na teologia da França.

Não é possível saber diretamente qual era o posicionamento do fundador diante das disputas que marcaram a Igreja da França em sua época. Contudo, é viável afirmar que Champagnat possuía um senso prático e realista muito forte, o que lhe permitia concentrar sua atenção e seus esforços na consolidação do Instituto dos Irmãos Maristas e na missão de evangelização por meio da educação de crianças e jovens.

## **O estilo literário do fundador: limites e acertos**

O Irmão Paul Sester, profundo conhecedor não apenas dos textos, mas também da espiritualidade de Marcelino, fornece algumas chaves importantes para a interpretação de seus manuscritos. Em primeiro lugar, observa-se que os escritos autógrafos são, em geral, textos curtos. Neles, percebe-se que Champagnat não tinha a intenção de apresentar uma doutrina pessoal sobre a vida religiosa. Quando o faz, é sempre em uma perspectiva de compartilhamento de experiências, mais do que conceitos. Isso, no entanto, não significa

que o fundador não tenha deixado ensinamentos ou que não tenha formado os primeiros Irmãos em um verdadeiro espírito religioso – e, pode-se afirmar, até mesmo místico. **Champagnat, longe de transmitir uma teoria a seus discípulos, preferia conviver com eles, instruindo-os mais pelo exemplo do que por meio de discursos** (Sester, 2011, v. 1, p. 1).

Entre os inúmeros dons com que Marcelino foi agraciado durante sua vida, não estava o de escritor. Ele demonstrava verdadeira dificuldade em redigir textos longos, escrevendo como pensava – com grande humildade – tanto nas cartas dirigidas às autoridades quanto aos Irmãos, sempre consciente das limitações de seu francês. Nunca alçava grandes voos estilísticos; ao contrário, recorria a frases curtas e, com frequência, a ideias originais, como que talhadas na pedra. Seu estilo revela a segurança e a sinceridade de seu caráter. Mesmo ciente de seus limites, deixou à posteridade textos preservados desde a juventude e retomados durante sua caminhada sacerdotal. O exemplo mais significativo é o de suas *Resoluções* (Sester, 2011, v. 1, p. 4).

No artigo *Ensaio de uma hermenêutica da vida de São Marcelino Champagnat* (2002), o Irmão Johannes Koller destaca a influência do ambiente de Marlies na formação da personalidade – e até mesmo no estilo literário – do fundador. O clima extremo no inverno, a grande variação de chuvas e o solo pobre são fatores desfavoráveis à vida no campo. Esse confronto constante com uma natureza hostil tende a formar habitantes sóbrios, realistas e pragmáticos, pouco inclinados a voos poéticos ou reflexões mais abstratas.

Com exceção das *Resoluções* e de sua correspondência, os demais manuscritos do fundador são, em grande parte, adaptações de textos retirados de manuais de homilia e compêndios litúrgicos

da época. Ainda que nem todos os textos sejam de sua autoria, a transcrição e cópia desses materiais como preparação para os “Sermões, conferências e instruções” revelam os recortes de suas leituras e suas preferências teológicas na abordagem dos principais temas da pregação no período da Restauração. Entre os autores que influenciaram Champagnat estão Bourdaloue, Bonnardel, Chevassu e Duquesne (Balko, 1972, p. 35).

O autor mais utilizado pelo padre Champagnat foi Joseph Chevassu (1674-1733), sobretudo em suas conferências relacionadas ao sacramento da confissão. Padre Chevassu foi aluno do seminário de Santo Irineu, e sua obra mais conhecida é *Missionário paroquial* (1753), que teve seis reimpressões entre 1758 e 1853 – uma delas em 1819, durante o período da Restauração. Essa obra reúne sermões para todos os dias do ano, além de conferências sobre o Credo dos Apóstolos, os sacramentos e os mandamentos de Deus e da Igreja (Balko, 1972, p. 18).

Se Champagnat não nos oferece altos voos teológicos ou intelectuais, por outro lado, garante aos Irmãos e aos seus paroquianos uma sólida formação, fundamentada nos ensinamentos da Igreja. Em um período em que a mariologia começava a se afastar da centralidade de Cristo, assumindo traços triunfalistas, **Champagnat** – influenciado pela formação sulpiciano – manteve-se **firme na convicção do primado de Cristo**. O binômio Jesus-Maria, frequentemente utilizado pelo fundador em seus manuscritos e ensinamentos, revela a solidez teológica e a visão cristocêntrica que orientava sua espiritualidade. Maria nunca é apresentada fora de sua relação com Jesus. Nesse aspecto, Champagnat se insere na tradição da escola beruliana de espiritualidade (Deville, 1987, p. 39).

Portanto, ao analisar os textos e manuscritos do fundador, reconhecendo tanto seus limites quanto seus méritos, percebemos que, embora não encontremos uma grande reflexão teológica desenvolvida sob uma perspectiva literária, temos, em contrapartida, uma síntese humilde, sólida e profundamente enraizada no reconhecimento do primado de Deus e de sua majestade – especialmente evidente na análise de suas *Resoluções* – e na centralidade da pessoa de Jesus Cristo, que constitui a missão essencial do Instituto por ele fundado.

## **Textos selecionados**

A escolha dos textos apresentados constitui uma amostra da diversidade de gêneros e temas que podem ser encontrados no estudo dos manuscritos de Champagnat. Com base no sistema decimal – primeira classificação adotada pelos Arquivos dos Irmãos Maristas (AFM) –, os documentos relacionados ao fundador são identificados pelo algarismo 1, enquanto os escritos são marcados pelo algarismo 3. Utilizando esse mesmo sistema, o Irmão Paul Sester organiza os manuscritos na obra *Origines des Frères Maristes* (2011) em seis capítulos, com a seguinte numeração:

- 131 – Resoluções
- 132 – Cadernos Champagnat
- 133 – Cartas
- 134 – Sermões, conferências e instruções
- 135 – Registros
- 136 – Escritos particulares isolados

Dado que as Cartas do padre Champagnat são seus escritos mais conhecidos, optamos, de maneira intencional, por deixá-las fora

da análise neste trabalho. Na seleção dos textos, o critério adotado foi priorizar seus “Sermões, conferências e instruções”, justamente por serem menos conhecidos e menos explorados nos estudos sobre sua espiritualidade.

### Resolução de 1820 (AFM 131.5)

As resoluções, como afirma Balko (1983), são, em geral, propósitos feitos por Marcelino Champagnat ao final de um retiro ou em datas especiais, como o aniversário de seu batismo. Embora simples em seu conteúdo, revelam um caminho seguido com seriedade por Marcelino. Mais do que isso, constituem **marcos** importantes no **processo** de desenvolvimento de sua espiritualidade pessoal. Paralelamente, é possível perceber as influências recebidas em sua formação sulpiciano, como o teocentrismo e a cristologia profundamente marcada pela presença mariana.

Esses textos, curtos e em forma de notas ou apontamentos, situam-se **entre** os anos de **1810 e 1828**. Estão registrados em uma grande folha dobrada, que resulta em oito partes (páginas), no formato 16,5 cm x 11 cm. O conteúdo não é homogêneo, pois apresenta, no mínimo, três ajustes sucessivos. O texto primitivo (1816?) compreende os números de 1 a 8. Embora o manuscrito tenha sido classificado como *Resoluções de 1820*, tudo indica que os primeiros números foram escritos antes dessa data, e que os números de 9 a 11 tenham sido acrescentados por ocasião da renovação dessas resoluções, em 1820. Já o terceiro e último acréscimo traz a seguinte inscrição: “25 de julho de 1828, onze horas e meia, em Valfleury, sob a proteção da Santíssima Virgem, São João Francisco Régis, renovo as resoluções acima e particularmente as 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup>” (Sester, 2011, v. 1, p. 39).



Figura 9 – Resoluções de 1828, AFM 131.5, p. 7.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas, Roma.

## Apresentamos o texto na íntegra:

Coleção de novas Resoluções que tomo e que ponho sob a proteção da Santíssima Virgem. L.J.C.O. ad M.G.D. et H.V.M.D.G.<sup>7</sup>

1. Renovo a resolução de jamais omitir a meditação. 2. No decorrer do dia, irei sempre visitar o Santíssimo Sacramento e a Santíssima Virgem. 3. Cada vez que eu sair, seja para visitar um doente ou para qualquer outra coisa, irei também visitar o Santíssimo Sacramento e a Santíssima Virgem. 4. Cada vez que em meu exame me reconhecer culpado de alguma maledicência, tomarei três golpes de disciplina. 5. Mesmo número quando eu falar em meu proveito. 6. Não deixarei todas as tardes de fazer o meu exame de consciência. 7. Todas as vezes em que eu não for fiel em cumprir essas resoluções, três golpes de disciplina em união aos sofrimentos de J. C. e com esse triplo castigo pretendo praticar um ato de amor à Santíssima Trindade, como também um ato de fé, e conjuro a Santíssima Virgem de apresentar essa mesquinha ação ao soberano Senhor de todas as criaturas. 8. Lerei todos os meses essas resoluções. 9. Imitar... Senhor tudo quanto existe sobre a terra e no céu é vosso. Desejo também eu mesmo ser vosso por uma oblação voluntária e ser imutável e eternamente vosso. 10. Não darei nenhuma instrução sem havê-la preparado. 11. Lembrar-me-ei sempre que trago Jesus Cristo em meu coração. Renovo hoje, doze de outubro de 1820, as resoluções cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, e acrescento a de todos os dias consagrar uma hora ao estudo da teologia. 2. Quero praticar melhor do que fiz até hoje a virtude de brandura. 3. Ficar mais recolhido e menos dissipado. 4. Nunca farei meditação sem haver previsto o assunto e sem me haver preparado 25 de julho de 1828, onze horas e meia, em Valfleury, sob a proteção da Santíssima Virgem, São João Francisco Régis, renovo as resoluções acima e particularmente as 2ª, 3ª e 4ª. (Sester, 2011, v. 1, p. 39).

---

<sup>7</sup> L [oué soit] J [ésus] C [hrist] O [mnia] ad M [ajorem] G [loriam] D [ei] et H [onorem] V [irginis] M [ariae] D [ei] G [enitricis]. Louvado seja Jesus Cristo! Tudo para a maior glória de Deus e honra da Virgem Maria.

O último bloco de resoluções do padre Champagnat insere-se no início dos primeiros anos de seu apostolado sacerdotal em La Valla, coincidindo com os primeiros passos da fundação do Instituto Marista. Nesse período, Marcelino encontra-se bastante dividido entre seu ministério sacerdotal – mais especificamente na atuação como vigário paroquial do padre Rebod, pároco de La Valla – e, ao mesmo tempo, assume a difícil tarefa de formar e acompanhar os primeiros Irmãos Maristas.

As *Resoluções*, que trazem a data de 12 de outubro de 1820, começam com as iniciais da **divisa da Sociedade de Maria**:

Coleção de novas Resoluções que tomo e que ponho sob a  
proteção da Santíssima Virgem. L [oué soit] J [ésus] C [hrist]  
O [mnia] ad M [ajorem] G [loriam] D [ei] et H [onorem] V  
[irginis] M [ariae] D [ei] G [enitricis] (AFM 131.5, p. 1).

O mesmo lema da Promessa de Fourvière já havia sido relatado no Caderno 302, do Irmão Francisco: “*Tout à la plus grande gloire de Dieu et à l’honneur de l’auguste Marie*” (Sester, 2011, v. 1, p. 37).

O assunto dessas resoluções está ligado ao firme desejo de uma vida de oração que sirva de sustento para uma intensa atividade apostólica. Os pontos destacados remetem à dificuldade de conciliar o zelo e o ardor apostólico com uma vida de intimidade com Deus.

Os propósitos assumidos pelo jovem padre e fundador giram em torno da preservação de uma vida de oração muito próxima daquela vivida no seminário de Lyon. A atenção dedicada à meditação, à visita ao Santíssimo e à Virgem revela uma prática marcada pela espiritualidade beruliana, na qual **Jesus está sempre com Maria** (Deville, 1987, p. 40).

Nesse contexto, a ação pastoral deve partir de sua verdadeira motivação: Cristo. Por isso, há uma insistência, ao sair e ao retornar à casa, em visitar Jesus Eucarístico e a Santíssima Virgem. As resoluções

de números 4, 5, 6 e 7 revelam a dimensão ascética da luta travada por Marcelino. Os golpes, as privações e as correções constituem a base de uma dimensão agônica na busca pelo autodomínio.

A Santíssima Trindade apresenta-se como o horizonte de sentido para as ações de Champagnat. O ato de amor praticado em sua homenagem é seguido do compromisso de re-ler essas resoluções todos os meses, o que revela tratar-se de um verdadeiro projeto de vida – mais do que simples anotações esporádicas. A meditação da Trindade, por meio do louvor de toda a criação, encontra seu sentido na oblação voluntária, imutável e eterna. Esses três adjetivos de modo – voluntariamente, imutavelmente e eternamente – são escolhidos a dedo por Marcelino, revelando o desejo profundo inscrito na intenção do jovem sacerdote.

Outro aspecto pouco destacado na tradição marista é a preocupação de Marcelino em sempre preparar cuidadosamente todas as suas instruções: “**Não darei nenhuma instrução sem havê-la preparado**” (Sester, 2011, v. 1, p. 38, grifo nosso). A prova do cumprimento dessa resolução está nos “Sermões, conferências e instruções”, que constituem o maior número de textos manuscritos deixados pelo fundador. Ainda que dispersos e, em sua maioria, estruturados apenas como **rascunhos ou tópicos** das principais ideias a serem desenvolvidas, esses escritos revelam o empenho de Marcelino em levar adiante o compromisso que havia formulado.

A última resolução, por sua vez, recorda a presença viva de Jesus em seu coração. Como não há registros de textos ou conferências que explicitem essa relação com a devoção ou a mística aos Sagrados Corações de Jesus e Maria – costumeiramente mencionados por ele ao final das correspondências dirigidas aos Irmãos –, torna-se difícil conjecturar ou fazer comentários hipotéticos sobre essa prá-

tica. No entanto, tudo indica que ela esteja ligada a uma dimensão profundamente afetiva do relacionamento espiritual que Marcelino mantinha com Jesus e Maria. O tema do coração é central na teologia do século XVIII, sendo recorrente em São Francisco de Sales. Está intimamente associado à virtude da doçura, que Champagnat se propõe a viver na renovação dessas resoluções, em 12 de outubro.

Qual a pertinência desses pequenos escritos de Marcelino? Do ponto de vista literário e teológico, eles não apresentam novidades, mas revelam a reflexão, o discernimento e a constância de um homem que, ferido pelo desejo de Deus – como nos recorda Certeau na luta de Jacó com o anjo (Certeau, 1957d, p. 191) –, busca incessantemente essa união. Pragmático e decidido, Marcelino não se poupa em gastar todas as suas energias e concentrar-se naquilo que verdadeiramente importa. A renovação dessas resoluções, oito anos depois (1828), no santuário de Valfleury, sob a proteção da Santíssima Virgem e de São João Francisco Régis, constitui um marco em sua trajetória de superação e confiança, iniciada muitos anos antes na peregrinação feita com sua mãe ao santuário de La Louvesc. Nesse gesto, Champagnat parece não apenas recuperar o que foi prometido, mas, ao retornar ao lugar das origens, deixa entrever – por meio dessas simples indicações – que, mesmo diante de textos modestos em sua forma literária, estamos diante de verdadeiros marcos de uma travessia espiritual, como já apontava o Irmão Balko.

### **Instrução sobre o Rosário (AFM 134.33)**

Trata-se de um folheto de oito páginas, no formato 13,5 cm x 20 cm, das quais cinco estão escritas. Nas páginas em branco, figuram três operações aritméticas, sem relação com o conteúdo textual. Nesse material, Champagnat escreveu duas instruções sobre

o rosário. Segundo Paul Sester (2011, v. 2, p. 756), o gênero desse escrito situa-se entre a palestra e a instrução familiar, tendo sido provavelmente pensado e redigido para os paroquianos de La Valla.

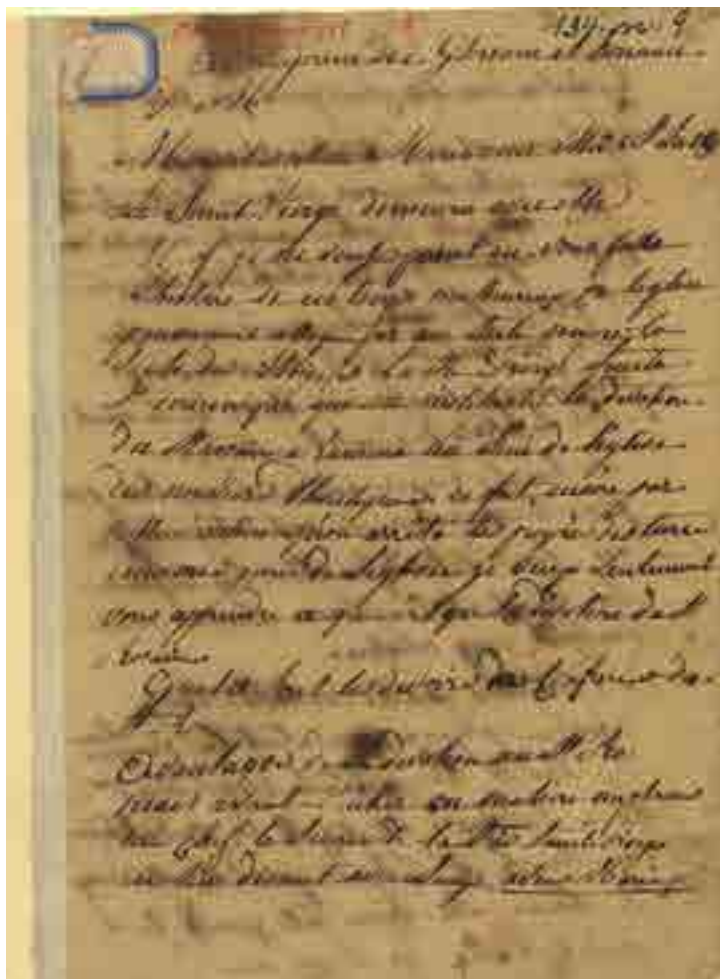


Figura 10 – Instrução sobre o rosário, AFM 134.33.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas, Roma.

O interesse nessa instrução reside na **centralidade de Cristo** no pensamento mariano do fundador. Duas informações, em especial, merecem destaque: antes de iniciar a instrução, no cabeçalho, Champagnat escreve: “*Ad majorem Dei gloriam et honorem V. M.*” [Tudo para a maior glória de Deus e honra da Virgem Maria], e em seguida acrescenta: “*Mansit autem Maria cum illa* [Maria permaneceu com ela], *St Luc 1,56*” (Sester, 2011, v. 2, p. 757). Essas duas citações, que poderiam passar despercebidas pelo leitor, revelam, em primeiro lugar, a compreensão da unidade entre Jesus e Maria no pensamento do fundador e da própria espiritualidade da Sociedade de Maria. Ao adaptar a divisa inaciana, os primeiros maristas inserem a dimensão mariana como elemento identitário de sua mística e constituição como congregação. Por outro lado, percebe-se que, mesmo sem poder explicitar teologicamente a intuição e o lugar de Maria na história da salvação, Champagnat nos oferece pistas sobre como concebe a centralidade de Cristo na devoção à sua Mãe Santíssima. Isso se evidencia quando afirma:

Quero apenas ensinar-lhes em que consiste a devoção ao santo rosário... O que é, prezados irmãos, o santo rosário? **O rosário é devoção estabelecida para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo e a Santíssima Virgem** (Sester, 2011, v. 2, p. 757-758, grifo nosso).

Essa é uma marca característica da teologia mariana em Champagnat: Maria está sempre unida a Jesus.

Aquele que tem grande amor a Maria terá certamente grande amor a Jesus. [...] Maria não guarda nada para si. Quando a servimos, quando nos consagramos a ela, só nos recebe para oferecer-nos a Jesus, para nos impregnar de Jesus (Furet, [1856] 1999, p. 101).

Essa importante compreensão teológica da pessoa de Maria, especialmente em um momento em que a mariologia tende a exageros, aprofunda a vivência de uma mística mariana por Marcelino e pelos primeiros maristas. Com o tempo, essa mística foi dando lugar a uma abordagem mais voltada à devoção e à imitação das virtudes de Maria, sobretudo na síntese oferecida pelo Irmão Jean-Baptiste Furet na segunda parte da *Vida de São Marcelino*.

O segundo e último aspecto de análise desse texto está em sua dimensão relacional e afetiva. Champagnat utiliza a perícope de Lucas 1,56 – “E Maria permaneceu com ela [Isabel]” – e, mais adiante, insiste na dimensão pouco explicitada dessa devoção, voltada a um público simples e pouco instruído. Para ele, essa prática representa uma verdadeira escola dos principais mistérios da encarnação, paixão, morte e ressurreição de Jesus:

Às vezes dizem: sou uma pobre ignorante, não sei nada, não sei nem ler, nem escrever, apenas sei recitar o terço. **E acham que é pouco recitar o terço? É fazer o que Nosso Senhor Jesus Cristo fez durante a melhor parte de sua vida. [...]** Ele não rezava a Ave-Maria, mas fazia por ações o que dizemos quando a recitamos: Ave Maria... Jesus Cristo não a saudava todas as manhãs e noites ou quando a encontrava? (Sester, 2011, v. 2, p. 758-759, grifo nosso).

Os paroquianos relatam que o padre Champagnat era claro em seus sermões, falava à população em uma linguagem acessível e não lia o que escrevia. Assim como Cura d'Ars, seu colega de seminário, procurava traduzir para um público pouco instruído o essencial da mensagem cristã. No caso da conferência ou instrução sobre o rosário, propõe-no como uma verdadeira escola, na qual mesmo os ignorantes podem ter acesso a uma prática que os conduz

ao aprofundamento da relação com Jesus e Maria. **Recitar o rosário**, nesse contexto, **é permanecer com Maria e Jesus**. Trata-se de uma relação, mais do **que** de uma simples **devoção**. É um convite a olhar, por meio de Cristo, para o mistério que essa prática carrega em seu bojo. Embora possa parecer modesto do ponto de vista da sofisticação estilística, reflete uma convicção fundamental que marca o pensamento e a espiritualidade marista: “É com nada que Deus realiza grandes coisas” (Champagnat, [1823] 2019, doc. 1, p. 88).

### **Reflexão sobre o fim do homem (AFM 134.12)**

Essa instrução ou conferência está disposta no mesmo caderno do documento anteriormente analisado, ocupando as folhas 9 a 12 com um texto autógrafo de Champagnat. Há duas tentativas de redação: a primeira está apenas esboçada, sem término ou continuidade. Após algumas correções e rasuras, Champagnat prossegue na página seguinte, desta vez sem retoques (Sester, 2011, v. 2, p. 696). Uma informação relevante é que os dois últimos parágrafos desse manuscrito foram copiados literalmente por Champagnat da obra *Retraite spirituelle*, do padre Judde.



Figura 11 – Reflexão sobre o fim do homem, AFM 134.12.

Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

O texto tem início com a seguinte afirmação: “O homem foi criado para esse fim, isto é, para conhecer, amar, louvar e servir a Deus para merecer com isso a eternidade feliz” (Sester, 2011, v. 2, p. 697). **A finalidade da existência humana**, segundo essa perspectiva, **é o conhecimento de Deus**. Ao amar, louvar e servir a Deus, o ser humano encontra seu fim último por excelência. No entanto, a reflexão do padre Champagnat constata que a maior parte das pessoas vive sem essa devida consciência.

Na *Vida*, no capítulo sexto da segunda parte, intitulado “Amor a Jesus Cristo”, Furet se apoia nos ensinamentos do fundador e escreve:

**Tornar Jesus Cristo conhecido e amado, eis a meta de sua vocação e a finalidade do Instituto.** Se não visarmos a esta finalidade, nossa Congregação será inútil e Deus lhe retirará a proteção. [...] Saber religião consiste em conhecer Jesus Cristo. E tem mais: em Jesus Cristo consiste a vida eterna. (Furet, [1856] 1999, p. 303, grifo nosso).

Em Champagnat, o conhecimento de Jesus parece estar fundamentado em uma experiência de amor, serviço e louvor a Deus. Essa vivência, no entanto, é sempre acompanhada pelo respeito à majestade de Deus, que ultrapassa a lógica humana.

Deus me criou para si e não pôde me criar senão para ele. Seu direito sobre mim, como sobre tudo o que existe, é inalienável. [...] Embora sendo Deus, não pode me dispensar de ser para ele. Não era necessário que existisse, mas como fui criado, é imprescindível que eu seja feito para ele. (Sester, 2011, v. 2, p. 698).

Inúmeras vezes, o padre Champagnat, ao tratar do exercício da presença de Deus, recorria a um trecho impactante do discurso de Paulo no Areópago: “[Em Deus] vivemos, nos movemos e

existimos” (At 17,28). Essa perícopa é lembrada tanto pelo Irmão Sylvestre ([1886], 2014, p. 283) quanto pelo Irmão Jean-Baptiste Furet ([1856] 1999, p. 297), o que evidencia a profundidade da consciência de ser amado e sustentado por Deus em todo o seu ser: “É imprescindível que eu seja feito para ele”.

Os dois últimos parágrafos do texto retomam quase literalmente trechos da obra em *Retraite spirituelle*, do padre Judde:

Se Deus me deu um espírito capaz de inteligência, **apenas foi para que o conhecesse; se me deu um coração livre, foi para que o amasse e me apegasse a ele**. Se me deu um corpo, saúde, forças, não foi senão para que os empregasse a seu serviço; se enfim sou o que sou, não é senão para que lhe pertença integralmente.

Ó meu Deus, único criador, único conservador de meu ser, que imagem triste e desalentadora se apresenta aos olhos, porque até aqui minha conduta foi uma série de desordens, revoltas [...], apenas amei a mim mesmo, trabalhei só para mim. Em que é que achei garantia... Quanta gratidão vos devo, meu Deus, por que estais me abrindo os olhos hoje – *notam fac Domine viam meam* [mostrai-me vosso caminho, ó Senhor]. (Sester, 2011, v. 2, p. 698, grifo nosso).

A escolha de **Judde** e **Saint-Jure** como interlocutores de uma profunda espiritualidade revela uma dimensão pouco explicitada de Marcelino: **a de mestre na vida espiritual**. Trata-se de alguém que tinha à disposição um bom número de autores e mestres espirituais, e que os colocava ao alcance dos Irmãos conforme o progresso e a aptidão dos mais avançados na vida espiritual. Jacques Le Brun (1976), no artigo *Entre la mystique et la morale* [Entre a mística e a moral], destaca que Judde, Saint-Jure, Croiset e Caussade são autores jesuítas de forte influência mística, embora tenham escrito

em um contexto de suspeita em relação à mística. Esses autores, assim como o ambiente em que se desenvolve a espiritualidade marista, justificam a abordagem prudente – mas ainda assim profunda e reveladora – adotada por Champagnat e pelos primeiros Irmãos, em especial os Irmãos Louis e Francisco, que se alinham a uma corrente espiritual de forte influência mística<sup>8</sup>. O mesmo não se percebe com clareza em Jean-Baptiste Furet, que parece optar pelo ascetismo do padre Rodriguez. Mesmo quando lê ou cita os padres Judde e Saint-Jure, Furet o faz sob uma perspectiva mais limitada, distante da intuição mística e relacional tão presente em Marcelino e Francisco.

---

<sup>8</sup> A mística dos séculos XVI ao XVIII é marcada por algumas disputas teológicas, entre elas o quietismo. Trata-se de uma escola mística caracterizada pela oração de quietude, em oposição ao ascetismo amplamente difundido pela Reforma do Concílio de Trento. Em linhas gerais, o quietismo propõe um abandono passivo diante de Deus, alcançado pela via da contemplação. Seu principal formulador, Miguel Molinos (1628-1696), em sua obra *Guia espiritual* (1675), recebeu condenações do Magistério da Igreja por promover uma visão que poderia levar os fiéis à indiferença em relação ao ato de fé. Molinos não reconhecia que a contemplação do amor puro de Deus pressupõe, por parte do fiel, esforço, ascese e um trabalho constante de transformação pessoal – elementos que se fundamentam na vivência das virtudes cristãs, entre elas a caridade. Em suma, o que está em discussão é a percepção, por parte do Magistério da Igreja, de que o quietismo poderia levar os fiéis a uma compreensão excessivamente intimista da vivência da mística cristã, desvinculando-a do projeto eclesial e comunitário que caracteriza a fé cristã. No tempo de Marcelino e dos primeiros Irmãos, o gênero literário que predominava na formação da espiritualidade cristã estava profundamente marcado pelo ascetismo. Na literatura marista, seu principal representante é o Irmão Jean-Baptiste Furet. Assim como o quietismo, uma visão puramente ascética da espiritualidade cristã pode levar o fiel a acreditar que a vida espiritual é uma escada galgada pelo esforço pessoal na conquista das virtudes cristãs, deixando pouco espaço para a ação da graça de Deus – que é, na verdade, o ponto central da vida e da espiritualidade cristã. Por isso, é fundamental buscar um equilíbrio entre mística e ascese ao tratar da espiritualidade cristã. A exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, do Papa Francisco, é um importante documento magisterial que nos ajuda a encontrar e buscar esse equilíbrio na vida espiritual.

A grande novidade no retorno a esse manuscrito está na descoberta de que o padre Champagnat utilizava os textos do padre **Judde** em suas conferências. Na análise que realiza sobre os livros e autores que influenciaram diretamente Champagnat, na obra *Jalons pour une synthèse historique sur la spiritualité mariste* [Marcos para uma síntese histórica sobre a espiritualidade marista] (2005), Lanfrey não menciona Judde, tampouco faz qualquer referência indireta ao autor jesuíta nos escritos de Marcelino. Além disso, nenhuma obra do padre Judde figura entre os exemplares pessoais do fundador. Até então, acreditava-se que essa influência vinha apenas pelas notas do Irmão Francisco. A importante informação trazida por Paul Sester (2011, v. 2, p. 696), na análise desse manuscrito, coloca-nos em um patamar mais avançado de compreensão sobre os autores espirituais de profunda vertente mística que eram utilizados por Marcelino – e, posteriormente, pelos Irmãos Louis e Francisco – na casa de l’Hermitage.

Lanfrey (2005) destaca, na obra *Biographies de quelques frères* [Biografias de alguns irmãos] (1868), que o Irmão Louis havia recebido das mãos de Champagnat o livro *Tratado do amor de Deus*, de São Francisco de Sales. Provavelmente, os demais livros citados em sua biografia também podem ter sido indicados pelo próprio Champagnat: *Les souffrances de Notre-Seigneur Jésus-Christ* [Sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo], **de Thomas de Jesus** – eremita português da Ordem de Santo Agostinho –, e *Vie de Jésus-Christ* [Vida de Jesus Cristo], do padre Ligny. Em relação ao Irmão Francisco, as informações são mais precisas e documentadas por seus inúmeros cadernos de retiros e conferências, nos quais é possível identificar a influência, sobretudo, de Judde, Saint-Jure e Croiset, além de algumas citações de Surin. Todas essas informações

contribuem para revelar um cenário espiritual mais complexo do que se supunha anteriormente no processo de formação dos Irmãos, desde o tempo de Marcelino até o governo do Irmão Francisco como superior dos Irmãos Maristas.

Essa análise, ainda que feita por simples amostragem, revela o quanto os “Sermões, conferências e instruções” do padre Champagnat são subestimados e pouco valorizados. Um estudo científico que se propusesse a resgatar os autores e as linhas teológicas que influenciaram seu pensamento seria de grande proveito para aprofundar a compreensão de uma faceta pouco conhecida de Marcelino: a do pregador, conferencista e formador dos Irmãos. A descoberta de textos do padre Judde utilizados por Champagnat abre uma nova perspectiva, sugerindo que suas conferências e formações aos Irmãos podem esconder uma complexidade até então pouco reconhecida – ou até mesmo subestimada.

### **Festa do Santíssimo Sacramento (AFM 134.31)**

Esse texto autógrafo encontra-se em um caderno de 20 páginas, no formato 19,5 cm x 14,5 cm, e está escrito nas páginas 2, 3 e 4. No mesmo caderno, localiza-se o documento 134.09, intitulado “Sobre a morte do pecador”, o que evidencia o caráter pouco homogêneo entre os conteúdos ali reunidos. Ainda no que diz respeito às informações preliminares desse texto, o Irmão Balko o classificou como sermão ou conferência sobre a Santíssima Trindade – uma interpretação que contrasta significativamente com a classificação atribuída pelo Irmão Paul Sester na obra *Origines des Frères Maristes*.



O texto é iniciado desta forma:

Meus irmãos, não é de estranhar que a festa da Santíssima Trindade, sendo a primeira e de maior solenidade, seja, no entanto, a que a Igreja celebra com menos solenidade? Eis a razão, meus irmãos: esta festa é menos da terra que do céu. [...] Volvamos nossos olhares para outros mistérios, mais conformes à nossa fraqueza. O amor de Jesus Cristo por nós no Santíssimo Sacramento do altar e o dom que ele nos faz do seu Sagrado Coração, será objeto de duas solenidades proximamente. Preparemo-nos para celebrá-las dignamente. (Sester, v. 1, doc. 492).

De fato, o texto parece fazer referência à solenidade da festa da Santíssima Trindade e não à do Santíssimo Sacramento, como classificou Sester. Essa distinção revela a sensibilidade pastoral de Marcelino e seu realismo teológico. Longe de adentrar em um discurso abstrato, ele mantém o foco em Jesus Cristo e nas duas grandes devoções que marcaram os séculos XVIII e XIX: a Eucaristia e o Sagrado Coração de Jesus (Rayes, 1932). Balko (1972, p. 81) observa com surpresa o fato de Marcelino sequer esboçar uma tentativa de aprofundar o mistério da Santíssima Trindade. Avesso à abstração, prefere incutir em seus paroquianos “mistérios mais conformes à sua fraqueza”.

Sua insistência em afirmar que a solenidade da Santíssima Trindade é uma festa muito mais do céu do que da terra não exclui a abertura à contemplação do mistério celebrado. No entanto, o enfoque recai sobre a figura do Filho, que, em sua compreensão, é a chave para a aproximação a esse mistério.

Vinde a mim vós todos que estais fatigados e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. O pão que darei é minha carne que devo dar para a vida do mundo. Tomai e comei, isto é meu corpo que

será entregue por vós. Fazei isto em minha memória. Aquele que come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim e eu nele. Estas palavras que vos digo são espírito de vida. (Sester, 2011, v. 1, p. 754).

O texto é composto de uma junção de perícopes dos Evangelhos que entrelaçam as festas de Corpus Christi e do Sagrado Coração de Jesus. Champagnat parte de Mateus 11,28-30, segue para João 6,51s, retoma Lucas 22,19 – na narrativa da ceia – e conclui com mais um retorno ao quarto Evangelho (6,56): “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele”. Os textos escolhidos, especialmente os do Evangelho de João, apontam para uma dimensão de aprofundamento do mistério. Ainda que, na estrutura conceitual do sermão, Champagnat claramente tenha evitado desenvolver uma reflexão teórica sobre o mistério da Santíssima Trindade, chama atenção o uso recorrente do Evangelho de João nos poucos escritos que se conservaram do fundador. Seria possível que ele se inspirasse na afirmação de João 14,9: “Quem me viu, viu o Pai”? Impossível afirmar com certeza, mas a indicação do mistério da encarnação e da redenção presente no sermão parece nos conduzir à contemplação do mistério da Trindade. Assim como em sua mariologia Cristo ocupa lugar central, também em sua compreensão do mistério da Trindade sobressai a dimensão da relação de intimidade entre Pai e Filho.

### **Instrução sobre a recompensa celeste (AFM 134.11)**

O texto encontra-se em um pequeno caderno de 12 páginas medindo 25,8 cm x 20,7 cm, e está escrito nas páginas de 1 a 5. As páginas de 6 a 8 permanecem em branco, enquanto o restante é preenchido com uma nova instrução intitulada “Sobre os fins últimos”, 132.12 E (Sester, 2011, v. 2, p. 692).

Quanto à classificação desse manuscrito, Paul Sester trabalha com a hipótese de que se trata de uma reflexão preparada para a oração das vésperas (aos domingos), prática que o padre Champagnat instituiu ao chegar a La Valla.

O texto tem início com a citação de Mateus 5,12: “*Gaudete et exultate ecce merces copiosa est in coelo*” [Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus]. O enfoque dado por Champagnat nessa instrução revela um elemento importante de sua espiritualidade: **a imagem de Deus como um pai bondoso, que acolhe e recompensa.**

A gente se cansa, se esgota e muitas vezes se mata por recompensas incertas, que raramente se alcança e que, todos os dias, depois de vãs esperanças, nos deixam infelizmente e até injustamente frustrados. É a vida. [...] Contrariamente, trabalhamos pouco por um senhor em quem podemos confiar que nada será perdido. (Sester, 2011, v. 2, p. 694).

Talvez nos seja útil, para compreender melhor essa passagem, recorrer a outro trecho retirado do *Caderno 302* do Irmão Francisco, atribuído ao padre Champagnat: “Estamos contentes, estamos alegres quando estamos a serviço de um bom mestre. E qual melhor mestre que o bom Deus!” (AFM 5101.302, p. 6). É possível perceber, nas duas citações, a proximidade e a abordagem de uma experiência profundamente positiva de Deus. Essa característica foi definida no documento *Água da rocha* como a primeira marca da espiritualidade marista: **o amor e a presença de Deus.**



Figura 13 – Instrução sobre a Recompensa Celeste, AFM 134.11.

Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Ao final da instrução, Champagnat direciona seus ouvintes à carta de Paulo a Timóteo: “Porque sei em quem coloquei a minha fé. E tenho certeza de que ele é capaz de guardar aquilo que me foi confiado até o grande dia” (2Tm 1,12). Com essas palavras, a instrução se encerra no horizonte da esperança e da gratuidade, expressando a vivência de quem experimentou, durante a vida, o amor incondicional de Deus e, por isso, encontra-se em paz, após ter feito tudo o que estava ao seu alcance. Assim, essa instrução representa uma passagem para a maturidade espiritual que o fundador foi alcançando gradualmente, no decorrer dos anos e das sucessivas crises enfrentadas no projeto da Sociedade de Maria, bem como na fundação e no desenvolvimento do Instituto dos Irmãos Maristas.

### **Instrução sobre a oração (AFM 132; OFM, doc. 87)**

O texto que analisaremos encontra-se na série *Cahiers Champagnat*, com o título *Instructions sur l'oraison* [Instrução sobre a oração], localizado no Caderno 132.02, a partir da página 45. Ao compararmos com as fotografias em alta resolução do documento original, tudo indica que Marcelino tenha aproveitado

um caderno de rascunhos, cujas folhas já haviam sido utilizadas para outras finalidades. Ao longo das páginas de 45 a 53, ele parece ter completado esse espaço com a instrução sobre o tema da oração. Esse recurso de reutilizar um mesmo caderno para múltiplas finalidades é uma característica observada e destacada por Paul Sester no início de *Origines des Frères Maristes* (Sester, 2011, v. 1, p. 237).



Figura 14 – Instrução sobre a oração, AFM 132 e OFM, doc. 87.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

A instrução concentra-se mais no campo da prática, sendo apresentada como um caminho de iniciação proposto aos noviços. As ideias, no entanto, não parecem completamente ordenadas. O texto inicia com uma breve introdução, segue com o exame da oração (*revue de l'oraison*), e aborda em seguida os temas da meditação e dos afetos. Sua conclusão ocorre de maneira abrupta, dando a impressão de tratar-se muito mais de notas esquemáticas que serviram de base para uma conferência posteriormente desenvolvida pelo padre Champagnat, a partir do púlpito ou na sala de conferências da comunidade.

O que nos interessa, neste momento, é o ponto de partida para a introdução do tema da oração aos noviços pelo padre Champagnat:

Não há nada mais apto para nos fazer progredir na perfeição do que se aplicar a fazer tudo por amor. O amor, diz Santo Agostinho, faz com que não se sintam as dificuldades naquilo que se faz (Sester, 2011, v. 1, p. 238, grifo nosso).

**O amor está na base da concepção do que o padre Champagnat entende por oração.** E qual a sua finalidade? Ele responde: “[...] o fim remoto da oração é a união com Deus por uma perfeita caridade e que o fim próximo é a fuga de toda espécie de mal e a prática de toda espécie de bem” (Sester, 2011, v. 1, p. 239). Essa perspectiva da valorização do amor como chave da vida religiosa já aparecia nas instruções que o padre Champagnat realizava em La Valla: “O amor a Jesus é, para o religioso que percorre o caminho da virtude, como as velas para as embarcações que singram o oceano” (Furet, [1856] 1999, p. 100).

Na segunda parte da *Vida*, no capítulo 4, o Irmão Jean-Baptiste recorda que a oração era o **ponto capital** para o padre

Champagnat (Furet, [1856] 1999, p. 288). Contudo, a construção do capítulo baseia-se no exemplo de Champagnat como homem de oração, sem, no entanto, alcançar a verdadeira motivação que o animava em sua existência: o amor. Em contraste, na “Instrução sobre oração”, o próprio fundador nos recorda:

Portanto, se a oração é um meio tão poderoso para nos fazer progredir na virtude, é preciso nos esforçarmos para nos tornarmos homens de oração. Como nós nos tornaremos homens de oração? Amando-a (Sester, 2011, v. 1, p. 239).

A exortação prossegue com a citação de autores como São Gregório de Nissa, São Bernardo, Santo Hilário e São João Crisóstomo, o que demonstra o desejo de Marcelino em fundamentar a autoridade de seu discurso.

Sua didática como mestre na iniciação à vida de oração consiste em propor aos noviços e jovens Irmãos a compreensão do desejo como fonte de busca e orientação na vida espiritual.

Devemos, em seguida, examinar aquilo que mais nos atrai, isto é [aquilo que é mais capaz] o que de ordinário causa em nós certa impressão pela qual nosso coração se deixa facilmente [fascinar] tocar. Se for o amor, que o assunto da meditação seja sobre a paixão de N. S. J. C. (Sester, 2011, v. 1, p. 244).

Para o Irmão Michael Green, a atenção dada ao desejo como ponto de partida para a oração revela uma forte influência de **São Francisco de Sales**, especialmente por meio de suas obras *Filoteia ou Introdução à vida devota* e *Tratado do amor de Deus*. São Francisco compreendia o amor de Deus como algo impresso no coração humano como desejo essencial. Assim, o itinerário de uma vida espiritual passa pela jornada que cada pessoa realiza no sentido de

preencher esse desejo. Nesse contexto, a forma como Marcelino propõe esse caminho aos Irmãos difere do pragmatismo adotado em diversos aspectos de seu pensamento: não se trata de galgar degraus ou realizar este ou aquele exercício, **mas sim de cultivar um relacionamento com Deus** (Green, 2021, p. 23).

Como em toda a espiritualidade de Marcelino, esse aspecto relacional tem como finalidade e objeto da contemplação o amor do Pai, que nos oferece seu Filho único: “Pai eterno, seria possível que [meu coração] eu pudesse ficar mais tempo sem vos dar todos os afetos do meu coração, vendo o amor que me testemunhastes entregando-me vosso Filho Único que era o objeto de vossas comp lacências” (Sester, 2011, v. 1, p. 244). O que chama atenção nesse trecho é o tom verdadeiramente **afetivo e relacional**, que contrasta significativamente com o ascetismo do Irmão Jean-Baptiste. Ao final da instrução, o olhar se volta para a bondade de Deus – razão pela qual todo pedido, toda oração, não são em vão:

Sendo assegurada de uma parte a bondade de Deus para conosco, rezaríamos com maior confiança [de ser atendidos] e nossas orações seriam atendidas. Se na oração não temos pensamentos elevados, não nos aflijamos, pois Deus se compraz em se comunicar com os mais simples e pequenos; Ele nos ama ao nos ver nessa espécie de pão, onde nós podemos expressar os sentimentos de nossos corações. (Sester, 2011, v. 1, p. 245).

Acreditamos que esse pequeno itinerário – percorrendo “Instruções”, “Sermões”, “Conferências” e diversas anotações dos cadernos do padre Champagnat – coloca-nos diante de um cenário mais complexo e completo do que aquele a que estamos habitualmente acostumados no estudo do fundador. Essa perspectiva, por sua vez, contribui para a compreensão de suas cartas e suas circulares como complemento de

sua doutrina. Por outro lado, é possível reconhecer uma profundidade nos ensinamentos de Champagnat, seja pelo trabalho exaustivo da reconstrução de sua espiritualidade pelo Irmão André Lanfrey, seja pela leitura teológica que faz o Irmão Michael Green, que propõe uma tradução mais ampla e efetiva do aspecto relacional dessa espiritualidade.

A utilização de autores como Judde, Saint-Jure e Francisco de Sales evidencia a opção profundamente afetiva e mística que perpassa o ensinamento de Champagnat. Esses autores são reservados aos Irmãos que se encontram em estágios mais avançados da vida espiritual, como é o caso dos Irmãos Louis e Francisco. Para os noviços e jovens Irmãos, a recomendação recai sobre a literatura ascética de sua época, sobretudo representada pelo padre Rodriguez. Ainda assim, esse ascetismo é entremeado por ensinamentos que exigem docilidade e abertura do coração, como revela sua “Instrução sobre a oração”. Nela, Champagnat ensina aos noviços que o amor é o princípio vital da oração – e que é somente amando-a que poderão se tornar homens de oração (Sester, v. 1, doc. 87, p. 244).

### **Carta de demissão ao padre Colin (AFM 136; OFM, doc. 672)**

Entre os documentos classificados como “Registros” na obra organizada pelo Irmão Paul Sester, encontra-se um texto bastante curioso e significativo para a compreensão da espiritualidade de Champagnat: trata-se de uma carta de demissão. Para compreendê-la melhor, é necessário contextualizar o motivo que levou o fundador a apresentar formalmente sua renúncia ao governo do Instituto dos Irmãos Maristas, dirigida ao padre Jean-Claude Colin, superior da Sociedade de Maria – congregação reconhecida por Roma em 1836 – da qual o padre Champagnat era membro e considerado por muitos como cofundador.

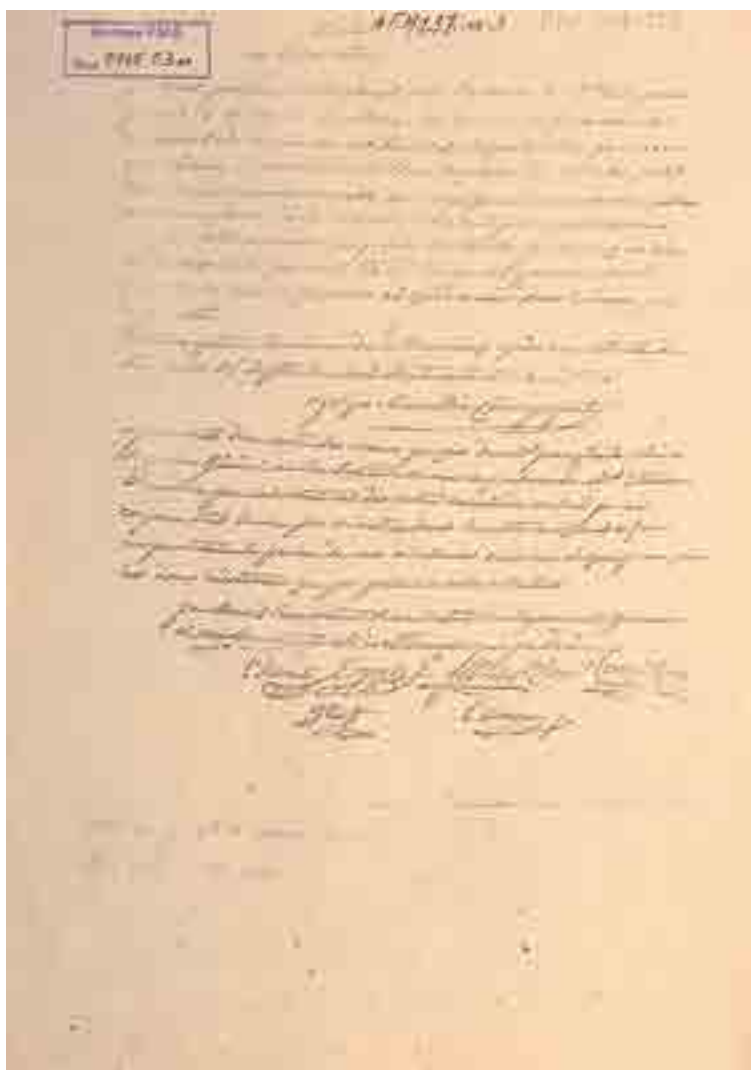


Figura 15 – Carta de demissão ao padre Colin, AFM 136 e OFM, doc. 672.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Em 1837, durante o retiro anual dos padres maristas no seminário menor de Meximieux, alguns confrades insinuaram que Champagnat deveria renunciar ao governo do Instituto dos Irmãos Maristas. Segundo eles, esse gesto seria necessário como um atestado de humildade e reconhecimento da autoridade do padre Colin como superior-geral. Ao perceber do que se tratava, Champagnat respondeu-lhes:

Mas claro! Eu dou a minha demissão; devo dá-la! Deus me concedeu a graça para começar a obra dos irmãos, mas não, talvez, para dar-lhe continuidade. A única coisa que me penaliza é o fato de vocês não me pedirem isso claramente, insinuando o assunto com frases delicadas.” E então assinou o documento de demissão. Logo depois desse ato, o padre superior-geral o nomeou oficialmente, reconhecendo-o, dentro da obediência, como superior dos irmãos. (Coste; Lessard, v. 2, doc. 752, p. 719).

Trata-se de uma primeira abordagem a um assunto complexo, cujo desdobramento final ocorreria apenas em 1863, com o reconhecimento pontifício, por parte de Roma, dos Irmãos Maristas e sua separação definitiva dos Padres Maristas. Estamos diante de dois fundadores: Marcelino e Colin. Ambos atuavam na construção da *l'oeuvre* – a obra de Maria –, embora com visões e carismas distintos. Em diversos momentos, Colin chegou a afirmar que a obra dos Irmãos Maristas (entendidos como Irmãos ensinantes ou professores) nunca esteve presente em sua concepção original da Sociedade de Maria, tratando-se, segundo ele, de uma iniciativa pessoal do padre Champagnat (Coste; Lessard, v. 3, doc. 819, p. 223). No entanto, a carta de demissão do padre Champagnat revela elementos importantes de sua própria interpretação sobre a origem dos Irmãos Maristas e de sua espiritualidade pessoal.

De maneira surpreendente, a carta não é inicialmente dirigida ao padre Colin, mas a Maria.

**Maria, minha terna Mãe**, entrego pura e simplesmente nas mãos do Reverendo Padre superior da Sociedade de Maria o ramo dos Irmãos Maristas que me foi confiado em 1816. Rogo-vos, ó Mãe de misericórdia, fazei que alcance o perdão de todas as minhas faltas pelas quais me tornei culpado, ao negligenciar as minhas obrigações a respeito dessa obra, ou por não me haver desempenhado para com ela como devia. Por esta concessão, que eu faço plena e inteiramente, não desejo comprometer, de nenhuma forma, aqueles direitos que o nosso mui ilustre prelado poderia eventualmente ter nesta obra, que ele trate com ternura, e que a tem auxiliado por vezes com generosidade.

Dado no Seminário Menor de Meximieux, depois de oito dias de retiro, 18 de setembro de 1837. (Coste; Lessard, v. 1, doc. 416, p. 951, grifo nosso).

O documento inicia com uma orientação que define, de maneira original, a percepção que o padre Champagnat tem sobre a fundação dos Irmãos Maristas: trata-se de um ramo da Sociedade de Maria e, portanto, pertence em primeiro lugar **a Maria, sua terna mãe**. Por essa razão, o texto – que, à primeira vista, deveria começar com uma menção ao padre Colin – dedica suas linhas iniciais a Maria. Embora Colin fosse o superior da Sociedade, Champagnat o apresenta, nessa perspectiva, como colaborador de uma obra que pertence, antes de tudo, a Maria. Outro detalhe relevante é que, na primeira parte do documento, o padre Colin não é citado nominalmente; há apenas referência ao cargo que ocupa. Em seguida, Champagnat pede perdão por seus erros e concede plenamente o governo do Instituto “ao mui ilustre Prelado”, a quem agradece pelo auxílio recebido em diversas ocasiões em que precisou de seu conselho.

Se olharmos de maneira objetiva, trata-se de um documento ambíguo, no qual falta clareza à terminologia utilizada por Champagnat em relação à sua renúncia. Ao observar a imagem do manuscrito original, somos levados a considerar a hipótese de que a segunda parte do documento tenha sido um acréscimo sugerido por seus confrades, com o objetivo de tornar mais evidente o ato de demissão ou renúncia – algo que não aparece de maneira explícita na redação inicial de Champagnat. A seguir, transcreve-se essa segunda parte:

Entrego, portanto, a minha demissão nas mãos do padre Jean-Claude Colin, superior-geral da Sociedade de Maria, na presença do padre Terraillon, padre assistente e outros membros do Conselho, conjurando-os a não me esquecer nas suas missas, de modo que eu possa alcançar o perdão das minhas numerosas omissões e que possa cumprir as duas resoluções que tomei neste retiro.

Ficarei muito feliz se integrarem com a sua assinatura a minha promessa, porque estarei certo de que obtive o que desejei.

Chanut, Convers, Jacob, Colin (Pierre), Terraillon, Forest, Chavas. (Coste; Lessard, v. 1, doc. 416, p. 951).

A segunda parte do documento parece atender de maneira mais clara ao ato de renúncia ou demissão nas mãos do padre Jean-Claude Colin, superior da Sociedade de Maria. Na visão do Irmão McMahon, esse trecho representa tanto uma confirmação da pluralidade de ramos (Irmãos, Irmãs, Ordem Terceira) que comporta o projeto original da Sociedade de Maria, quanto uma demonstração da profunda obediência religiosa manifestada por Marcelino (McMahon, 2005, p. 53). Logo após sua renúncia, o padre Colin o renomeia superior do ramo dos Irmãos. No entanto, esse gesto de abnegação e desprendimento por parte do padre Champagnat não

foi suficiente para resolver as divergências entre os dois fundadores, como demonstram as cartas trocadas entre eles no fim de 1837 (Strobino, 2002, doc. 135, p. 269; doc.136, p. 270; doc. 139, p. 277).

Essa tensão entre os fundadores alcança seu ponto máximo na carta cominatória enviada pelo padre Colin em 22 de fevereiro de 1839. Nela, na qualidade de superior da Sociedade de Maria, Colin impõe uma ordem formal de obediência, exigindo que Champagnat realize três dias de retiro para se humilhar diante de Deus, por ter demonstrado pouca obediência em certas ocasiões (Strobino, 2002, p. 350). **Nessa carta, fica explícita a divergência entre os modelos eclesiológicos e pastorais de Colin e Champagnat.** Para o primeiro, a finalidade dos Irmãos na Sociedade de Maria deveria ser a de auxiliares do clero nos serviços domésticos de uma casa religiosa. Para sustentar essa visão, o padre Colin recorre a uma leitura bastante tradicional, alinhada à perspectiva majoritária da Igreja de seu tempo:

Lembrai-vos de que Maria, nossa Mãe e modelo, após a Ascensão do seu Filho, empregava-se toda nas necessidades dos apóstolos; é esse um dos primeiros fins da congregação dos irmãos e das Irmãs Maristas para com os padres da Sociedade; para que estes, livres das preocupações temporais, se entreguem por inteiro à salvação das almas. **Um irmão ao serviço dos padres da Sociedade faz vinte vezes mais do que se estivesse empregado numa comuna;** hoje, graças a Deus, os meios de instruir a juventude não faltam. **Nunca pudestes compreender bem essa ordem e finalidade da Sociedade.** (Strobino, 2002, doc. 181, p. 350-351, grifo nosso).

Colin adota o modelo tradicional de Irmãos coadjutores, amplamente difundido em seu contexto histórico e que permaneceu vigente em muitas congregações religiosas, mesmo após o Concílio Vaticano

II. Esse modelo de organização interna das casas religiosas revela uma sociologia própria da Igreja, moldada conforme as necessidades de seus institutos e ordens, frente às “aptidões intelectuais” apresentadas pelos vocacionados. **Champagnat, por outro lado, inspira-se em uma perspectiva diferente, próxima à de Jean-Baptiste de La Salle. Para ele, a vocação do irmão se insere em um contexto eclesiológico distinto:** embora sejam colaboradores e auxiliares na missão evangelizadora dos sacerdotes, os Irmãos a realizam por meio do ensino cristão, em que a escola se torna o principal espaço de sua atuação na Igreja. Para Colin, os Irmãos deveriam se assemelhar a Maria, que “servia aos apóstolos em suas necessidades” – visão totalmente diferente da destacada por Champagnat na circular de 24 de agosto de 1835. Nela, **os Irmãos retornam a l’Hermitage, assim como os apóstolos ao cenáculo**, a fim de restaurarem suas forças pela oração e pelo testemunho da união e da caridade perfeita que deve reinar entre eles (Champagnat, 2019 [1835], doc. 62, p. 232).

### **Concluindo... um sonho: uma escola de espiritualidade marista**

Ao concluirmos nossa reflexão sobre os manuscritos do fundador, gostaria de ecoar uma reflexão apresentada pelo Irmão Michael Green no terceiro volume da *História do Instituto Marista*: a necessidade de nos reconhecermos como uma família espiritual na Igreja, sem receio de pensarmos em “escolas de espiritualidade”. Embora essa proposta possa parecer ousada, vivemos hoje um momento significativo de compartilhamento da vida e da missão marista entre Irmãos e leigos. Na esfera da vida canônica, o noviçado é o tempo de preparação e aprofundamento na compreensão e vivência do carisma. Contudo, ao olharmos para a missão marista na atualidade, deparamo-nos com um número muito superior de

leigos e leigas que, em parceria com os Irmãos, atuam diretamente na realização do legado marista. Diante disso, surgem questões fundamentais: Onde essas pessoas se formam? Como se aprofundam na vivência da espiritualidade e da vida partilhada, que são partes fundamentais do carisma?

O mesmo pode ser dito em uma perspectiva mais ampla, considerando nossos espaços institucionais maristas. Existe uma cultura marista que pode – e deve – ser ensinada àqueles que desejam ingressar na Instituição? Seria ousado falarmos em uma escola de espiritualidade voltada para leigos e leigas maristas?

Para responder à primeira pergunta, recorro ao pensador e teórico Edgar Schein, considerado por muitos o principal responsável pela consolidação do conceito de cultura organizacional. Segundo esse autor,

A cultura de um grupo pode ser definida como sua aprendizagem acumulada e compartilhada à medida que esse grupo soluciona problemas de adaptação externa e integração interna, que tem funcionado bem o suficiente para ser considerada válida e, conseqüentemente, ensinada aos novos membros como a maneira correta de perceber, pensar, sentir e se comportar em relação a esses problemas. Essa aprendizagem acumulada é um padrão ou sistema de crenças, valores e normas comportamentais que acaba sendo subestimado como uma premissa básica e, por fim, deixa de ser percebido. (Schein, 2022, p. 5).

Para Schein, o que caracteriza uma cultura é a aprendizagem acumulada e compartilhada por um grupo, capaz de responder e solucionar problemas de maneira concreta, testada e avaliada no decorrer dos anos por diversos atores. Essa aprendizagem pode – e deve – ser transmitida aos novos membros, pois revela a maneira como esse grupo traduz crenças, valores e comportamentos éticos

para a sociedade. Estabelecendo uma correlação direta com a história marista, desde Marcelino até os demais superiores-gerais – e atualmente, nós, maristas –, reconhecemo-nos por um saber acumulado, por um jeito próprio de ser e viver que impacta profundamente nossa maneira de atuar no mundo.

Acredito que o **carisma se difunde na convivência e na relação**. Essa foi a primeira intuição do padre Champagnat com os Irmãos Maristas: ele se preocupou em conviver com eles e, conforme as necessidades, foi formando-os naquilo que era necessário para que se tornassem bons cristãos, bons cidadãos e excelentes Irmãos. Entretanto, ao olharmos para os momentos de crise – como o que será abordado no próximo capítulo –, percebemos que Champagnat não hesitou em reforçar a **formação**, conferindo-lhes uma **identidade clara**. Creio que essa também deveria ser uma preocupação das províncias e dos respectivos atores que atuam no campo da espiritualidade. Precisamos formar nossos leigos e colaboradores na cultura, na identidade e no carisma – esse jeito próprio de ser e atuar no mundo que nos caracteriza como maristas.

Conhecer os textos fundadores da nossa espiritualidade – os manuscritos do padre Champagnat, dos primeiros Irmãos (entre eles, o Irmão Francisco) e o magistério dos superiores-gerais – contribuiria significativamente para a formação da nossa identidade e do nosso carisma. Trata-se de um conhecimento com sabor, capaz de dar sentido à vida e à missão. Essa é uma das dimensões da palavra “sapiência”: sabedoria. Mais do que transmitir apenas uma formação intelectual sobre a história marista, é preciso compartilhar a paixão, a visão de futuro de Marcelino Champagnat, dos Irmãos Maristas e, hoje, também, dos leigos e leigas – testemunhada na missão de **tornar Jesus Cristo conhecido e amado!**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALKO, Alexandre. *Le bienheureux Marcellin Champagnat dans ses instructions et sermons inédits*. Lyon: Faculté de Lyon, 1972.

BUARQUE, Virgínia. A contribuição de Michel de Certeau à história das ideias religiosas. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, ano VI, n. 16, p. 161-172, maio 2013.

CERTEAU, Michel de. La prière des ouvriers. *Christus*, Paris, v. 4, n. 15, p. 413-427, jul. 1957d.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Documentos manuscritos*. Separata dos Documentos dos Cadernos Maristas, n. 1 a 11. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, [1991?].

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat: 1789-1840*. Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2019. Disponível em: [https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Cartas-de-Marcelino-Champagnat\\_WEB\\_FINAL.pdf](https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Cartas-de-Marcelino-Champagnat_WEB_FINAL.pdf). Acesso em: 8 ago. 2025.

COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. *Origines Maristes*. Roma: Fontes Historici Societatis Mariae, 1960-1967. 4 v.

DEVILLE, Raymond. *L'École française de spiritualité*. Paris: Desclée, 1987.

FRANÇOIS, Frère. *Pensées de retraite*. (AFM 5101.302). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

GÓMEZ, William Oswaldo Aparicio. *Breve aproximación al Galicanismo*. [S. l.], [s. n.], [2021?]. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/349214613>. Acesso em: 1º ago. 2023.

GREEN, Michael. *Experiência de travessia: marcos da espiritualidade de Marcelino e dos primeiros irmãos maristas*. Curitiba: PUCPRESS, 2021.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

LANFREY, André. *Essai sur les origines de la spiritualité mariste*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2001.

LANFREY, André. *Jalons pour une synthèse historique sur la spiritualité mariste*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2005.

LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros irmãos maristas, 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação*. Curitiba: FTD, 2017.

MCMAHON, Frederick. Como os outros nos veem. *FMS Cadernos Maristas*, Roma, n. 21, p. 9-71, abr. 2005.

MICHEL, Gabriel. *Champagnat en su contexto histórico, religioso y espiritualidad*. Asunción: Imprenta Salesiana, 1994.

RAYES, André. France – sec. XVIII. In: *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*. Paris: Beauchesne, 1932.

SCHEIN, Edgar H.; SCHEIN, Peter. *Cultura organizacional e liderança*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

SESTER, Paul. *Origines des Frères Maristes*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011. 3 v.

SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre São Marcelino Champagnat*. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2014.

STROBINO, Ivo. *São Marcelino Champagnat: cartas recebidas*. Curitiba: Champagnat, 2002.



### 3

## A CRISE DE 1826: UM MARCO NA ESPIRITUALIDADE DO PADRE CHAMPAGNAT

**V**ivemos em um tempo marcado por inúmeras crises. A própria palavra “crise” parece revelar não apenas um momento episódico, mas uma realidade constante da modernidade – ou da pós-modernidade. Há poucos anos, enfrentamos uma crise sanitária que colocou em risco milhões de vidas ao redor do mundo. Este texto surgiu diretamente inspirado por esse episódio e pela leitura do livro *Como ouro no crisol*, do Irmão Mesonero Sánchez. Nessa obra, o autor analisa as crises vividas por Marcelino, com destaque especial para a de 1826.

Diante do momento doloroso que vivíamos e da escassez de esperança, nossa motivação foi voltar o olhar para nossa tradição – em especial para o fundador Marcelino Champagnat – e perguntar como ele e os primeiros Irmãos lidaram com as diversas crises enfrentadas pelo Instituto durante sua história.

Na tradição marista, particularmente na vida de São Marcelino Champagnat, é possível identificar diversas crises. O Irmão Frederick McMahon, em *Abundance of the heart of Saint Marcellin Joseph Benedict Champagnat: a study of his correspondence* [O transbordamento do coração de São Marcelino José Benedito Champagnat: um estudo de sua correspondência], destaca três grandes momentos de crise vividos pelo fundador:

1. Crise pessoal (1826-1827)
2. Crise entre a diocese e os padres maristas (1833-1834)
3. Crise do reconhecimento legal do Instituto (1838)

Embora todas essas crises tenham sido dolorosas para Champagnat, acredito que a de 1826-1827 desempenhou um papel decisivo em sua vida e espiritualidade, sendo, por isso, escolhida para nossa análise. A crise é uma marca profundamente humana, essencial na dinâmica do crescimento pessoal e espiritual. Não existe vida que não pressuponha a experiência da crise. Para esta reflexão, adotamos o conceito de crise como oportunidade de purificação, em vista de um discernimento mais profundo que nos ajude a alcançar um juízo mais apropriado da realidade.

A vida de Champagnat, assim como a de todo ser humano, não esteve isenta de episódios nos quais a purificação foi precedida por uma verdadeira “fundição”. Aliás, essa é uma imagem bastante expressiva: para ser derretido, o metal precisa atingir uma temperatura extremamente elevada – momento em que sua estrutura se torna maleável, permitindo ao ferreiro ou artesão moldá-lo conforme desejar. Ao observarmos as crises pelas quais Marcelino e o Instituto passaram, sentimo-nos, de certa forma, no meio dessa fundição: uma situação em que as estruturas sólidas de nossas certezas e escolhas

são liquefeitas por um “fogo” que eleva a “temperatura” à qual estávamos acostumados a conduzir nossas vidas.

A crise de 1826 é um desses momentos de verdadeira purificação. Para compreendermos sua extensão, é necessário retornar aos primórdios da Congregação. Após sua fundação em 1817 e a superação da forte crise vocacional de 1822, o Instituto Marista começou a prosperar. A ampliação da casa de La Valla mostrou-se insuficiente para acolher os novos noviços que se apresentavam.

Em 1824, com a chegada do novo arcebispo de Lyon, dom Gaston de Pins, Marcelino obteve um apoio importante para sua obra. Recebeu autorização para conceder o hábito religioso aos seus Irmãos e a permissão para adquirir o terreno de l’Hermitage. Além disso, em um gesto de confiança e benevolência, o arcebispo autorizou a vinda do padre Courveille para auxiliar Marcelino no governo dos Irmãos.

Os meses que se seguiram foram de intensos trabalhos para Marcelino e os Irmãos, que colaboravam diretamente com os pedreiros contratados para a construção do edifício de l’Hermitage. Assim como ocorrera na reforma da casa de La Valla, surgiram muitas narrativas – especialmente da tradição oral – que colocavam Marcelino como o principal responsável por toda a obra, destacando-se por sua força fora do comum nos trabalhos mais exigentes.



Figura 16 – Imagem da construção de l'Hermitage, de Goyo.

Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

O esforço rigoroso dedicado à construção de l'Hermitage, somado às viagens exaustivas que Marcelino realizou – por volta da festa de Todos os Santos – às escolas dos Irmãos, levou o fundador a um verdadeiro colapso físico e mental. Após a celebração do Natal de 1825, adoeceu gravemente, a ponto de ser necessário redigir um testamento, prevendo a possibilidade de falecimento. Nesse contexto, é possível identificar o enfrentamento de uma profunda crise espiritual na vida de Marcelino. Vamos analisá-la sob diferentes aspectos: saúde, finanças, liderança, solidão, perda de prestígio e, por fim, a deserção de alguns de seus primeiros discípulos.

## **Crise da saúde**

Durante os trabalhos de construção da casa de l'Hermitage, o padre Champagnat ultrapassou os limites físicos de suas próprias

forças. Trabalhava horas a fio, mesmo sob forte nevasca, e sem proteção adequada. Ele sentia a urgência de entregar, o mais rápido possível, uma casa que pudesse servir como sede para o crescente Instituto. Ao final da construção, em maio de 1825, a casa já abrigava 20 Irmãos e 10 postulantes, sob a direção do padre Marcelino e do padre Courveille.

Há também uma perspectiva místico-espiritual a ser considerada. Segundo Lanfrey (2015, p. 111), para Champagnat e Courveille, l'Hermitage não representava apenas a continuidade de La Valla, mas o local de origem da Sociedade de Maria – tanto como um ramo dos Irmãos voltado ao apostolado nas escolas, quanto como um ramo dos padres, responsáveis pela orientação dos Irmãos e pela atividade missionária. Embora o edifício físico tenha sido concluído, o edifício espiritual – entendido como a consolidação da Sociedade de Maria – ainda enfrentava muitas dificuldades, por dois motivos principais.

Primeiramente, os Irmãos mais antigos – formados em uma tradição menos hierárquica e com forte ênfase no laicato – não se adaptaram imediatamente à nova configuração da comunidade, agora dirigida por outros sacerdotes e com um projeto mais amplo, como era o da Sociedade de Maria. Hoje, poderíamos dizer que houve um choque de culturas.

Em segundo lugar, o padre Courveille, líder espiritual da Sociedade de Maria, não demonstrou maturidade suficiente para compreender que a forte relação dos Irmãos com Marcelino havia sido estabelecida sete anos antes, no início do Instituto, em La Valla. Diante do fracasso em ser reconhecido pelos Irmãos como seu fundador, Courveille ficou emocionalmente abalado e, infelizmente, acabou protagonizando um escândalo moral, o que resultou em seu afastamento da comunidade de l'Hermitage.

Segundo o Irmão Jean-Baptiste Furet, todos esses dissabores, somados à forte pressão financeira, ao cansaço extremo causado pelos trabalhos em l'Hermitage e à necessidade de visitas constantes às escolas, levaram o fundador a um esgotamento físico que, por pouco, não o conduziu à morte. Na literatura marista, não há relatos detalhados sobre o que aconteceu com o padre Champagnat; sabe-se, porém, que, em pouco tempo, ele perdeu todas as forças, a ponto de não conseguir assinar o testamento redigido junto à sua cama pelo notário de Saint-Chamond. Sabemos apenas que essa doença deixou marcas que o acompanhariam até sua morte, em 1840. Mesmo após a recuperação, Champagnat nunca mais foi o mesmo. As lendas sobre o homem de grande força são todas anteriores a esse evento. A partir de então, Marcelino já não teria mais a mesma disposição física de antes.

## **Crise financeira**

A notícia do agravamento da saúde do padre Champagnat espalhou-se rapidamente entre alguns credores, contribuindo para expor uma contabilidade arriscada mantida tanto por Marcelino quanto por Courveille. Em 1824, o arcebispado autorizou a construção de l'Hermitage, afirmando categoricamente: **“O projeto correrá por conta própria”**. Por isso, em 13 de maio daquele ano, Champagnat e Courveille obtiveram um empréstimo de 5 mil francos junto a Monteiller para a compra do terreno, com pagamento em um ano e juros de 5%. Ainda em 1824, eles contraíram novos empréstimos com outras pessoas (Perrin, 2014, p. 137-138).

**Tabela 2 – Empréstimo para a compra do terreno de l'Hermitage**

| <b>Data</b> | <b>Devedor</b>          | <b>Beneficiário</b> | <b>Quantia</b> |
|-------------|-------------------------|---------------------|----------------|
| 03/07/1824  | Champagnat e Courveille | Thiolière           | 500 F          |
| 02/10/1824  | Champagnat e Courveille | Bonnard             | 3.000 F        |
| 04/10/1824  | Champagnat e Courveille | Thouilly            | 100 F          |

Somados aos 5 mil francos emprestados anteriormente, a dívida de Marcelino e Courveille, em 1824, chegou a quase 10 mil francos. Para efeito de comparação, o salário anual de um operário na época variava entre 300 e 400 francos. Portanto, é compreensível pensar que a crise financeira tenha começado muito antes da doença de Marcelino, ocorrida no fim de dezembro. Esse fator, somado ao desgaste nas relações com os padres Courveille e Terraillon e ao esgotamento físico, pode ter contribuído para o colapso de Champagnat.

O fato de não terem conseguido pagar o empréstimo de 5 mil francos em 25 de maio de 1825 revela a precariedade das finanças da casa. Após tomar conhecimento da situação financeira da comunidade, Monteiller aceitou receber, provisoriamente, 2 mil francos, mas ficou claro para Marcelino que os empréstimos precisariam ser renegociados em um futuro próximo.

A complicada relação do padre Courveille com os Irmãos não impediu um novo pedido de empréstimo conjunto com o padre Champagnat – desta vez no valor de 12 mil francos – junto à senhora De Divonne, em 13 de dezembro, dias antes da grave enfermidade de Champagnat.

A partir de 26 de dezembro, com o agravamento de sua saúde, espalhou-se a notícia da possibilidade da morte de Champagnat. Em 6 de janeiro de 1826, foi realizado o testamento. O padre Terraillon

recusou-se a ser signatário. Graças à intervenção do Irmão Estanislau, o padre Verrier, amigo de Champagnat, aceitou ser o responsável pelo documento. Nesse período, muitos credores começaram a cobrar seus empréstimos junto à comunidade de l'Hermitage. O pagamento de 6 mil francos pelo pároco de Saint-Chamond, padre Dervieux, para liquidar os títulos mais urgentes, ajudou a tranquilizá-los. Logo depois, Champagnat foi convidado a se restabelecer na casa do padre Dervieux, onde poderia receber cuidados melhores. Durante esse tempo, l'Hermitage ficou sob a responsabilidade dos padres Courveille e Terraillon.

Em 15 de março de 1826, buscando formas de mitigar as dívidas, Champagnat obteve permissão das autoridades locais para a instalação de um moinho em l'Hermitage, com o objetivo de levantar fundos por meio da fiação de seda. Embora esse empreendimento não estivesse alinhado com o objetivo primário da Instituição – o ensino das crianças do campo – ele revela a capacidade criativa e empreendedora de Champagnat diante da crise financeira que enfrentava.

Uma ajuda importante para as finanças de l'Hermitage nesse período foi o empréstimo de 12 mil francos, concedido em 1º de maio de 1826 pelo padre Petitain, pároco de Ampuis. Em troca, Marcelino garantiu a manutenção dos serviços da escola paroquial de Ampuis, fundada no ano anterior. Esse acordo permitiu que Montpellier recebesse os 3 mil francos ainda devidos pela aquisição do terreno de l'Hermitage.

Com as saídas dos padres Courveille e Terraillon, em maio e outubro de 1826, respectivamente, Champagnat passou a assumir sozinho o governo dos Irmãos, a supervisão das escolas e o controle administrativo da Congregação. Esse acúmulo de responsabilidades coincidiu com o momento mais crítico da crise financeira e com a deterioração de sua saúde. Nesse contexto, foram de fundamental importância para o socorro ao fundador o Irmão Estanislau e os padres Verrier e Dervieux.

## **Crise de liderança**

A crise da liderança espiritual da Sociedade de Maria foi, sem sombra de dúvidas, a mais intensa vivida por Champagnat. Desde os anos finais no seminário de Lyon, Marcelino havia se vinculado ao projeto da Sociedade de Maria. Após a Promessa de Fourvière e alguns meses depois de sua chegada a La Valla, ele deu início ao Instituto dos Irmãos. Mais tarde, a construção de l'Hermitage e a chegada do padre Courveille, seguida pela entrada do padre Terraillon, representaram uma tentativa de consolidar a primeira comunidade da Sociedade de Maria na diocese de Lyon.

A crise instaurada entre os Irmãos e os padres Courveille e Terraillon foi uma surpresa para Marcelino Champagnat. Uma possível explicação para esse conflito remonta aos primórdios da formação da primeira comunidade em La Valla. Desde o início, Champagnat favoreceu a autonomia da comunidade e incentivou-a entre os Irmãos, como na eleição do primeiro diretor, o Irmão João Maria. Outras funções, como a de mestre de noviços, também foram distribuídas entre os Irmãos. Com a chegada dos padres, porém, criou-se certo desequilíbrio nesse cenário. A tutela exercida pelos padres Courveille e Terraillon não foi bem recebida pelos Irmãos, especialmente pelos mais antigos, que preservavam a tradição das origens – com destaque para o Irmão Estanislau.

A queda do padre Courveille foi o golpe mais duro de toda a crise de 1826. Para Marcelino, Courveille era o grande idealizador da Sociedade de Maria. Havia entre eles uma proximidade espiritual, já que ambos eram oriundos da diocese de Le Puy – um importante santuário mariano, onde Courveille teria recebido a inspiração para fundar a Sociedade de Maria. Sua queda, portanto, colocou o padre Champagnat em uma situação inesperada, segundo Lanfrey:

Esse fracasso de 1824 a 1826, na verdade, é o da Sociedade sonhada em 1816 por Courville, mas também por Champagnat. Courville não compreende logo que não é o fundador da sociedade agora constituída (irmãos); Champagnat ainda não percebe que o fundador é ele. Em todo caso, os dois não duvidaram que, ajuntando padres e irmãos na mesma casa, trabalhariam para a Sociedade de Maria. Os irmãos lembram a eles, entretanto, que também têm suas próprias ideias: uma hierarquia de funções, mas um companheirismo fundamental, como foi praticado desde a origem<sup>9</sup>. (Lanfrey, 2017, p. 346).

Novamente, é surpreendente descobrir que Champagnat fundou mais três escolas no decorrer de 1826: Saint-Paul-en-Jares (no Loire), Mornant e Neuville-sur-Saône (ambas no Rhône). Esse dado nos leva a compreender que o grande impacto da crise foi sentido muito mais por Marcelino do que pelos Irmãos. Para estes, em geral, não houve mudanças significativas. Pouco se ouve falar dessa crise fora de l'Hermitage, já que ela não afetou a abertura de novas escolas.

Foi necessário tempo para que a purificação causada pela perda do líder fosse assimilada por Marcelino Champagnat. Um ano após todos esses acontecimentos, em maio de 1827, ele escreve, em um desabafo a dom Gaston de Pins:

O proceder infeliz daquele que parecia ser o chefe é uma espantosa investida do inferno, mas Jesus e Maria serão sempre o amparo seguro de minha confiança. Deus quer essa obra nestes tempos de perversidade. Sempre tem sido esta minha convicção inabalável. Mas, ai de mim! Talvez Deus queira outros homens para estabelecê-la. Que seu santo nome seja bendito! (Champagnat, 2019, doc. 6).

---

<sup>9</sup> O tema do fracasso da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria foi abordado no primeiro capítulo desta obra, ao apresentarmos os principais textos ligados à experiência do *Nisi Dominus*.

Depois de vivenciada a crise da liderança espiritual, Champagnat passou a relativizar o papel humano no protagonismo e no desenvolvimento da Sociedade de Maria.

## **Crise da perda de prestígio**

Os desdobramentos da crise de saúde de Marcelino, tanto na economia quanto na liderança da Sociedade de Maria, tornaram-se públicos entre os padres da arquidiocese de Lyon. Marcelino, que havia recebido grande apoio para o desenvolvimento de seu trabalho com a chegada de dom Gaston de Pins, passou então a ser alvo de uma investigação – ou melhor dizendo, de uma visita canônica solicitada pelo arcebispo. Na *Vida de Champagnat*, Furet relata que o motivo da investigação teria sido uma denúncia feita pelo padre Courveille contra o padre Champagnat (Furet, [1853] 1999, p. 138).

A visita aconteceu em julho de 1826. Na ocasião, o padre Champagnat ainda se convalescia na casa paroquial de Saint-Chamond. Assim que soube da inspeção, dirigiu-se imediatamente a l'Hermitage. O responsável pela visita foi o vigário-geral, padre Cattet, que recebeu Champagnat com frieza. Após um exame rigoroso dos Irmãos e noviços, padre Cattet recomendou a Marcelino uma formação mais sólida para os Irmãos e o proibiu de realizar novas construções (Furet, [1853] 1999, p. 139).

O resultado da visita não foi favorável ao padre Champagnat. Além de se inteirar da situação financeira da casa, padre Cattet mostrou-se bastante cético quanto à capacidade de Champagnat para formar os Irmãos. Ao retornar a Lyon, o vigário-geral propôs ao arcebispo a união dos Irmãos Maristas com os Irmãos do Sagrado Coração, do padre Coindre. Para a sorte dos Irmãos Maristas,

padre Coindre recusou a proposta. No fim de abril, embora ciente da situação financeira de l'Hermitage, o arcebispo retirou o apoio ao plano de Cattet, e o assunto foi esquecido. Pouco tempo depois, em 30 de maio, padre Coindre faleceu.

Embora o Arcebispado tenha retirado o apoio à fusão dos Irmãos Maristas com outra congregação, o escândalo provocado pela saída do padre Courveille, no final de maio de 1826, levou o padre Cattet a propor novamente a fusão da congregação, em 8 de agosto – mesmo diante do parecer contrário e definitivo do Conselho, que apoiava o padre Champagnat (Cf. Farrell, 1984).

Meses depois, com a decepcionante queda do padre Courveille e a saída do padre Terraillon, o clero e a população em geral começaram a comentar sobre o fracasso da primeira tentativa de estabelecimento da Sociedade de Maria na arquidiocese de Lyon. Essa percepção é evidenciada pelo próprio Champagnat em uma carta de 1827 ao vigário-geral, padre Barou:

Estou sozinho, o senhor bem sabe, e isto traz preocupações às pessoas de fora, que geralmente falam sem conhecimento de causa, me acusam como o primeiro culpado pelo afastamento do padre Courveille e do padre Terraillon. Todos esses contratempos me causam pesar, mas não surpresa. Já esperava e ainda espero por provações mais duras. Seja bendito o santo Nome de Deus. (Champagnat, 2019, doc. 7).

Ao descrever seus sentimentos de solidão e pesar, Marcelino alude aos comentários maldosos que circulavam entre as pessoas. De maneira repentina, a florescente comunidade vê-se diante do abandono dos dois sacerdotes que auxiliavam Champagnat. Qual o motivo? O que se passou? Quem são os responsáveis? Como bom líder, Marcelino não permite que essas percepções cheguem até seus Irmãos. Ao contrá-

rio, enfrenta-as com firmeza, ciente da gravidade da situação – como demonstra sua estratégica carta ao padre Barou, então responsável pela nomeação dos sacerdotes nas respectivas paróquias da arquidiocese.

## **Crise do isolamento**

No primeiro capítulo da segunda parte da *Vida de Marcelino*, o Irmão Jean-Baptiste Furet descreve o fundador da seguinte maneira: “Era de caráter alegre, expansivo, franco, firme, corajoso, ardoroso, constante e equânime”; e continua: “Ao temperamento alegre, expansivo, acessível, obsequioso e conciliador é que o padre Champagnat deveu, em grande parte, o êxito no ministério sacerdotal e na fundação do Instituto” (Furet, [1853] 1999, p. 252).

A sociabilidade era uma marca de Marcelino, assim como sua grande capacidade de fazer amigos. Ele sentia necessidade de estar com os Irmãos, sobretudo nos recreios e momentos comunitários. Contudo, no auge da crise de 1826, experimentou a solidão provocada pelo abandono de seus confrades sacerdotes. Diante de uma comunidade que crescia de maneira consistente, encontrava-se sozinho na administração e no acompanhamento espiritual de todos.

A crise do isolamento se manifesta na impossibilidade de o padre Champagnat se dedicar com afinco a todas as frentes de trabalho: formação dos Irmãos, serviços religiosos, como celebração dos sacramentos, missas e confissões; administração financeira da casa; e, o mais difícil, supervisão e visitas às escolas.

A solidão e o isolamento prolongaram-se por mais de oito meses – desde a saída do padre Terraillon, em outubro de 1826, até a chegada do padre Séon, em maio de 1827. Durante esse difícil período, Champagnat escreveu quatro cartas emblemáticas que revelam seus sentimentos:

- I. Ao padre Philibert Gardette (maio de 1827): “Com muita confiança venho buscar junto a V. Revma. conselho e consolo em meus aborrecimentos. Estou completamente sozinho, como o certamente já sabe. De qualquer modo que eu tente, é-me impossível resolver tudo...” (Champagnat, 2019, doc. 3).
- II. A um vigário-geral de Lyon (maio de 1827): “Estou sozinho; apesar do que não desanimo, pois sei quanto Deus é poderoso e como suas veredas permanecem ocultas mesmo aos mais clarividentes. Muitas vezes ele atinge o seu objetivo na hora em que nos parece estar distante” (Champagnat, 2019, doc. 4).
- III. A dom Gaston de Pins (maio de 1827): “Como padre, estou sozinho. Isto me entristece, porém não me desanima, pois aquele que me sustenta se chama Deus Forte” (Champagnat, 2019, doc. 6).
- IV. Ao padre Jean-Joseph Barou (maio de 1827): “Estou sozinho, o senhor bem sabe, e isto traz preocupação às pessoas que têm estima pela obra e a ajudam” (Champagnat, 2019, doc. 7).

A comparação entre essas cartas revela a profundidade da crise vivida por Marcelino, especialmente o esforço realizado em maio de 1827. Com todas as suas forças, após um longo período de maturação da crise, Champagnat se abre com confiança a seus superiores, pedindo ajuda. Ao mesmo tempo, ainda que não fosse sua intenção, revela aos seus confidentes a maturidade de um homem experimentado pela longa provação que enfrentava. Ele sofre, mas suporta as consequências sem perder a força interior que nasce da convicção de saber quem o sustenta: “Isto me entristece, porém não

me desanima, pois aquele que me sustenta se chama Deus Forte” (Champagnat, 2019, doc. 6).

A purificação causada pela solidão enfrentada por Marcelino é contrastada pela confiança e pelo abandono que se manifestam nas cartas desse período. O paradoxo da fé é vivenciado com profundidade pelo fundador: “Quando sou fraco, então sou forte” (2Cor 12,10). Nesse contexto, Marcelino nos aponta para a ressignificação dos laços afetivos e, ao mesmo tempo, para uma nova orientação espiritual nascida dessa experiência.

Desejo e peço para vocês bens mais consistentes e verdadeiros: servir a Deus com fervor, cumprir fielmente os deveres do próprio estado, trabalhar todos os dias para desapegar nosso coração das criaturas, a fim de entregá-lo a Jesus e a Maria, deixá-lo ao sabor dos movimentos da graça. (Champagnat, 2019, doc. 63).

## **Crise da desertão**

A crise de 1826 abalou profundamente as estruturas da obra de Champagnat. Nesse momento difícil, a liderança do Irmão Estanislau foi decisiva, como já observamos anteriormente. Por outro lado, há um silêncio – ou uma grande lacuna – em relação aos dois primeiros Irmãos: Jean-Marie e Louis. Sobre o primeiro, sabe-se que, com o passar do tempo, foi se distanciando do projeto educativo que ganhava força na obra dos Irmãos. Em 1822, abandonou o posto de diretor da escola de Bourg-Argental para ingressar em um mosteiro trapista. Após um mês de retiro, resolveu voltar a l’Hermitage, onde foi novamente acolhido por Marcelino Champagnat. Infelizmente, nunca mais foi o mesmo. Apresentando grande desequilíbrio emocional, foi demitido pelo padre Champagnat no final de 1826.

Nesse mesmo ano, Etienne Roumésy – que vinha se destacando como excelente diretor nas escolas por onde passou – decidiu abandonar o Instituto para, em parceria com o padre Colomb, fundar um orfanato. A iniciativa, no entanto, foi dissolvida dois anos depois pelo arcebispo, dom Gaston de Pins.

Poucos meses depois, em outubro de 1826, foi a vez dos Irmãos Dominique e Antoine desertarem para acompanhar o padre Courveille. Embora essa aventura tenha durado pouco, ambos retornaram e foram novamente acolhidos pelo padre Champagnat. Quanto ao Irmão Louis, segundo na linha cronológica do Instituto, enfrentou nesse mesmo período uma grave crise vocacional, pois estava inclinado a seguir o sacerdócio. Após um longo período de dúvidas e sofrimentos, conseguiu superar essa crise. Todos esses acontecimentos afetaram profundamente o padre Champagnat.

## **Considerações finais**

Os eventos que levaram à crise de 1826 foram devastadores em diversos aspectos para a casa de l’Hermitage. Ainda assim, chama atenção a capacidade de Marcelino de conter os efeitos dessa crise, praticamente restringindo-os à comunidade local. Durante esse período, as demais escolas não apenas continuaram funcionando satisfatoriamente, como novas unidades foram abertas em Neuville, Mornant e Saint-Paul-en-Jarret, no Loire. Dessa forma, podemos deduzir que, apesar de seus efeitos duradouros, a crise de 1826-1827 não paralisou a ação nem o desenvolvimento do Instituto dos Irmãos Maristas.

Como Marcelino vislumbrou o futuro por meio dessa grande crise? Do ponto de vista espiritual, essa pergunta nos conduz a uma das grandes iluminações da espiritualidade do padre Champagnat:

o *Nisi Dominus*. Trata-se de uma experiência profunda com Deus, vivida por meio da interiorização do Salmo 126:

Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão os construtores; se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão as sentinelas! É inútil levantar-se de madrugada ou à noite retardar o seu repouso para ganhar o pão sofrido do trabalho, que a seus amados Deus concede enquanto dormem.

**Em outras palavras, esse ensinamento revela que, sem Deus, tudo é em vão.**

O *Nisi Dominus* no padre Champagnat evoca uma atitude espiritual baseada na confiança ilimitada em Deus (e, em Maria), acompanhada de uma desconfiança igualmente profunda em relação a si mesmo. Para ele, o ser humano é apenas um “instrumento” – incapaz de realizar qualquer coisa sem a graça divina. Nesse contexto, a humildade ocupa um lugar central na espiritualidade de Champagnat. Uma declaração feita por ele no final da vida ilustra bem esse aprendizado, especialmente à luz da crise de 1826 e de sua relação com o tema da confiança:

A gente é apenas um instrumento, ou melhor, não é nada; Deus é quem faz tudo. Você deveria compreender essa verdade, pois está entre os veteranos e presenciou as origens do Instituto, acaso a Providência não cuidou sempre de nós? Não foi ela que nos congregou e nos fez triunfar de todos os obstáculos? Forneceu-nos recursos para construir esta casa, abençoou nossas escolas e lhes deu prosperidade, embora fôssemos gente sem talento. Em suma, não foi a divina Providência que tudo realizou entre nós? Ora, ela cuidou do Instituto até hoje, por que não cuidaria dele no futuro? (Furet, [1853] 1999, p. 214).

Do **ponto de vista administrativo**, esses acontecimentos se desdobraram na **reorganização da fundação dos Irmãos** em

l'Hermitage. Durante a crise de 1826, Champagnat reformulou a associação de Irmãos e introduziu os votos perpétuos, criando assim uma elite de discípulos – da qual os sacerdotes, antes imaginados por ele em um modelo inicial da Sociedade de Maria, já não faziam mais parte. Com essa mudança, Champagnat assumiu definitivamente o cargo de fundador dos Irmãos, sem, contudo, deixar de trabalhar e desejar no mais profundo do seu ser a realização da obra dos padres maristas (Cf. Furet, [1853] 1999, p. 189).

A evolução espiritual de Champagnat, especialmente em relação às dúvidas sobre sua fundação por volta de 1824, foi profundamente marcada pela iluminação do *Nisi Dominus*. Esse momento representou uma virada na concepção da Sociedade de Maria, e o Irmão Francisco tornou-se o fervoroso discípulo dessa segunda fundação. Champagnat fez essa aposta como uma das consequências da crise, e seu primeiro sucessor deixou-se moldar e impactar, durante seu mandato, pela preservação do estilo fundacional – sobretudo no que diz respeito à base espiritual e ao modo de vida religiosa consagrada, distinto do modelo associativo anterior. Essa mudança, no entanto, não ocorreu sem conflitos e perdas. Jean-Marie Granjon e Etienne Roumésy não se adaptaram ao novo modelo, e até mesmo os Irmãos Louis e Jean-Baptiste demonstraram relutância na emissão de seus votos perpétuos, que só ocorreram em 1828.

Do ponto de vista eclesiástico, a crise expôs o fracasso de uma primeira tentativa de fundação da Sociedade de Maria na diocese de Lyon. Por meio desse contexto, a crise de 1826 reformulou a compreensão da finalidade e da ação dos Irmãos Maristas, além de revelar a Marcelino quais seriam os Irmãos em quem ele poderia confiar para o desdobramento da refundação do Instituto Marista. Se em algum momento Champagnat teve dúvidas quanto ao seu papel como funda-

dor da obra dos Irmãos, a carta ao padre Cholleton, escrita em 1833, revela uma tomada de consciência clara e profunda sobre essa missão:

Por fim, Deus em sua infinita misericórdia, melhor, talvez em sua justiça, me devolveu a saúde. Tranquilei meus filhos, dizendo-lhes que nada temessem, que eu compartilharia de todos os seus dissabores, partilhando com eles até o último pedaço de pão. Naquela ocasião (a crise de 1826) constatei que nem um nem outro (Courville e Terraillon) tiveram sentimento de pai para com meus jovens. [...] Mesmo estando sozinho por causa do afastamento do padre Courville e a saída do padre Terraillon, Maria não nos abandona. Aos poucos vamos pagando as dívidas, outros irmãos vêm tomar o lugar dos primeiros. Maria nos ajuda e isso nos basta. (Champagnat, 2019, doc. 30).

Ao contemplarmos de perto, com o apoio de alguns detalhes históricos, a forma como Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos enfrentaram a crise de 1826, percebemos que a vulnerabilidade e a fragilidade não estiveram ausentes de sua experiência. Ao mesmo tempo, é possível observar que a solidariedade e a criatividade desempenharam um papel importante na mitigação dos efeitos da crise. Em todas essas iniciativas, nota-se uma confiança que não se confunde com certeza, e uma atitude esperançosa que vai além do simples otimismo. Do início ao fim, houve um caminho de discernimento e juízo, de purificação e de escolha do essencial – um processo de depuração da própria espiritualidade.

A síntese da experiência espiritual vivida durante essa crise pode ser traduzida da seguinte forma: Marcelino fez tudo o que estava ao seu alcance, com todas as forças de sua alma, mas discerniu que o futuro da vida repousava, em última instância, nas mãos de Deus. Ao final desse processo, não se encontra o fracasso nem o vazio, mas sim o abraço misericordioso de Deus. A confiança, então, torna-se

purificada de seus ídolos, e a virtude da humildade passa a ser vivida como dom, como graça. Eis aí um dos pilares da espiritualidade marista que continua a iluminar nossos caminhos nos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat, fundador do Instituto dos Irmãos Maristas*. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2019.

FARRELL, Stephen. *Achievement from the depths: a critical historical survey of the life of Marcellin Champagnat (1789-1840)*. Drummoyne: Marist Brothers, 1984.

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino de José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

LANFREY, André. *História do Instituto: da aldeia de Marlies à expansão mundial (1789-1907)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2015.

LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos Maristas, 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação*. Curitiba: FTD; Memorial Marista, 2017.

MCMAHON, Frederick. *Abundance of the heart of Saint Marcellin Joseph Benedict Champagnat: a study of his correspondence*. Sydney: Province of the Marist Brothers.

MESONERO SÁNCHEZ, Manuel. *Como oro en el crisol: San Marcelino Champagnat*. Madrid: Imprintalia, 2018.

PERRIN, Eric. Nascimento de l'Hermitage de Champagnat em Gaux. *Cadernos Maristas*, Roma, n. 32, p. 133-160, maio 2014.



#### 4

### ROSTO MARIANO DA IGREJA: UMA PROPOSTA PARA A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE MARIANA

**E**m nossa reflexão sobre as origens maristas, deparamo-nos com o lugar especial que Champagnat e os primeiros Irmãos reservaram para Maria na espiritualidade pessoal e comunitária do Instituto. **Embora não seja o centro, Maria ocupa um lugar central em nossa espiritualidade.** Levamos seu nome e somos inspirados por seu modo de ser e viver o seguimento de Jesus. Diante disso, decidimos acrescentar à nossa reflexão sobre as origens um capítulo dedicado a Maria. Em particular, propomos uma abordagem sobre a resignificação da espiritualidade mariana no Instituto, por meio da expressão “rosto mariano da Igreja”.

O termo “rosto mariano da Igreja” expressa uma forma de ser e viver o cristianismo, inspirada no seguimento de Jesus a exemplo de Maria. Essa expressão passou a ser utilizada com frequência no Instituto Marista a partir do XXI Capítulo Geral.

No entanto, a inspiração mariana já estava presente desde os primórdios da Sociedade de Maria, especialmente na longínqua promessa de 1816, em Fourvière. Com o intuito de aprofundar o real significado dessa expressão, é pertinente levantar algumas questões: Quando e onde ela foi utilizada pela primeira vez na história do Instituto? Como evoluiu no decorrer do tempo? Qual é sua base teológica? Há reconhecimento por parte do Magistério da Igreja? E, por fim, qual tem sido seu impacto na renovação e na espiritualidade do Instituto?

Buscando contribuir com esses questionamentos, este capítulo tem como objetivo principal analisar, com base nas publicações oficiais do Instituto Marista, na tradição dos padres maristas e no magistério da Igreja, a evolução de um pensamento determinante durante o governo do superior-geral, Irmão Emili Turú. Esse pensamento influenciou significativamente o modo de **compreender a espiritualidade mariana dos Maristas de Champagnat, bem como o processo de renovação do Instituto dos Irmãos Maristas.**

A expressão “rosto mariano da Igreja” não aparece nas origens do Instituto dos Irmãos Maristas nem da Sociedade de Maria. Contudo, a expressão “Igreja nascente” pode ser considerada uma forma correlata de manifestar, ainda que de maneira distinta, a inspiração mariana que marcou os primeiros maristas em seu modo de ser e viver a fé como membros da Igreja. Os jovens sacerdotes e seminaristas que se consagraram em Fourvière carregavam consigo o sonho de uma Igreja renovada – um ideal que expressavam por meio do termo “Igreja nascente”.



Figura 17 – Ícone da Mãe da Misericórdia, de Sérgio Ceron.  
Projeto inicial do painel da Capela, CMC, Curitiba (PR).  
Crédito: Sérgio Ceron.

Fonte: Acervo da Província Marista Brasil Centro-Sul.

## Igreja nascente<sup>10</sup>

A ideia de viver a fé em Jesus Cristo em uma Igreja que reflita o modo como Maria a viveu nas origens do cristianismo foi denominada, pelo padre Colin e pelos primeiros maristas, com a expressão “Igreja nascente”. Essa concepção remonta à história da Sociedade

<sup>10</sup> O fundamento da Igreja é Cristo. Segundo o grande teólogo Henri de Lubac, “A Igreja tem como única missão fazer Jesus Cristo presente aos homens. Ela deve anunciá-lo, mostrá-lo e dá-lo a todos. Todo o restante não é mais que sobreposição. Nós sabemos que ela não pode deixar de cumprir esta missão: ela é, e sempre será na verdade a Igreja de Jesus Cristo” (Lubac, 1958, p. 214). Essa compreensão é reafirmada pela *Constituição Dogmática Lumen Gentium* n. 1, retomada pelo *Catecismo da Igreja Católica*: “Sendo Cristo a luz dos Povos, este Sacrossanto Concílio congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente anunciar o Evangelho a toda a criatura e iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja”. Com isso, o Concílio evidencia que o artigo de fé sobre a Igreja depende inteiramente dos artigos concernentes a Cristo Jesus. A Igreja não tem outra luz senão a de Cristo. (Catecismo da Igreja Católica, 1993, p. 748).

de Maria (padres maristas) e à maneira como ela entende sua missão escatológica na Igreja. Desde os primeiros passos da Sociedade, o padre Colin era movido por um pensamento que, embora envolto em certo mistério, revelava profundas intuições espirituais:

No final de 1837 – mais de vinte anos depois que Colin havia deixado Santo Irineu – Mayet escreveu as seguintes palavras de Colin: “A Santíssima Virgem disse: Fui o sustentáculo da Igreja nascente, e sê-lo-ei também no final dos tempos”. (Mayet *apud* Taylor, 2015).

Essa dupla afirmação constitui um dos polos da espiritualidade dos padres maristas, redescoberta no retorno às fontes, motivado pelo movimento de renovação suscitado pelo Concílio Vaticano II. Assim como ocorreu no Instituto dos Irmãos Maristas, os padres maristas passaram a descobrir aspectos de sua fundação e espiritualidade até então pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos de sua própria história. **Nesse processo, o período da Igreja nascente tornou-se o modelo de referência fundamental de eclesiologia para a Sociedade de Maria.** Os primeiros maristas acreditavam profundamente nessa inspiração de Colin. No livro *Herdeiros da promessa*, Irmão Estaún resgata essas afirmações e contribui para o aprofundamento dessa perspectiva:

A Sociedade não toma como modelo nenhuma outra já existente. Não temos outro modelo de Sociedade senão a Igreja nascente. A Sociedade começou como a Igreja; é preciso que sejamos como os apóstolos e como os numerosos que a eles aderiram: *Cor unum et anima una*. Amavam-se como irmãos. (Estaún, 2015, p. 50).

Uma das redescobertas da “volta às fontes” na pesquisa dos padres maristas foi a dimensão mariana que iluminava e inspirava

Colin nos primórdios da Sociedade de Maria. Essa inspiração está relacionada à presença de Maria junto aos apóstolos – uma imagem que orientava profundamente o modo como Colin compreendia a missão e a identidade da Igreja<sup>11</sup>:

Maria presente no meio dos apóstolos, o sustentáculo da Igreja nascente, apesar de oculta dentro dela, um modelo para a sociedade nestes últimos tempos que lhe pareciam tão semelhantes aos da primeira comunidade apostólica. (Coste, 1980, p. 10).

Esse modo de compreender a Igreja primitiva influenciou diretamente o pensamento escatológico<sup>12</sup> de Colin. Embora Marcelino Champagnat tenha sido um padre marista, não encontramos em seus escritos, de maneira explícita ou sistematizada, a mesma expressão mariológica e escatológica presente na tradição dos padres maristas. Ainda assim, algumas de suas cartas revelam uma escatologia subjacente, sustentada pela certeza de que a Sociedade de Maria é uma obra desejada e querida por Jesus e por Maria – especialmente em tempos de crise moral e incredulidade:

Jesus e Maria, é neles que espero, apesar da maldade deste século. Continuo mantendo a firme convicção de que Deus quer esta obra, apesar dos esforços mais do que diabólicos que satanás desde o princípio fez para derrubá-la. Deus quer esta obra nestes tempos de perversidade. Sempre tem sido esta minha convicção inabalável. (Champagnat, 2019, doc. 6).

---

<sup>11</sup> O tema da presença Maria junto aos apóstolos ocupa um lugar central na obra *A mística cidade de Deus*, de Maria d'Agreda. A leitura dessa obra exerceu influência significativa sobre a espiritualidade mariana tanto do padre Colin quanto do padre Champagnat. A concepção de l'Hermitage como o cenáculo da Virgem – expressão utilizada algumas vezes por Champagnat – encontra sua origem nessa autora e revela a profundidade simbólica com que Maria era percebida no contexto fundacional.

<sup>12</sup> Disciplina teológica que trata do destino final do ser humano e do mundo. Em geral, sua linguagem pode ser profética ou apocalíptica.

Em Marcelino Champagnat, não encontramos a visão universalista e utópica do padre Colin – como a ideia de uma Sociedade de Maria da qual até mesmo o papa, um dia, viria a fazer parte (Coste; Lessard, 1960, v. 2, doc. 459, p. 179). A característica fundamental de seu pensamento mariano é a maternidade. A Sociedade que nasce em l’Hermitage é mais simples; nela, o papel essencial de Maria é o de mãe, não o de rainha. Sua concepção de Maria não apresenta originalidade teológica, mas se enraíza profundamente na piedade cristã. Maria é, acima de tudo, a Boa Mãe – cuidadora de Jesus e, por extensão, de todo aquele que a ela se confia. A atitude fundamental que brota dessa devoção, segundo o historiador e pesquisador marista Irmão Balko (1983, p. 54), **é o abandono filial à pessoa de Maria.**



Figura 18 – Maria, Boa Mãe.

Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Apesar de partirem de eclesiologias diferentes, Champagnat e Colin convergem no essencial: o papel fundamental de Maria na fundação da Sociedade que leva seu nome. Cada um, à sua manei-

ra, reconheceu e cultivou uma forte mística mariana, que marcou os conturbados inícios da fundação tanto dos padres quanto dos Irmãos Maristas. Movidos pela certeza de serem colaboradores de uma **obra que pertence a Maria**, ambos não mediram esforços para concretizá-la: Champagnat, em l’Hermitage; Colin, em Belley.

## **A Igreja mariana e o XXI Capítulo Geral**

A temática evocada pela expressão “Igreja mariana” aparece pela primeira vez entre os documentos oficiais dos Irmãos Maristas em uma das cartas preparatórias para o **XXI Capítulo Geral**. Trata-se da *Carta Regional da Oceania*, de 1º de julho de 2009. Nesse documento, emerge uma projeção dos maristas diante do futuro, acompanhada da seguinte formulação, utilizada como argumento:

Progressivamente os Maristas vão constituir um movimento internacional na Igreja, com característica e espiritualidade específicas, na visão de uma “Igreja mariana”, dinâmica e audaz em prol da evangelização e da solidariedade. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2009, p. 4).

A reflexão sobre uma Igreja mariana, surgida na longínqua Oceania, nasce – segundo relatos do Irmão Antonio Estaún – da profunda proximidade espiritual compartilhada, há muito tempo, entre os padres e os Irmãos Maristas daquela região. Por isso, a discussão sobre o tema aparece inicialmente de maneira periférica, como uma proposição inserida entre outras reflexões das diversas regiões que compõem o Instituto.

O conceito de uma “Igreja mariana”, descrito na *Carta Regional da Oceania*, manifesta-se concretamente por meio da descentralização e da solidariedade. São marcas de uma Igreja que se

apresenta como mãe fecunda e cuidadora, sensível às necessidades de todos – especialmente dos que mais precisam. Trata-se de uma Igreja que não se define pela dominação masculina e institucional, mas que expressa a liberdade do Espírito.

Essa inspiração, bem como a riqueza da vivência da fé na comunidade marista – à maneira de Maria –, aparece de modo explícito na Carta do XXI Capítulo Geral, por meio do convite: “Com Maria, ide depressa a uma nova terra”. A Igreja profética e mariana acolhe, como um verdadeiro *kairós*, a vocação do leigo marista:

Reconhecemos e apoiamos a vocação do leigo marista. Acreditamos que seja um convite do Espírito a viver uma nova comunhão de irmãos e leigos maristas juntos, contribuindo para uma maior vitalidade do carisma marista e da missão no nosso mundo. Acreditamos que estamos perante um “Kairós”, uma oportunidade-chave para partilhar e viver com audácia o carisma marista, formando todos juntos uma Igreja profética e mariana. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2009, p. 3).

O novo modo de compreender a Igreja, à maneira como Maria a viveu, marca as origens e evolui, no Instituto Marista, até chegar à formulação do termo “rosto mariano da Igreja”. Sua recepção institucional começa a se consolidar muito antes da publicação da circular *Deu-nos o nome de Maria*. Um marco importante nesse processo é a reflexão escrita pelo Irmão Emili Turú na revista *FMS Mensagem*, em março de 2010. Nesse artigo, ele resgata o que chama de presença “quase palpável de Maria entre nós” (Turú, 2009, p. 11), ao relatar o clima vivido durante o Capítulo Geral, por ocasião da publicação da última circular do Irmão Séan Sammon, então superior-geral do Instituto: *Em seus braços e em seu coração*. O subtítulo dessa circular destaca, como elemento fundamental, o papel de Maria como fonte de renovação do Instituto.

A percepção da presença de Maria durante o XXI Capítulo Geral traduziu-se também em aspectos de ordem performativa. Segundo o Irmão Emili Turú, essa influência pode ser constatada naquilo que ele denominou “diálogo mariano” – um diálogo franco, aberto e descentralizado. Ele afirma: “Sinto que nos é dirigido um forte chamado a viver no espírito desse diálogo, em todos os níveis do Instituto: pessoal e interpessoal; comunitário; provincial; interprovincial e intercongregacional” (Turú, 2009, p. 12).

Outro elemento resgatado pelo Irmão Emili foi o profetismo na Igreja e na sociedade, inspirado nas palavras do papa João Paulo II, dirigidas aos participantes dos Capítulos Gerais dos Superiores da Família Marista, em 2001, em Roma: “Cabe-lhes hoje manifestar de maneira original e específica a presença de Maria na vida da Igreja e dos homens”. O Irmão Emili traduz essa inspiração naquilo que chamará de “rostro mariano da Igreja”, concretizando-a em três inserções programáticas de grande impacto para a gestão do Instituto:

1. Um novo modo de ser Irmão;
2. Uma nova relação entre Irmãos e leigos;
3. Uma presença fortemente significativa entre as crianças e jovens (Turú, 2009, p. 13).

## **A evolução de Igreja mariana para a expressão “rosto mariano da igreja”<sup>13</sup>**

Com base na reflexão do Irmão Emili Turú e na repercussão do tema tanto no Capítulo Geral quanto fora dele, o Irmão Antonio Estaún – então diretor de Comunicação do Instituto – iniciou a publicação de uma série de artigos na revista *Notícias Maristas*, abordando o tema “rosto mariano da Igreja”.

No primeiro desses artigos, datado de 20 de maio de 2010, Estaún resgata a ideia de que o termo “Igreja mariana” remonta à mariologia dos padres maristas e chega ao Capítulo Geral como um eco das Cartas Regionais da Oceania.

No segundo artigo (Estaún, 2010, n. 107) há um aprofundamento do termo, influenciado fortemente pelos estudos realizados em preparação ao mês de Maria na Casa Geral. Com base na leitura da obra *O princípio mariano na Igreja*, de Hans Urs von Balthasar, o Irmão Estaún propõe uma síntese dos principais temas abordados pelo autor – cujo resultado é compartilhado a seguir.

### **Em que consiste o princípio mariano da Igreja?**

O objetivo de Hans Urs von Balthasar vai além de apresentar Maria como um modelo a ser vivido ou seguido individualmente na Igreja. Ao citar o documento conciliar *Lumen Gentium*, ele evidencia a validade do princípio mariano para toda a Igreja. Segundo o autor, a identidade da Igreja oscila entre o princípio mariano e o princípio

---

<sup>13</sup> O primeiro teólogo a abordar a ideia de um perfil – ou princípio – mariano da Igreja foi Hans Urs von Balthasar, jesuíta suíço nascido em 1905, em Lucerna. Reconhecido como um dos mais importantes teólogos do século XX, destacou-se por sua defesa da chamada “teologia genuflecta”, segundo a qual a verdadeira teologia se faz de joelhos, em oração (Cf. Boff, 2012, p. 142).

petrino (Leahy, 2005). Ele propõe cinco princípios que constituem a estrutura fundamental da Igreja: o petrino, o paulino, o joanino, o jacobeu (São Tiago) e o mariano – este último, compreendendo e integrando os anteriores.

Por princípio petrino, von Balthasar destaca a figura de Pedro, associando-a à proclamação do querigma e à sua concretização na vida cristã. O princípio paulino está vinculado ao caráter missionário de Paulo, apóstolo dos gentios, cuja conversão se deu pela graça de Deus. O princípio joanino considera a missão de João como uma missão de unidade, que permanece como desafio para o cristianismo. Esse princípio combina os elementos petrinus e paulinus com uma visão contemplativa. Já o princípio jacobeu, por meio da figura de Tiago, irmão do Senhor, representa, sobretudo, a continuidade entre a Antiga e a Nova Aliança, simbolizando a tradição, a permanência e o direito canônico.

O princípio mariano afirma que Maria é o modelo de fé para todos os membros da Igreja. Os fundamentos desse princípio se apoiam na lógica trinitária e no inefável mistério de Deus, revelado em Cristo. Nesse contexto, Maria torna-se uma expressão viva desse mistério de amor, sendo também o modelo de nosso encontro com o mistério de Deus, revelado em Jesus Cristo:

Pedro, na comunidade pascal e pentecostal, reconheceria, como os demais apóstolos, Maria como a Mãe do Senhor por sua docilidade à graça e por sua resposta à vontade de Deus. Enquanto Maria, acompanhando a Igreja nascente, veria em Pedro o discípulo a quem seu Filho entregara as chaves do Reino dos céus. Para Maria, Pedro é o ponto de referência, no qual “se faz unidade” até o fim. Para Pedro, no entanto, a referência é Maria, porque ela, além de Mãe, é o devir (futuro) de toda a Igreja. Nenhum dos dois se equivoca. (Alonso *apud* Estaún, n. 111, p. 2).

Conclui-se, portanto, que **o perfil mariano é anterior e mais fundamental que o petrino**. Isso se deve ao fato de que, na dinâmica da fé, é mais importante crer do que exercer um ministério na Igreja. No coração da Igreja está o princípio mariano: Maria é o modelo, o *typos* do nosso encontro com o mistério de Deus revelado em seu Filho. “Em sua unicidade, ela encontra Deus de um modo que não elimina a sua história, a sua corporeidade, o seu mundo; mas, antes, até completa e ultrapassa os sonhos dela” (Leahy, 2005, p. 56).

Nas edições 128, 133 e 136 de *Notícias Maristas*, o Irmão Estaún apresenta o princípio mariano na Igreja com base em três momentos fundantes:

**Anunciação (ícone do mistério):** em Maria, a Mãe fiel, dá-se a continuidade à fé da Igreja. A Igreja é fundada em Nazaré, no “sim” de Maria. O mistério da Anunciação reflete uma Igreja fiel à palavra, fecundada por ela, que se compromete com uma oferta cuja certeza só se revela ao final. A Anunciação inaugura a escatologia que se cumprirá no fim dos tempos. Tudo isso acontece no mistério de duas liberdades que se encontram, se confiam e se prometem fidelidade.

**Maria, a esposa (ícone de comunhão):** representa a Igreja da cruz. Ao pé da cruz, um leigo e uma leiga recebem o encargo de continuar a missão Filho-Mãe, expressão da comunidade de fé nascida do lado aberto de Cristo. É nesse momento que nasce a Igreja de comunhão, a partir da vocação de Maria, que precede, inclusive, a função de João. Juntos, João e Maria formam uma comunidade de crentes: João a recebe em sua casa como portadora da fé, a crente fiel de Nazaré.

**Pentecostes (ícone da fecundidade):** marca a consolidação da experiência vivida em Nazaré. Nela, o Espírito Santo confirma e aprofunda sua obra.

Um dos resultados que emergem dessa investigação é a clara influência das reflexões do Irmão Estaún na redação da primeira circular do superior-geral Emili Turú, *Deu-nos o nome de Maria*. Nos textos publicados em *Notícias Maristas*, é possível perceber uma proximidade conceitual entre as ideias do Irmão Estaún e a hermenêutica do perfil mariano da Igreja, conforme o pensamento de von Balthasar.

### **O rosto mariano na circular *Deu-nos o nome de Maria***

A primeira circular do governo do Irmão Emili Turú reflete e aprofunda uma série de temas que ganharam destaque durante o XXI Capítulo Geral. Ao escrever uma circular que desenvolve a expressão “rosto mariano da Igreja”, Turú insere, na linha do magistério dos demais superiores-gerais, uma nova perspectiva na reflexão do Instituto Marista. É importante destacar que essa expressão, trabalhada tanto por Estaún quanto por Turú, difere do conceito de “Igreja mariana” adotado pelos padres maristas. Trata-se de um novo entendimento, que se insere em uma renovada maneira de conceber o papel de Maria e do próprio Instituto Marista na vida da Igreja.

### **Chamados a construir o rosto mariano da Igreja**

Quem primeiro utilizou a expressão “perfil mariano” na história da Igreja foi o teólogo jesuíta Hans Urs von Balthasar. Falar em “rosto mariano” da Igreja corresponde a viver uma experiência semelhante à de Maria – como crente e membro da comunidade cristã – no mistério único cuja convergência se dá exclusivamente em Cristo.

Para aprofundar essa compreensão, a circular apresenta, em sintonia com a reflexão desenvolvida pelo Irmão Estaún, uma diferenciação entre os princípios ou arquétipos que compõem a face da Igreja. São eles: a experiência de Pedro, marcada pela convicção na ressurreição do Senhor (*querigma*); a experiência carismática da vida de Paulo; a mística da visão joanina; e, por fim, a experiência da Mãe do Senhor.

### **Rosto mariano: sonho de uma igreja renovada**

O Irmão Emili Turú faz uma leitura do evento fundante de Fourvière com base no prisma de uma Igreja renovada. Em sua interpretação, vê no desejo de Colin a expressão de uma profunda necessidade de renovação eclesial. Colin fala em reiniciar uma nova Igreja: “A Sociedade deve recomençar uma nova Igreja de novo. Não quero dizer isso em sentido literal, o que seria uma blasfêmia. Mas, ainda, em certo sentido, sim, nós devemos começar uma nova Igreja” (Colin *apud* Coste, 1980, p. 15).

Champagnat, por sua vez, adota uma abordagem mais prática ao reconhecer a urgência de uma Igreja não hierarquizada: “Precisamos de irmãos”. Ao valorizar o irmão leigo, Champagnat prioriza uma ação apostólica centrada na educação, entendida como verdadeiro ministério. Ele acredita que, por meio da educação da fé – especialmente no ensino do catecismo às crianças –, o religioso Irmão participa de um ministério tão sublime quanto o dos apóstolos.

Ao trazer esse apostolado marista para os dias atuais, o Irmão Emili, inspirado pela teologia de von Balthasar, propõe três ícones para a renovação da Igreja.

## **Três ícones fundamentais que revelam a intencionalidade do conceito**

### **Ícone da Visitação: Igreja do avental**

O serviço é a principal vocação do Instituto Marista. Por meio do serviço prestado à Igreja e à sociedade – especialmente às crianças e aos jovens pobres –, o Instituto busca ser uma presença evangelizadora no mundo (Turú, 2012, p. 51):

Trata-se de uma liderança mariana compartilhada desde baixo, não com respostas pré-fabricadas, mas com escuta atenta, com a atitude de Maria, que sabe deixar-se interpelar por Deus e pelos demais (Turú, 2012, p. 53).

### **Ícone de Pentecostes: a fonte da aldeia**

“A Igreja Católica não é um museu de arqueologia. É a antiga fonte da aldeia que dá água às gerações de hoje, como deu no passado” (Turú, 2012, p. 55). O segundo ícone que marca a circular é o de Pentecostes – símbolo da comunidade – que remete à fraternidade, um movimento essencial tanto da vida religiosa quanto na vida baptismal. Esse ícone revela uma Igreja mãe, de coração materno, que não abandona nenhum de seus filhos, mas perdoa sem hesitação. A imagem legada por Champagnat ao Instituto, a Boa Mãe, é ressignificada nos dias de hoje pelo sentido de fraternidade, dedicação e abnegação a serviço dos demais (Turú, 2012, p. 61).

### **Ícone da Anunciação: a beleza salvará o mundo**

O terceiro ícone nos remete à beleza. Segundo von Balthasar, “a primeira coisa que captamos do mistério de Deus não costuma

ser a verdade, mas a beleza” (Turú, 2012, p. 65). Essa dimensão nos conduz à espiritualidade – àquilo que é mais profundo em nosso ser. O caminho que Maria nos ensina é o do abandono, como o menino no colo de sua mãe. Nesse percurso de mística marista, ressoa o conselho de Bento XVI: “Sede sempre buscadores e testemunhas apaixonadas de Deus!” (Turú, 2012, p. 71).

### **Uma aurora que já começa despontar**

A circular *Deu-nos o nome de Maria*, na verdade, não parece oferecer uma conclusão definitiva. Em vez disso, aponta para o horizonte do Bicentenário do Instituto Marista e, por meio dele, expressa os desejos para a Igreja e para o Instituto nos próximos anos. Ao observarmos com atenção o depoimento de Marina – leiga italiana que sintetiza os anseios de todos os Maristas de Champagnat –, podemos afirmar com alegria que, na pessoa do Papa Francisco e em sua renovação da vida eclesial, esse desejo, expresso por ela e assumido pelo Irmão Emili na circular, já começa se concretizar. Eis o depoimento:

Uma Igreja de rosto mariano é uma Igreja capaz de acolher, sempre e de modo incondicional. Uma Igreja que sorri, partilha e enxuga as lágrimas. Uma Igreja que oferece ternura e vive a misericórdia. Uma Igreja que perdoa. Uma Igreja que ama com os olhos e com o coração. Uma Igreja que leva ao encontro e ao abraço totalizante com Jesus. (Turú, 2012, p. 77).

### **Magistério da Igreja e perfil mariano da Igreja**

Após a reflexão sobre alguns termos centrais para a compreensão da circular *Deu-nos o nome de Maria*, podemos afirmar que aquilo que

se manifesta no Instituto Marista como uma intuição carismática é, de fato, corroborado pela Instituição, por meio do Magistério da Igreja.

Em 1985, o então cardeal Joseph Ratzinger, na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, pronunciou uma homilia por ocasião do centenário de nascimento do padre Kentenich, dirigida aos membros do Movimento de Schoenstatt. Pela riqueza teológica que apresenta, essa homilia tornou-se um marco na reflexão sobre o perfil mariano da Igreja. Com o título “Sua Mãe como nossa Mãe”, Ratzinger realiza uma catequese marial que identifica, na pessoa de Maria, a personalização da aliança que Deus estabelece com a humanidade no momento da Encarnação.

A Igreja, segundo Ratzinger, nasce nas palavras de Cristo na cruz: “Mulher, eis aí teu filho” e “Eis aí a tua mãe”:

Estas palavras são o ato de fundação da Igreja, ou melhor, digamos que é uma das fundamentais representações do ato no qual Jesus fundou a Igreja e com isso selou a aliança. Aqui se faz visível o que significa Igreja e o modo como Deus sela sua aliança, a nova aliança conosco. (Ratzinger, 1985, tradução nossa).

No “sim” de Maria ecoa, segundo o cardeal, o “sim” de toda a Igreja: o “sim” dito na Anunciação e agora renovado ao pé da cruz.

É um Sim, e n’Ele o sim de todos os filhos e filhas através de toda história. É um Sim para todos os tempos e para ser requerido por Ele. Neste sim de Maria estendido em toda a história repousa a Igreja. E o inverso: a Igreja é fundada pelo Senhor por meio do fato de que és mãe aos discípulos. Assim surge a Igreja. Nos dá uma mãe, sua Mãe. A partir desse fato compreendemos na realidade o que é a Igreja. A Igreja é isto: [...] Por ela nós podemos ter sua Mãe como nossa mãe e dessa forma podemos pertencer a Ele. Por ela somos formados como uma criança por sua mãe, deixamo-nos modelar e formar para

chegar a ser nós mesmos marianos, e ser assim a Igreja una, a Esposa do Cordeiro. (Ratzinger, 1985, tradução nossa).

Ao optar por uma eclesiologia que prioriza o “rosto mariano” da Igreja, o Instituto Marista fundamenta-se na reflexão do Magistério, que destaca o principal aspecto vivenciado por São Marcelino Champagnat: **a maternidade de Maria**. A Virgem é, antes de tudo, a Mãe da Igreja – a Mãe de todos os discípulos, constantemente gerados em seu seio, o seio da Igreja.

Esse movimento de vinculação a Maria como Mãe da Igreja é inaugurado pelo papa Paulo VI, durante uma sessão plenária do Concílio Vaticano II, e posteriormente retomado em sua exortação apostólica *Marialis Cultus*, ao afirmar: “Deste modo, o amor pela Igreja traduzir-se-á em amor para com Maria, e vice-versa, pois uma não pode subsistir sem a outra” [...] (Paulo VI, 1974, p. 13). A partir de então, todos os papas que o sucederam deram continuidade à evolução do papel de Maria frente à Igreja.

## Papa João Paulo II

O papa João Paulo II aprofunda, na encíclica *Redemptoris Mater*, a relação sublime e fundamental entre a maternidade de Maria e a maternidade da Igreja. Ao entregar Maria como mãe ao discípulo na cruz, Cristo a oferece como dom do Espírito Santo a cada discípulo, a cada cristão: “A dimensão mariana da vida de um discípulo de Cristo exprime-se, de modo especial, precisamente mediante essa entrega filial em relação à Mãe de Cristo” (João Paulo II, 1987, p. 39).

Por ocasião do Ano Mariano de 1987, João Paulo II – influenciado pela teologia de von Balthasar – incorpora ao Magistério da Igreja a importância de reconhecer a dimensão intrínseca da relação

entre Cristo, Maria e a Igreja. Tendo Maria como arquétipo, a Igreja assume um autêntico perfil ou dimensão mariana. Nas palavras do papa: “Este perfil mariano é igualmente – se não mais – importante e característico para a Igreja que o perfil apostólico e petrino, que estão profundamente unidos” (João Paulo II, 1987).

No *Catecismo da Igreja Católica*, promulgado em 1992, a expressão “dimensão mariana” encontra seu lugar no ensino oficial da doutrina católica. Assim afirma o Catecismo:

A santidade é a medida segundo o grande mistério, em que a Esposa responde com o dom do amor ao dom do Esposo. Maria nos precede a todos na santidade que é o mistério da Igreja como “a Esposa sem mancha e sem ruga” (Ef 5,27). Por isso a dimensão marial da Igreja antecede a sua missão petrina. (Catecismo da Igreja Católica, 1993, p. 773).

## **Papa Bento XVI**

Na homilia da missa em comemoração ao 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, o papa Bento XVI relembra o evento por meio de uma “moldura mariana”. Recordando o discurso de Paulo VI, reafirma Maria como Mãe da Igreja: “Maria não se coloca somente numa relação singular com Cristo, o Filho de Deus que, como homem, quis tornar-se seu filho. Permanecendo totalmente unida a Cristo, ela pertence também de modo integral a nós” (Bento XVI, 2005, p. 2). Em uma hermenêutica marial do Concílio, afirma:

O Concílio queria dizer-nos isto: Maria está tão entrelaçada no grande mistério da Igreja, que ela e a Igreja são inseparáveis, da mesma forma que ela e Cristo são inseparáveis. Maria reflete

a Igreja, antecipa-a na sua pessoa e, em todas as turbulências que afligem a Igreja sofredora e fatigante, permanece sempre a sua estrela da salvação. (Bento XVI, 2005, p. 3).

## **Papa Francisco**

Na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco apresenta um verdadeiro programa de governo para a Igreja. Já na introdução do documento, destaca que se trata de uma exortação programática – ou seja, um texto que contém, em germe, os rumos para a caminhada da Igreja nos próximos anos. Em sintonia com a renovação pós-conciliar, Francisco propõe uma Igreja em missão, uma Igreja em saída, uma Igreja servidora. E, nesse modelo, reconhece **o estilo mariano da Igreja:**

**Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja.** Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N' Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam maltratar os outros para sentirem-se importantes. (Francisco, 2013, p. 227, grifo nosso).

O Magistério de Francisco pode ser interpretado sob uma perspectiva marcadamente mais mariana do que petrina. Em suas catequeses e documentos oficiais, ele insiste em apresentar a Igreja, acima de tudo, como mãe. Na celebração do 50º aniversário do Concílio Vaticano II, ao proclamar o Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, Francisco retoma as palavras do papa João XXIII: “A Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio Ecumênico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia” (Francisco, 2015, p. 6).

## Rosto mariano da Igreja e a renovação do Instituto Marista

O Irmão Emili Turú fez da expressão “rosto mariano da Igreja” uma inspiração carismática para sua ação programática de governo. As escolhas realizadas durante seu mandato como superior-geral dão continuidade ao movimento de renovação já vivenciado no XXI Capítulo Geral. Suas cartas *Montagne: a dança da missão* e *Fourvière: a revolução da ternura* revelam que a chama acesa de uma Igreja de rosto mariano continua iluminando os caminhos e as escolhas do Instituto para os próximos anos.

A carta celebrativa do Ano Fourvière reforça o chamado a sermos uma Igreja de rosto mariano – uma Igreja samaritana, em suma, uma Igreja misericordiosa (Turú, 2016, p. 1). Em profunda sintonia com o magistério do Papa Francisco, o Irmão Emili traça, em comunhão com todo o Instituto, um novo modo de viver a fraternidade e ser sinal da presença de Deus no mundo.

## Considerações finais

Procuramos analisar historicamente a recepção, no Instituto dos Irmãos Maristas, da expressão “rosto Mariano da Igreja” e **seu impacto na vivência da espiritualidade mariana**. Essa investigação contou com a valiosa orientação do Irmão Antonio Estaún, que nos possibilitou reconstruir fatos e eventos, além de indicar uma vasta bibliografia sobre o tema.

Ele também nos recordou a proeminência da espiritualidade dos padres maristas na formulação do conceito de uma vivência da fé em Jesus Cristo, expressa pelo termo “Igreja mariana”. Todavia, o conceito original de “Igreja mariana”, que chegou ao XXI Capítulo Geral por influência da Oceania, foi reinterpretado pelos Irmãos

Maristas na expressão “rosto mariano da Igreja”, iluminada pela belíssima reflexão do teólogo jesuíta von Balthasar.

Teologicamente, fala-se em dimensão, princípio ou rosto mariano da Igreja, tendo em vista, na figura de Maria, tudo aquilo que a Igreja é chamada a ser um dia:

As imagens ou símbolos da essência da Igreja como povo de Deus, corpo e noiva de Cristo e como templo do Espírito Santo, a despeito de toda concretude das respectivas imagens, ainda assim permanecem, em última análise, abstratas [...] Assim sendo, essas imagens foram captadas numa imagem e pessoa concretas, implicitamente já pela Sagrada Escritura e depois expressamente pela tradição da Igreja, ao apresentarem Maria como arquétipo da Igreja [...] Maria corporifica de modo perfeito a essência da Igreja como comunidade de fé. (Kasper, 2012, p. 197).

O magistério marista de uma Igreja de rosto mariano, profeticamente assumido durante o governo do Irmão Emili Turú, encontra-se, portanto, em plena sintonia com a tradição da Igreja, com a renovação conciliar e, ainda, com o modelo programático proposto pelo Papa Francisco – uma Igreja que evangeliza pela força revolucionária da ternura e do afeto.

A expressão “rosto mariano da Igreja” surge no horizonte do Instituto e de todos os leigos e leigas que compartilham dessa experiência carismática como um resgate da figura de Maria entre nós. Maria retorna ao seu lugar. Após os anos hesitantes do pós-concílio, ela volta a ser fonte de renovação para o Instituto e modelo de governança para os próximos anos.

Ao fazer a experiência existencial da santidade de Deus pelo Espírito Santo, Maria torna-se modelo e prefiguração da própria Igreja. Ao viver uma fé encarnada, ela o faz em uma perspectiva

comunitária, que encontra no ágape da cruz sua expressão mais radical. Por isso, em Pentecostes, Maria congrega ao seu redor a Igreja nascente: uma Igreja apostólica, fundada sobre a rocha que é Pedro, e, todavia, uma Igreja de rosto mariano – nascida e acalentada sob o manto de Boa Mãe.

O teólogo von Balthasar, ao tratar do perfil mariano da Igreja, o faz sob uma perspectiva voltada principalmente ao laicato. Para ele, esse perfil protagoniza um novo *kairós*, uma verdadeira solidariedade com o mundo. O laicato, segundo sua visão, constitui o estado fundamental da Igreja, sobre o qual se apoiam o sacerdócio e a vida consagrada, ainda que com funções e ministérios distintos.

À intuição original de Marcelino Champagnat – “precisamos de irmãos” – soma-se a contribuição de inúmeros leigos, leigas e jovens que, apaixonados pela missão e pelo carisma marista, dispõem-se a viver e a seguir essa intuição de uma Igreja de rosto mariano: um serviço desinteressado, não hierárquico e fundamentado na experiência de Jesus vivida ao modo de Maria.

“Aquela que tudo fez e continua fazendo entre nós” perpetua a profecia de nosso pai e fundador, São Marcelino Champagnat:

Há muito que não se falaria mais de nossa Sociedade sem este nome milagroso! Maria, está aí toda a riqueza (*ressource*) de nossa Sociedade. [...] Maria, sim só Maria é nossa prosperidade; sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria está sempre com seu adorável Filho ou no colo ou no coração”. (Champagnat, 2019, doc. 194).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>14</sup>

### IGREJA MARIANA

COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. *Origines Maristes*. Roma: Societé de Marie, 1960-1967. 4 v. Documentos 422, 482, 582, 591, 631, 674, 690, 802, 819, 842.

COSTE, Jean. A Utopia Marista da Fraternidade. Separata de *Presença Marista*, Porto Alegre, n. 23, p. 1-21, 1980.

COSTE, Jean. *Une vision mariale de l'Église*: Jean-Claude Colin. Roma: Maristica, 1998.

FORISSIER, Antoine. *Presenças de Maria*: fundadores e fundadoras maristas. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2015.

GREEN, Michael. *A educação marista a partir de 1993*: sua vitalidade e seu potencial para a criação de uma nova realidade. Curitiba: Champagnat, 2014.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha*: espiritualidade marista fluindo na tradição de Marcelino Champagnat. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2007.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Os Irmãos Maristas da Oceania aos Delegados Capitulares*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2009. Disponível em: [https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fchampagnat.org%2Fshared%2F21Capitulo%2Fcartasregionais%2FOCEANIA\\_PT.doc&wdOrigin=BROWSELINKCEANIA\\_PT.doc](https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fchampagnat.org%2Fshared%2F21Capitulo%2Fcartasregionais%2FOCEANIA_PT.doc&wdOrigin=BROWSELINKCEANIA_PT.doc). Acesso em: 14 ago. 2025.

---

<sup>14</sup> Este referencial bibliográfico refere-se a uma pesquisa sobre alguns títulos disponíveis não apenas nos documentos oficiais do Instituto dos Irmãos Maristas, mas também na teologia e no magistério da Igreja.

LANFREY, André. *História do Instituto: da aldeia de Marlies à expansão mundial (1789-1903)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2015. v. 1.

LANFREY, André. *Marcelino Champagnat e os primeiros irmãos maristas, 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação*. Curitiba: Champagnat, 2015.

LESSARD, Gaston. *Tornar-se marista*. Belo Horizonte: Padres Maristas. (Coleção Presenças de Maria, n. 1).

TAYLOR, John; ESTAÚN, Antonio; DROUILLY, François. *Herdeiros da promessa: história e sentido do compromisso de 23 de julho de 1816 em Fourvière*. Curitiba: SVCL, 2015.

### ***NOUVELLE ÉGLISE***<sup>15</sup>

COSTE, Jean. *Origines Maristes*. Roma: Padres Maristas, 1960.

COSTE, Jean. A Utopia Marista da Fraternidade. Separata de *Presença Marista*, Porto Alegre, n. 23, p. 1-21, 1980.

### **PERFIL/ROSTO MARIANO DA IGREJA**

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB; Paulus; Paulinas, 2008.

ESTAÚN, Antonio. A comunhão da Esposa com o Esposo: Maria, Esposa do Verbo. *Notícias Maristas*, ano III, n. 133, p. 3-4. Roma:

---

<sup>15</sup> Deve-se entender “Nova Igreja” como o movimento dos primeiros Maristas (sobre-tudo, Colin) na renovação eclesiológica do jeito de Maria.

Instituto dos Irmãos Maristas, 2010. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/a-comunhao-da-esposa-com-o-esposo/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ESTAÚN, Antonio. A Escrava do Senhor: a participação de Maria no mistério de amor da Trindade. *Notícias Maristas*, ano III, n. 128, p. 3-4. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2010. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/a-escrava-do-senhor-2/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ESTAÚN, Antonio. Da sala capitular à sala comunitária. *Notícias Maristas*, ano II, n. 107, p. 2-3. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2010. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/da-sala-capitular-a-sala-comunitaria/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ESTAÚN, Antonio. Em que consiste o “princípio mariano” da Igreja? *Notícias Maristas*, ano III, n. 111, p. 2-3. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2010. Disponível em: [http://www.champagnat.org/NM/pdf/111\\_PT.pdf](http://www.champagnat.org/NM/pdf/111_PT.pdf). Acesso em: 22 jul. 2016.

ESTAÚN, Antonio. Maristas, “o rosto mariano” da Igreja. *Notícias Maristas*, ano II, n. 105, p. 4-5. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2010. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/maristas-o-rosto-mariano-da-igreja/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ESTAÚN, Antonio. Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja. Impulso e fecundidade da Missão da Igreja. *Notícias Maristas*, ano III, n. 136, p. 3-4. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/impulso-e-fecundidade-da-missao-da-igreja/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho. Ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012. (Coleção Theologia Pública).

LEAHY, Brendan. *O princípio mariano na Igreja*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2005.

MORAL BARRIO, Juan Jesús. *Mística y profecía de los primeros hermanos*. Barcelona: Instituto dos Irmãos Maristas, 2015. Disponível em: [https://champagnat.org/wp-content/uploads/2019/07/cadernos-Primeros\\_hermanos\\_misticos\\_profetas.pdf](https://champagnat.org/wp-content/uploads/2019/07/cadernos-Primeros_hermanos_misticos_profetas.pdf). Acesso em: 14 ago. 2025.

TAYLOR, John; ESTAÚN, Antonio; DROUILLY, François. *Herdeiros da promessa: história e sentido do compromisso de 23 de julho de 1816 em Fourvière*. Curitiba: SVCL, 2015.

TURÚ, Emili. O rosto mariano da Igreja. *FMS Mensagem*, Roma, ano XXIV, n. 40, p. 11-13, 8 set./10 out. 2009. Disponível: [http://www.champagnat.org/e\\_maristas/Message/Message\\_40PT.pdf](http://www.champagnat.org/e_maristas/Message/Message_40PT.pdf). Acesso em: 22 jul. 2016.

TURÚ, Emili. *Deu-nos o nome de Maria*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2012.

TURÚ, Emili. *Montagne: a dança da missão*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2015. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/a-danca-da-missao/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

TURÚ, Emili. *Fourvière: a revolução da ternura*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2016. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/fourviere-a-revolucao-da-ternura/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *O culto a Maria hoje: subsídio teológico-pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1983.

VON BALTHASAR, Hans Urs; RATZINGER, Joseph. *Maria, Iglesia naciente*. Madri: Encuentro, 1999.

## MAGISTÉRIO DA IGREJA

BENTO XVI. *Homília do 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II e Solenidade da Imaculada Conceição*. Vaticano, 8 dez. 2005. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20051208\\_anniv-vat-council.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051208_anniv-vat-council.html). Acesso em: 23 jul. 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho. Ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*: o rosto da misericórdia. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*. Vaticano, 25 mar. 1987. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html). Acesso em: 23 jul. 2016.

JOÃO PAULO II. *Discorso ai Cardinali e ai Prelati della Curia Romana*. Vaticano, 22 dez. 1987. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19871222\\_curia-romana.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/december/documents/hf_jp-ii_spe_19871222_curia-romana.html). Acesso em: 23 jul. 2016.

PAULO VI. Exortação Apostólica Marialis Cultus, de 2 de fevereiro de 1974. In: ACTA APOSTOLICAE SEDIS 46. [S. l.], 1974. p. 113-168.

RATZINGER, Joseph. *Su Madre como nuestra Madre*. Homília ara

los peregrinos de Schoenstatt en la Basílica de Santa María la Mayor, Roma, 18 sep. 1985. Disponível em: <https://www.schoenstatt.org/images/uploads/material%20pdfs%20general/Alianza/card-ratzinger-homilia-18-09-1985.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2025.

## OBRAS COMPLEMENTARES

BALKO, Alejandro. *Marcelino Champagnat: volviendo a las fuentes*. [S. L.]: Província Marista Norte, 1983.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas*. São Paulo: Simar; Loyola, 1997.

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

LANFREY, André. *História do Instituto: da aldeia de Marlies à expansão mundial (1789-1903)*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2015. v. 1.

LUBAC, Henri de. *Meditación sobre la Iglesia*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1958.

RUEDA, Basílio. *Um novo espaço para Maria*. São Paulo: FTD, 1976.

SAMMON, Séan D. *Em seus braços ou em seu coração: Maria, nossa Boa Mãe. Maria, nossa Fonte de Renovação*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2009.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *Meditacion sobre la Iglesia*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1958.





## 5

### ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO E AS ORIGENS MARISTAS

O quinto e último capítulo apresenta uma proposta atualizada da espiritualidade marista. Ela se insere em uma percepção fundamental para a renovação da vida marista, já introduzida pelo servo de Deus, Irmão Basílio Rueda: a vitalidade do Instituto e da missão marista passa pela vivência integrada de uma espiritualidade centrada em Jesus Cristo e adaptada aos nossos dias. Retomando a inspiração inicial do documento *Água da rocha*, o XXII Capítulo Geral constatou a necessidade de renovar o paradigma da espiritualidade marista. Essa renovação, em sua essência, não implica renunciar à rica tradição nem às experiências vividas por Irmãos e leigos em diferentes países e regiões do Instituto, mas sim reposicioná-la como uma paixão por Deus que se manifesta no convite a sermos o rosto e as mãos de sua terna misericórdia. É nesse contexto que se insere a metáfora da espiritualidade do coração.



Figura 19 – Champagnat em oração, de Sérgio Ceron. Vitral da capela Mãe da Misericórdia, Curitiba (PR).

Crédito: Sérgio Ceron.

Fotografia: João Borges.

Fonte: Acervo da Província Marista Brasil Centro-Sul.

## A origem do termo no XXII Capítulo Geral

O termo “**espiritualidade do coração**” aparece pela primeira vez na história do Instituto dos Irmãos Maristas por ocasião do XXII Capítulo Geral, realizado em Rio Negro, Colômbia. Ele está presente na segunda chamada/apelo dos documentos capitulares. Posteriormente, o *Plano Estratégico do Instituto Marista 2017-2025* (Instituto dos Irmãos Maristas, 2017) incorporou, entre as iniciativas voltadas à consolidação de um “novo La Valla”, a importância de cultivar uma espiritualidade do coração. Essa proposta se concretiza por meio de itinerários de espiritualidade e interioridade, com o objetivo de vivenciar uma experiência integradora, enraizada na tradição marista.

Durante os mais de 200 anos do Instituto, a espiritualidade tem sido um eixo transversal da missão marista. Nosso objetivo aqui é destacar a importância do “retorno às fontes”, bem como de sua hermenêutica para a compreensão da espiritualidade marista em nosso tempo. Para isso, buscamos demonstrar que as expressões utilizadas no decorrer da história do Instituto para definir sua espiritualidade – tais como “o espírito do Instituto” (Lanfrey, 2021), “espiritualidade apostólica marista” (Instituto dos Irmãos Maristas, 1993), “espiritualidade do padre Champagnat” (Sammon, 2003) e, mais recentemente, “espiritualidade do coração” (Instituto dos Irmãos Maristas, 2017) – são releituras históricas e contextualizadas que podem ser englobadas no que denominamos espiritualidade marista.

Essa perspectiva de uma nova releitura da espiritualidade foi adotada recentemente pelo cardeal José Tolentino:

Cada época deve reinventar para si um projeto de espiritualidade. Seguramente esse reinventar para si não significa descobrir do nada. Trata-se antes de reler, de encontrar uma nova hermenêutica, de arriscar uma nova síntese, de propor, partindo do ato de crer, mas também do ato de viver, uma nova gramática sapiencial. (Mendonça, 2016, p. 26).

Cada geração procura responder, por meio de seu próprio contexto, “as razões da sua fé” (1Pd 3,15). Nesse sentido, é legítimo que, na atualidade, a reflexão sobre a fé e a espiritualidade seja entendida com base no cenário em que vivemos. Esse cenário é marcado por uma multiplicidade de perspectivas no campo do conhecimento, o que impõe à semântica teológica o desafio de ser traduzida em uma linguagem acessível à contemporaneidade. O *Documento de Aparecida* descreve essa realidade como uma verdadeira mudança de época (Cf. Conselho Episcopal Latino-Americano, 2007, p. 32).

Diante desse cenário, podemos perceber avanços e recuos sob uma perspectiva eclesiológica. Em um ambiente em que a teologia e a Igreja deixaram de ser o referencial da sociedade (secularismo), torna-se necessário cultivar a humildade para revisitar o núcleo fundante de nossa experiência de fé. Nesse sentido, somos chamados a dialogar com os problemas atuais de nossa própria época. No entanto, infelizmente, alguns grupos não conseguem avançar nessa compreensão, pois entendem a revelação, ou *depositum fidei*, como algo estático e imutável. Sobre essa compreensão, o Papa Francisco nos advertiu:

Alguns acham que a tradição é um museu de coisas antigas. Gosto de repetir o que disse Gustav Mahler: “A tradição é a salvaguarda do futuro e não a custódia das cinzas”. É como a raiz de onde vem a seiva que faz a árvore crescer para dar fruto. Pegar nisto e fazer com que avance é como os primeiros pais conceberam o que era a tradição. (Papa Francisco, 2019).

Se entendermos a tradição como salvaguarda do futuro, conectamo-nos com a intuição do grande teólogo Karl Rahner, que dizia: “o cristão do futuro será místico ou não será cristão” (Rahner, 1966, p. 25).

Essa perspectiva, que aponta para uma profunda renovação na compreensão da vivência da espiritualidade cristã, já estava presente na base do Concílio Vaticano II. Os documentos *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, por sua vez, incorporam a vivência da santidade e da fé cristã por meio de uma perspectiva encarnada no mundo.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias, as tristezas e as angústias dos discípulos de

Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. (*Gaudium et Spes*, n. 1, p. 143).

Dessa forma, a Igreja entende sua missão nesse contínuo diálogo com as aspirações e os problemas humanos, aproximando-se da vida concreta de homens e mulheres no mundo.

No Instituto, essa mesma perspectiva de mudança na compreensão da espiritualidade foi pressentida e introduzida nos documentos maristas por meio da atuação do Irmão Basílio Rueda. Ele conduziu o Instituto Marista em um dos momentos mais paradoxais da história recente da Igreja: o Concílio Vaticano II. Esse período, se por um lado representou um sopro do Espírito na vida eclesial, por outro, marcou um momento crucial de renovação da própria comunidade cristã – e, consequentemente, da vida religiosa.

No balanço de seus mandatos à frente do Instituto Marista (1968-1985), Basílio recorda os principais eixos que nortearam sua ação: “Ele resume a ação do seu governo em torno de três polos: colegialidade do governo; renovação da missão, em particular para os pobres; aprofundamento da vida espiritual dos irmãos” (Lanfrey, 2016, p. 393). Assim como toda a Igreja, o Instituto Marista é chamado a um movimento de retorno às fontes (*Perfectae Caritatis*, n. 1219, p. 488). Nesse processo, redescobre-se Marcelino Champagnat “como uma pessoa menos grave e austera do que aquela que ficou conhecida apenas através da biografia de Jean-Baptiste e seus outros trabalhos” (Green, 2017, p. 200). Todo esse movimento culmina na recuperação da casa de l’Hermitage como centro espiritual do Instituto, bem como na continuidade do aprofundamento da espiritualidade, sobretudo por meio das contribuições dos Irmãos Charles Howard (1992) e Sean Sammon (2003).

Mais recentemente, ao final do mandato do Irmão Emili Turú, foi publicada a carta/circular *La Valla: casa da luz* (2017), como conclusão do processo de preparação para o bicentenário de fundação do Instituto Marista. O que nos chama atenção nesse escrito é a profundidade com que apresenta a mudança no paradigma da espiritualidade, bem como a sensibilidade ao relacioná-la com a tradição marista sob uma nova perspectiva de abertura – inclusive ao diálogo inter-religioso.

Essa abordagem foi posteriormente reforçada pelo atual superior-geral, Irmão Ernesto Sánchez na circular *Lares de luz*:

É importante reconhecer que, no tema espiritual, percorremos um caminho valioso no Instituto. Temos o pão de casa, rico e abundante, pão que nutriu e continuará nutrindo muitas gerações: as origens, a experiência da tradição, os traços da espiritualidade marista. (Sánchez, 2020, p. 18).

Antes de adentrarmos nas intuições do XXII Capítulo Geral sobre o tema da espiritualidade do coração, propomos uma leitura da simbologia do coração em nossa tradição marista. No decorrer da história de nossa espiritualidade, é possível perceber uma forte influência da escola beruliana e das intuições de São Francisco de Sales, especialmente no que diz respeito ao aspecto relacional e afetivo da relação com Deus. Essa abordagem se desenvolve por meio do mistério da encarnação, vivenciado por Marcelino e pelos primeiros Irmãos Maristas.

## **A metáfora do coração na espiritualidade da França nos séculos XVII a XIX**

No fim do século XVII e durante os dois séculos seguintes, a metáfora do coração foi empregada com grande força pelos autores

espirituais. Com Francisco de Sales, cardeal Bérulle e a corrente do humanismo devoto, a teologia e a espiritualidade passaram a se orientar pelo mistério da encarnação de Cristo. Esse movimento representou uma correção à espiritualidade racionalista, marcada sobretudo pelo jansenismo e seu pessimismo em relação ao ser humano. Em contraste com o racionalismo presente nos métodos e livros de meditação mental da época, os autores espirituais sublinham o coração como o lugar do reencontro com Deus.

Entre as diversas correntes que influenciaram a espiritualidade marista, destaca-se o papel decisivo de São Francisco de Sales (1567-1622). Em um período em que a teologia e a espiritualidade católica estavam fortemente influenciadas pelo racionalismo cartesiano, esse santo emergiu como antídoto à rigidez e à frieza da doutrina, promovendo a recuperação da centralidade da encarnação de Cristo e do aspecto relacional da espiritualidade.

A espiritualidade de São Francisco de Sales trouxe à Igreja uma nova leveza, e a publicação de *Introdução à vida devota* proporcionou acesso a uma formação espiritual que, até então, era reservada apenas aos grandes mosteiros. Seu *Tratado do Amor de Deus* revela a espiritualidade e a simplicidade da relação com Deus, fortemente inspirada em Santa Teresa de Ávila. Esse período foi também marcado pela crescente importância dos manuais na formação leiga, os quais influenciaram diretamente os primeiros Irmãos Maristas. Nesse contexto, destaca-se o tema relacional do exercício da presença de Deus, bem como o aspecto da doçura e abertura do coração – chamado por Marcelino de “pedra de toque” da espiritualidade.

Aquilo que outrora se caracterizava por uma transição de uma teologia e espiritualidade mais racional para uma dimensão afetiva

do relacionamento com Cristo, por meio do mistério da encarnação, acabou se consolidando na devoção ao Sagrado Coração de Jesus, especialmente com as contribuições de Jean-Eudes, Marguerite-Marie Alacoque e Claude de la Colombière. Para a escola beruliana de espiritualidade, a metáfora do coração deve ser compreendida como expressão da divina humanidade de Cristo. Essa perspectiva mais afetiva e encarnada da espiritualidade do coração, no entanto, enfrentou considerável oposição de uma espiritualidade jansenista.

Este breve panorama sobre a influência da escola beruliana de espiritualidade, bem como de outras correntes, no Instituto Marista demonstra que somos herdeiros de uma espiritualidade que alimentou os primeiros aspirantes maristas no seminário maior de Lyon. Embora, do ponto de vista temporal, nossa espiritualidade esteja mais diretamente ligada aos sulpicianos, ela encontra ressonância em autores como Pierre Bérulle (1575-1629), Jean-Baptiste Saint-Jure (1588-1659), Jean-Jacques Olier (1608-1657) e Jean-Baptiste de la Salle (1651-1719).

Nesse contexto, o tema do coração, entendido como uma das dimensões da encarnação e humanização de Cristo – torna-se a base de uma espiritualidade relacional, não clerical (laical), adaptada às pessoas e às congregações de vida apostólica. Trata-se de uma espiritualidade que encontra Deus não apenas por meio da oração conventual, mas, sobretudo, na atividade apostólica. Isso é especialmente relevante para os Irmãos Maristas, cujo papel na educação é central para sua missão.

## **O símbolo do coração na tradição marista**

Os primeiros maristas – incluindo Marcelino Champagnat, Jean-Claude Colin e Jeanne-Marie Chavoin – adotaram a metáfora do coração com base na tradição lucana (At 4,32), expressa na frase “Um

só coração e uma só alma” [*Cor unum et anima una*]. Essa inspiração, ao mesmo utópica e mística, contempla no horizonte da Igreja nascente, reunida em torno de Maria, um modelo de espiritualidade relacional fortemente marcado pela fraternidade. Trata-se de uma teologia e espiritualidade “do coração”, como bem expressa Keel (1993, p. 16).



Figura 20 – Nossa Senhora do Coração de Prata, Acervo FMS.

Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Para Marcelino, a missão não acontece apenas por meio da intelectualidade. Ele compreendia que a educação e a instrução cristã eram, antes de tudo, uma obra de amor. Por isso, o elemento decisivo era a educação do coração das crianças – somente assim a missão marista poderia ser concretizada plenamente. Várias são as cartas que indicam essa convicção:

Digam a seus meninos que Jesus e Maria gostam muito deles todos. [...] Também digam a eles que eu os amo, que não subo ao altar sem pensar em vocês e em seus queridos alunos. (Champagnat, 2019, doc. 14).

Esforce-se, não poupe nada para formar à virtude seus corações juvenis. Faça ver a eles que nunca serão felizes sem a prática da virtude, sem a piedade, sem o temor de Deus. Somente Deus pode dar-lhes a felicidade, que é para ele que foram criados. (Champagnat, 2019, doc. 19).

Digam a seus meninos que eles estão de posse de uma felicidade imensa por serem tão caros a Jesus Cristo, como estão sendo. Sim, este Deus de bondade os ama a ponto de fazer consistir suas delícias em estar com eles. Basta que lhe abram o coração que Jesus e Maria o cumularão de graças. (Champagnat, 2019, doc. 20).

O caso específico do padre Champagnat revela, na devoção aos Sagrados Corações de Jesus e Maria, uma mística vivida profundamente por meio do relacionamento paternal que mantinha com os Irmãos – especialmente perceptível ao final de suas correspondências e circulares. Michael Green (2021) oferece uma perspectiva bastante interessante ao identificar, como fio condutor das circulares do padre Champagnat, a influência dos textos joaninos e a dimensão relacional de sua espiritualidade. Vejamos, como exemplo, a circular de 19 de janeiro de 1836:

Sinto no coração a grata satisfação de me lembrar de vocês todos os dias e de no santo altar apresentá-los todos ao Senhor; especialmente hoje, não consigo resistir à agradável satisfação de expressar a vocês meus sentimentos de afeto e de manifestar minha ternura paternal. Meus queridos e bem-amados, vocês são continuamente o objeto especial de minha terna solicitude. Todos os meus anseios e todos os meus votos têm em mira sua felicidade; isso certamente vocês já sabem. (Champagnat, 2019, doc. 63).

A linguagem do coração, presente no Evangelho de João, bem como nos escritos de São Francisco de Sales e na escola beruliana, permeia o preâmbulo dessa circular. Também se destaca a espiritualidade eucarística, que, em Marcelino, torna-se o lugar preferencial de reencontro do fundador com seus filhos espirituais. Segundo Lanfrey (2001, p. 76), no que se refere aos Sagrados Corações de Jesus e Maria, especialmente ao final de suas correspondências, estamos diante da manifestação de uma mística cristológica e mariana que Champagnat não pôde – ou não quis – explicar.

O *Testamento Espiritual* do padre Champagnat é, nesse sentido, um convite ao aprofundamento de uma verdadeira espiritualidade do coração. Trata-se da síntese de uma vida radicada na experiência de Deus, que revela o legado de um homem capaz de viver uma espiritualidade encarnada, integrada e, por isso mesmo, compassiva. Seus ensinamentos permanecem vivos, pois podem ser vividos por todos, independentemente do tempo ou lugar. Acompanhem, então, o nosso fundador:

Eu vos peço também, meus queridos irmãos, com toda a afeição de minha alma e por toda a afeição que tendes por mim, procederdes sempre de tal modo que a santa caridade se mantenha entre vós. Amai-vos uns aos outros como Jesus Cristo vos amou. **Que não haja entre vós senão um mesmo coração e um mesmo espírito.** Que se possa dizer dos irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: Vede como eles se amam. [...] **É o mais ardente voto de meu coração neste último momento de minha vida.** Sim, meus caríssimos irmãos, atendei às últimas palavras de vosso pai, pois são as mesmas de nosso amado Salvador: “Amai-vos uns aos outros”. (Furet, 1999, p. 223, grifo nosso).

Para além dos textos citados, segundo o Irmão Estaún, em pesquisa ainda inédita, há uma consolidação iconográfica do cora-

ção na tradição que remonta ao padre Champagnat e aos primeiros Irmãos. Essa presença simbólica se manifesta desde o coração de chumbo escolhido para selar o caixão do fundador até a representação ainda visível no cemitério de l'Hermitage, onde os nomes dos Irmãos falecidos são gravados e recordados por meio do símbolo do coração. Essa mesma simbologia está presente na capela principal de l'Hermitage, com a imagem da Virgem do Coração de Prata – expressão sensível de uma espiritualidade que une memória, afeto e missão.

No *Guia das escolas*, a metáfora do coração é crucial para enfatizar a importância da formação afetiva e integral da pedagogia marista (União Marista do Brasil, 2008, p. 55). Essa simbologia também se faz presente no magistério do Irmão Francisco, especialmente em sua circular *Sobre o espírito de fé*, na qual encontramos uma passagem significativa que expressa a dimensão espiritual marcada pelo coração em nossa tradição.

Mas procuremo-lo, sobretudo dentro de nós mesmos, no fundo de nosso coração; pois é lá que Ele mora, no seu santuário para receber nossa adoração e homenagem. Vocês não sabem, diz São Paulo, que vocês são o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? (1Cor 3,16). Entremos, pois, muitas vezes, nesta cela interior, neste templo de nossa alma, para ali encontrar a Deus, entreter-nos com Ele e render-lhe nossas homenagens... Este é o grande segredo da santidade e perfeição. (Institut des Petits Frères de Marie, 1914, v. 2, p. 82).

O Irmão Francisco revela-se mistagógico e, ao mesmo tempo, preciso ao descrever o coração como o lugar onde os Irmãos devem buscar o centro de sua espiritualidade e a mística que os deve animar em sua ação apostólica.



Figura 21 – Irmão Francisco, Acervo FMS.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Esta breve análise da presença da simbologia do coração na tradição marista mostra que, nas origens de nossa espiritualidade, o aspecto relacional e afetivo do encontro com Jesus está profundamente ligado à imagem do coração – lugar privilegiado, para o fundador, de manifestação da relação com Deus.

## **O XXII Capítulo Geral e a espiritualidade do coração**

Se quisermos compreender o atual significado da expressão “espiritualidade do coração” na proposta de renovação do Instituto, é necessário recorrer aos documentos capitulares do XXII Capítulo Geral, realizado em Rio Negro, Colômbia. Nessa assembleia capitular, observou-se uma novidade significativa tanto na linguagem quanto na forma de comunicação: os Irmãos optaram pela metáfora e pelo símbolo, em contraste com a tradição que se apoiava predominantemente no conceito.

Chama atenção a redução significativa no volume de textos redigidos, especialmente quando comparada aos Capítulos anteriores. Os Irmãos preferiram comunicar as principais ideias e resoluções para os próximos anos do Instituto por meio de intuições de futuro, utilizando uma linguagem sóbria, porém profundamente rica em símbolos e metáforas.

Dentro desse novo horizonte comunicativo, o discurso de encerramento do Capítulo destaca-se como um dos textos mais marcantes no contexto da espiritualidade do coração. Nele, o superior-geral, Irmão Ernesto Sánchez, inspirado na mesa de La Valla, compartilha com todos os maristas de Champagnat os quatro pilares de atuação para os próximos anos:

1. Presença curadora e cocriadora de nossa casa comum.
2. Profetas da dignidade humana, presentes junto às crianças e aos jovens mais vulneráveis e esquecidos.
3. Formação de famílias que cuidam da vida e geram vida nova.
4. Nossa incansável busca de sentido, nossa busca de Deus.



Figura 22 – Mesa da casa de La Valla, La Valla, França.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

Trata-se de uma mensagem fortemente simbólica, mas também mobilizadora da missão, pois está fundamentada na espiritualidade como fonte do carisma e da ação marista. No quarto pilar, ao refletir sobre a busca de sentido e a busca de Deus, o Irmão Ernesto afirmou:

Mencionamos que desejamos aprofundar nossa experiência de Deus, no encontro pessoal, na vida cotidiana, para ser suas testemunhas apaixonadas por vida plena e feliz. E que para isso queremos favorecer programas para cultivar a interioridade, para reavivar a espiritualidade e a vida a partir de Deus. (Sánchez, 2017, p. 5).

Os cinco apelos ou chamadas, mais do que simples documentos capitulares, têm se constituído como eixo norteador da missão durante os anos de atuação do Conselho-Geral (2017-2025). E, se questionássemos onde está a espiritualidade marista nesse documento, atrever-me-ia a dizer que ela não se reduz a um único apelo, mas perpassa a construção e a escolha de todos eles. Contudo, por uma questão metodológica, vamos nos deter no segundo apelo: “Ser o rosto e as mãos de tua terna misericórdia”.

### **A segunda chamada do Capítulo: “Ser as mãos e o rosto de tua terna misericórdia”**

A espiritualidade que animou São Marcelino Champagnat e a primeira geração de Irmãos Maristas foi marcada pela dinâmica da fraternidade, da comunhão e do serviço aos mais necessitados. A opção de Champagnat pelas crianças – especialmente as mais vulneráveis – representou, de certa forma, a escolha mais periférica dentro da Sociedade de Maria. Em *Pensamento piedoso*, do vigário-geral padre Bochard, a educação cristã das crianças aparece como a última ação entre as obras de evangelização da Igreja (Lanfrey, 2001, p. 32).

Contudo, esse foi o carisma recebido por Marcelino e pelos primeiros Irmãos: “tornar Jesus Cristo conhecido e amado”, por meio de um apostolado humilde, voltado à educação cristã dos meninos do campo e das pequenas comunas. Nesse sentido, é relevante destacar que nosso documento referencial da espiritualidade marista, *Água da rocha*, sintetiza essa espiritualidade e carisma na impactante frase do seu primeiro parágrafo: “A história de nossa espiritualidade é de paixão e misericórdia, paixão por Deus e misericórdia pelas pessoas” (2007, p. 22).

Essa palavra – “misericórdia” – é a chave que nos remete ao segundo apelo do Capítulo: “Ser as mãos e o rosto de tua terna misericórdia”. Esse convite nos chama a vivê-lo no mesmo Espírito que moveu Maria: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1,35). Assim, a promessa do Espírito em nossas vidas nos impele a ser profetas de misericórdia e fraternidade – lema que inspira profundamente o segundo apelo do Capítulo.

A espiritualidade de que necessitamos para estes novos tempos é assim descrita pelo Capítulo.

Uma espiritualidade da compaixão e do cuidado, que nos convida a:

- crescer em interioridade para poder descobrir-te como um Deus de amor que se manifesta no ordinário de nossas vidas;
- cultivar uma espiritualidade do coração, que enche de alegria e nos faz inclusivos;
- reviver em nossa vida cotidiana o espírito fundacional de La Valla;
- viver a própria vida em plenitude, sendo tuas testemunhas num mundo fragmentado. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2017).

Com base nos apelos do XXII Capítulo Geral, somos convidados a refletir: Por que a insistência na dimensão da descoberta e

do cultivo da interioridade? Que percepção de Deus cultivamos em nossa espiritualidade? Por que falar em espiritualidade do coração? Qual sua relação com as nossas origens?

Cada geração, em seu próprio tempo, busca responder “as razões da sua fé” (1Pd 3,15) com base no contexto em que vive. Nesse sentido, é legítimo que, na atualidade, a reflexão sobre fé e espiritualidade seja compreendida à luz das realidades e dos desafios contemporâneos. Como nos ensina Michel de Certeau:

Uma espiritualidade responde aos problemas de uma época e nunca lhes responde senão nos próprios termos desses problemas, pois são aqueles que vivem e de que falam os homens de uma sociedade, os cristãos como outros [...] toda espiritualidade tem um caráter essencialmente histórico. (Certeau, 1966, p. 10).

Qual é a força dessa afirmação? A espiritualidade marista é viva. Em cada tempo e lugar, conforme as necessidades emergentes que enfrentamos, somos desafiados pela novidade do Espírito. Para permanecermos fiéis ao espírito fundacional de La Valla, é essencial estarmos conectados com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem” (*Gaudium et Spes*, n. 1, p. 143).

A força dessa afirmação reside justamente na compreensão dinâmica e adaptativa da espiritualidade marista. Trata-se de uma espiritualidade que não é estática, mas viva e fluida – capaz de se renovar e se moldar às exigências de cada tempo e lugar. Essa visão encontra fundamento na ideia bíblica do Espírito que “sopra onde quer” (Jo 3,8), revelando a ação constante, livre e surpreendente do Espírito Santo na vida da comunidade marista.

Ao destacar a importância de estar conectado com as realidades humanas contemporâneas – especialmente com as alegrias,

esperanças, tristezas e angústias dos pobres e dos que sofrem –, a afirmação reforça o compromisso dos maristas com a justiça social e a solidariedade. Essa conexão é essencial para que os maristas permaneçam fiéis ao espírito fundacional de La Valla, por meio do qual Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos se dedicaram à missão de educar e servir os jovens, especialmente os mais desfavorecidos.

Nesse contexto, as quatro indicações da segunda chamada do XX Capítulo Geral podem ser compreendidas por três ideias nucleares.

### A espiritualidade do coração nos convida à unificação de nossa vida

O tema da espiritualidade tem sido um dos grandes focos de reflexão dos Irmãos Maristas nos Capítulos Gerais, desde o Capítulo de Renovação de 1968. Mesmo após tantos anos de estudos, vivências e aprofundamentos, como bem destacou o Irmão Michael Green no terceiro volume da *História do Instituto*, os Irmãos reconheceram que ainda não haviam chegado a um ponto de maturidade plena nessa busca. Nesse contexto, o Irmão Javier – então provincial da América Central – afirmou que os desafios vividos nesse campo poderiam ser resumidos em uma palavra: “integração”. Ou seja, a necessidade de **centralizar a vida em Jesus** como eixo **unificador da existência marista** (Green, 2017, p. 208).

As *Constituições*, ao abordar a vida dos Irmãos, reforçam esse chamado à integração, convidando-os a viver de maneira unificada com base nas três dimensões do carisma marista:

O amor de Deus derramado em nossos corações frutifica em nossa vida de irmãos, principalmente nas três dimensões: a **relação fraterna** em comunidade, a **espiritualidade apostólica marista** e nossa **missão** a serviço da Igreja. São aspectos

essenciais do sonho de Marcelino e dos irmãos que o sucederam. Nós nos esforçamos por vivê-los de modo integrado, como resposta coerente e fecunda. (2021, n. 34, p. 45, grifo nosso).

Esse mesmo convite é reiterado na *Regra de Vida*, que orienta: “Irmão, dedica um tempo escutando a voz do Espírito que te convida a viver a comunidade, a oração e o apostolado de maneira harmônica, unificada e coerente” (2021, n. 53, p. 71).

Sobre o tema da unificação, Javier Melloni escreve com profundidade: “Trata-se, portanto, de chegar à unificação de toda pessoa, que integre a afetividade, a sensibilidade e o raciocínio, em outras palavras, o ser-humano em sua totalidade” (Melloni, 2011, p. 17). Se compreendermos a espiritualidade como uma experiência pessoal da sacralidade da vida – como a descoberta do profundo que habita o coração de cada pessoa –, então precisaremos avançar na busca por essa unidade tão necessária e, ao mesmo tempo, frequentemente perdida sob a influência racionalista em nossa teologia. Esse caminho de união entre intelecto e coração conduz naturalmente ao caminho da ética, que, por sua vez, é a carne da mística. É nesse horizonte que o XXII Capítulo Geral do Instituto Marista nos inspira com sua expressão: “Ser o rosto e as mãos de tua terna misericórdia”.

### A espiritualidade do coração é encarnada

O Irmão Óscar Martin, em diversas formações sobre espiritualidade marista, sempre nos recordava a importância da oração como via de conexão e encontro com Deus em nossa própria vida. Essa mesma ênfase é reforçada no documento *Água da rocha*:

Ao longo da existência, nossa realidade espiritual interage dinamicamente com a experiência vital. De um lado, à medida

que nos integramos à vivência cotidiana, vai-se formando o que entendemos ser nossa espiritualidade. De outro, essa espiritualidade constrói o modo como compreendemos o mundo, as pessoas, Deus, e como nos relacionamos com eles. (2007, p. 14).

Ou, como nos recorda a *Regra de Vida*:

O Senhor Jesus vive na presença do Pai e seu Espírito o faz presente entre nós. Jesus se conscientiza de que é o Filho bem-amado e se retira com frequência para fortalecer esta relação (cf. Lc 5,16; Mc 6, 31). Ele ora e ensina seus discípulos a orar (cf. Lc 11,2; Mt 6,15). Expressa em suas palavras e gestos aquilo que vai aprendendo de seu Pai (cf. Jo 12,49s). Marcelino revive esta mesma experiência quando nas ruas de Paris se sentia como nos bosques de l'Hermitage. (2021, n. 23, p. 41).

### A espiritualidade do coração é inclusiva

O Deus que vive em mim, vive em todos. Somos chamados a ser **profetas de misericórdia e de fraternidade**. Nessa perspectiva, todos os demais apelos do Capítulo tornam-se expressão encarnada da nossa espiritualidade: viver o dom da fraternidade como família carismática global, sendo farol de esperança em meio a um mundo turbulento; ser construtores de pontes e promotores de uma cultura dos ecos – abrangendo áreas como ecologia, economia solidária e educação para a solidariedade; caminhar especialmente com crianças e jovens marginalizados, reconhecendo que a dimensão dos mais necessitados deve interpelar nossa espiritualidade. Tudo isso converge para um propósito maior: responder com audácia às necessidades emergentes do nosso tempo, como bem partilhou o Irmão Ernesto nas intuições de futuro do Instituto Marista (Sánchez, 2023, p. 1).

## **Buscadores do Deus vivo: experiências que ajudam a vivenciar a espiritualidade do coração**

Uma palavra-chave que deveria marcar uma mudança de paradigma na maneira como vivenciamos nossa espiritualidade é “experiência”. A *Regra de Vida* nos recorda que o mistério de nossa vocação nasce justamente dessa experiência: um caminho de escuta e encontro que somos chamados a trilhar com Jesus:

Irmão, comece a caminhar e escute Jesus que nos diz a cada um de nós: “Vem e verás” (Jo 1,39). Permanece, vive com o Senhor deixa-te acompanhar pelo Mestre. E, como aqueles primeiros discípulos, jamais esqueças o momento em que Jesus tocou teu coração e despertou tua mais autêntica e profunda identidade.

Em última análise, nossa vocação como maristas tem a sua origem nessa experiência de fraternidade: “Tua vocação tem sua origem nesta experiência de encontro e de estar com Jesus. Ele te amou primeiro” (cf. 1Jo 4,19). (Instituto dos Irmãos Maristas, 2021, n. 1, p. 19).

Para aprofundarmos nossa experiência de encontro com Jesus e vivenciarmos a espiritualidade do coração, sugerimos algumas atitudes, que estão listadas a seguir.

### **Redescoberta do silêncio**

Vivemos em uma civilização marcada pelo barulho. A fuga do silêncio revela, entre outras coisas, uma tentativa de preencher o grande vazio interior que muitos homens e mulheres de nosso tempo experimentam. Diante dessa realidade, o Irmão Emili Turú, em sua circular *La Valla: casa de luz*, abordou com insistência a necessidade de uma educação para o silêncio. É necessário

[...] **introduzir silêncio** em nossa vida cotidiana é uma **condição básica para nos humanizar e dar qualidade e profundidade a nossas vidas**. Sem silêncio, é muito fácil que gastemos nosso tempo em trivialidades; que sejamos arrastados pelas circunstâncias da vida ou que tomemos decisões de maneira irreflexiva. Sem silêncio, como é possível ocorrer um encontro autêntico com os outros ou com o Deus vivo? (Turú, 2017, p. 300, grifo nosso).



Figura 23 – Porão da casa de La Valla, La Valla, França.  
Fonte: Acervo do Instituto dos Irmãos Maristas.

O Irmão Ernesto Sanchez, reforçando essa mesma necessidade, convida-nos ao cultivo da interioridade e da espiritualidade por meio de um processo que leva tempo e exige paciência e docilidade de nossa parte:

Submergir-se no interior pede tempo, espaço e, sobretudo, partir do desejo, da sede, da necessidade de ir para dentro. Requer-se a experiência do silêncio. Silêncio que nos permite encontrar

ritmos mais humanos e que oferece melhor qualidade à nossa vida. Silêncio que favorece nossa leitura do dom de cada instante, de cada evento, de cada encontro, à luz do Espírito que está ativo e presente. Silêncio que, em meio à dúvida ou incerteza diante do incompreensível, permite questionar-nos, introduz-nos no mistério, dá-nos aceitação e paz. (Sánchez, 2020, p. 21).

## Viver a espiritualidade como experiência de Deus

Nosso fundador, São Marcelino Champagnat, qualificava o exercício da presença de Deus **como a alma de toda a nossa oração** (Furet, 1999, p. 224). Hoje, as *Constituições* do Instituto nos recordam esse mesmo espírito: “Como Marcelino, estamos atentos a reconhecer a presença de Deus e a experimentar seu amor nos acontecimentos de nossa vida” (Instituto dos Irmãos Maristas, 2021, n. 45, p. 56).

Trata-se, como nos recorda o Irmão Ernesto Sánchez, de dispor o nosso coração

[...] para abrir-nos ao Mistério, deixando assim espaço para a experiência espiritual: abrimo-nos ao encontro, reconhecemos nosso desejo para compartilhar o sonho de Jesus... se tu conheceres o dom de Deus (cf. Jo 4,10). A partir da experiência espiritual, apalpamos o humano em profundidade, a ponto de vislumbrar o divino, aproximando-nos um pouco daquelas realidades intocáveis ou inalcançáveis [...] Surge a paixão por um Deus vivo e de entregar-nos a Ele servindo generosamente aos demais. (Sánchez, 2020, p. 20).

Essa experiência de Deus se revela nos momentos difíceis de nossa existência. Jó, depois de enfrentar duras provações e perder tudo o que possuía, faz uma descoberta profunda do único tesouro verdadeiro: “Antes, eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus

olhos te veem” (Jó 42,5). De maneira semelhante, o padre Champagnat vivenciou essa experiência em sua profunda mística pessoal, sintetizada na expressão *Nisi Dominus*: “Se o Senhor não constrói a casa”, todo o trabalho é em vão.

## Espiritualidade centrada em Jesus

Nas origens de nossa espiritualidade marista está a missão deixada pelo fundador: “**Tornar Jesus Cristo conhecido e amado**” (Furet, 1999, p. 224, grifo nosso). Os primeiros maristas viveram essa missão com paixão por Jesus, deixando-se guiar por sua presença e ensinamentos. As *Constituições* nos recordam que essa é uma dimensão essencial de nossa espiritualidade: “Jesus, em diálogo com o Pai, ensina-nos a escutar Deus e a responder-lhe” (Instituto dos Irmãos Maristas, 2021, n. 44, p. 55). Todavia, sabemos o quanto é necessário redescobrir a vivência do cristianismo por meio da pessoa de Jesus. Para Pagola, “a renovação interior de nossa fé cristã só será possível se conhecermos e vivermos a verdadeira espiritualidade de Jesus” (Pagola, 2022, p. 14). No Evangelho de Marcos, o itinerário proposto começa com uma pergunta decisiva, feita por Jesus de maneira direta e pessoal: “**E vós, quem dizeis que eu sou?**” (Mc 8,29, grifo nosso). Essa é uma dimensão central da espiritualidade do coração. Não se trata de responder teológica, racional ou teoricamente quem é Jesus, mas sim com base em nossa própria experiência. A pergunta de Jesus é incisiva e íntima: “**Quem sou eu para você?**”.

Nossa missão como maristas nos convoca a tornar Jesus Cristo conhecido e amado. Para que esse chamado se torne realidade, é necessário que cada um de nós aprofunde sua relação pessoal com Jesus – no silêncio, no discernimento e na escuta interior. É nesse

encontro íntimo com Ele que podemos descobrir, por experiência própria, o sentido de nossas vidas e o nosso comprometimento com o Reino de Deus, entendido como o projeto humanizador de Deus (Pagola, 2022, p. 63) vivido na missão marista.

*A Regra de Vida* traz uma citação que sintetiza com clareza e profundidade esse passo decisivo da vida espiritual:

Jesus está contigo e tu estás com Jesus. Neste simples “permanecer” renova-se cada dia tua aliança: Ele te chama pelo nome, te conduz ao deserto, te fala ao coração e te envia em missão (cf. Lc 4,18; Ex 3,10) de ser ponte entre a humanidade e o amor de Deus. Surpreendido e pleno de agradecimento escutas e acolhes livremente a chamada do Senhor que sussurra em teu ouvido “Vem e segue-me” (Mc 10,21). Com plena confiança e total abandono te deixas guiar pelo Espírito no seguimento de Cristo. Irmão, dedica um tempo de contemplação do amor incondicional com que és amado (cf. 1Jo 3,1). (Instituto Marista, 2021, n. 7, p. 24-25).

## Viver a compaixão

A primeira definição de nossa espiritualidade, apresentada no documento *Água da rocha*, recorda-nos que sua história é feita de paixão e compaixão. A paixão se manifesta na experiência profunda que fazemos de Deus, no seguimento de Jesus. **A compaixão, por sua vez, é fruto dessa experiência transformadora.** *A Regra de Vida* é decisiva ao afirmar:

Na tua relação com Deus, cultiva a espiritualidade da compaixão e do serviço. Que as urgentes necessidades da humanidade, sobretudo o clamor de tantas crianças e jovens, te estimulem a abandonar teus espaços de conforto e a sair ao seu encontro.

O Senhor Jesus te espera em cada um deles. [...] Partilha tua vida com as crianças e os jovens, especialmente os mais pobres; deixa-te enxergar e evangelizar por eles. Aprende, com eles, a ver o mundo com o olhar de Deus. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2021, n. 32, p. 48-49).

A compaixão foi uma das marcas centrais do XXII Capítulo Geral, em Rio Negro, Colômbia. Nas palavras do Irmão Ernesto Sánchez, o “**Novo La Valla**” começa justamente pela compaixão – vivida, em primeiro lugar, por meio de nossa presença curadora e cocriadora em relação à “casa comum”. O segundo pilar desse chamado é o comprometimento em sermos profetas da dignidade humana, estando próximos das crianças e dos jovens, especialmente daqueles mais vulneráveis e esquecidos (Sánchez, 2017).

### Realizar a “obra de Maria”

Qual o lugar de Maria na espiritualidade do coração? Os primeiros maristas compreenderam sua participação no processo de renovação da Igreja na França por meio da expressão “obra de Maria”. Essa definição foi posteriormente sintetizada no documento *Água da rocha*, que define essa inspiração como parte essencial do “Projeto Marista”. Duas citações desse documento são especialmente relevantes para entender o modo carismático como nos vinculamos ao seguimento de Jesus:

Esses primeiros Maristas tinham consciência de que o **Projeto** era parte da missão de Maria: **dar Cristo à luz e estar com a Igreja, em seu nascimento**. Era um trabalho que incluiria todas as dioceses do mundo e se estruturaria qual uma árvore com diversas ramificações, congregando leigos, sacerdotes, religiosas e religiosos, para **viver um novo modo de ser Igreja**. (Instituto Marista, 2007, n. 11, p. 25, grifo nosso).

Em essência, o Projeto Marista deve ser assumido como obra de Maria e deve ser vivido imitando o seu modo de ser. **Deve nascer da Igreja e com ela, como a “Igreja nascente”**. (Instituto Marista, 2007, p. 115, grifo nosso).

A espiritualidade do coração, inserida na perspectiva da celebração de “um novo começo” para o Instituto Marista, reafirma nosso estilo próprio de adesão ao projeto de Jesus. Como maristas de Champagnat, inserimo-nos na busca constante pelo seguimento de Jesus por meio da escola de Maria. E, como ela, somos chamados a fazer a experiência de Deus por meio de nossa própria vida. Maria é exemplo de resposta e de peregrinação na fé. Embora sua primeira missão tenha sido cooperar na maternidade divina de Jesus, durante sua própria trajetória ela precisou passar de mãe a discípula de seu Filho – um processo que revela profundidade, escuta e entrega.

Nossa participação no carisma dado por Deus a Marcelino e aos primeiros Irmãos nos recorda:

O amor que o Espírito Santo derrama em nossos corações faz de nós participantes do carisma de Marcelino Champagnat e orienta todas as nossas energias na direção dessa única finalidade: SEGUIR CRISTO COMO MARIA, em sua vida de amor ao Pai e à humanidade. Vivemos esse ideal em comunidade. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2021, n. 3, p. 16-17).

Uma mudança de paradigma em nossa relação com a espiritualidade mariana seria **passarmos da fé em Maria, para a fé de Maria**. Essa transição nos convida a contemplá-la não apenas como intercessora, mas como nossa Irmã na fé – alguém que trilhou o caminho da escuta, da entrega e da confiança profunda em Deus. Essa perspectiva já era proposta na circular *Em seus braços e em seu coração*, do Irmão Sean Sammon.

## Considerações abertas, mais que conclusivas

A reflexão que desenvolvemos durante este percurso sobre o tema da **espiritualidade do coração** teve por objetivo mostrar que o XXII Capítulo Geral não propôs uma nova espiritualidade, desvinculada de nossa tradição marista. Pelo contrário, ele reafirma e aprofunda os fundamentos que sempre sustentaram nossa vivência espiritual, iluminando-os com novos sentidos à luz dos desafios contemporâneos.

As *Constituições* dos Irmãos Maristas nos ajudam a compreender que não se trata de uma nova espiritualidade, mas da urgência de um novo paradigma para vivê-la e testemunhá-la como busca do Deus vivo. Dessa forma, a espiritualidade é entendida e vivida como busca, caminho e travessia:

Nós, irmãos, **vivemos em busca do Deus vivo**. Nossa oração não se limita aos exercícios de piedade, nem se identifica unicamente com o trabalho apostólico. Nossa espiritualidade está alicerçada na presença e na comunhão com Deus, que se torna mais perceptível quando interagimos com os outros. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2021, n. 45, p. 16-17).

**A espiritualidade marista se manifesta como um jeito próprio de ser, viver e testemunhar a fraternidade revelada por Jesus.** Na busca constante pela presença de Deus, e na vivência da humildade e da simplicidade que marcam nossas relações, comprometemo-nos em tornar Jesus Cristo conhecido e amado, especialmente entre as crianças e os jovens. Maria, Champagnat e os primeiros Irmãos nos revelam que é possível viver apaixonadamente o projeto de Jesus – uma causa que vale a pena abraçar e nos engajar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. Cultures et spiritualités. *Concilium*, Petrópolis, n. 19, p. 5-26, jan. 1966.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat, fundador do Instituto dos Irmãos Maristas*. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2019.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Constituição Pastoral Gaudim et Spes. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM (org.). *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília, DF; São Paulo: Edições CNBB; Paulinas, Paulus, 2007.

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco no final da assembleia sinodal. Vaticano: Basílica de São Pedro, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco\\_20191026\\_chiusura-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191026_chiusura-sinodo.html). Acesso em: 11 set. 2025.

FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

GREEN, Michael. *História do Instituto: a luz incerta da aurora* (1985-2016). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral, 2017. (FMS Studia, n. 3, tomo III).

HOWARD, Charles. *Espiritualidade apostólica marista*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 1992.

INSTITUT DES PETITS FRÈRES DE MARIE. *Circulaires des Supérieurs Généraux* (1848-1860). Lyon; Paris: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1914. v. 2.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Constituições e estatutos*. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 1986.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *A espiritualidade apostólica marista*. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 1993. v. XXX.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da rocha*: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2008.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Caminhemos como família global!* Mensagem do XXII Capítulo Geral. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2017.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Maristas de Champagnat*: plano estratégico da administração-geral para a animação, liderança e governo (2017-2025). Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2017.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Aonde fores*: regra de vida dos irmãos maristas. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2021.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Constituições e estatutos dos Irmãos Maristas*. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuolle Fratelli Maristi, 2021.

KEEL, Edwin. *Textes pour l'étude de la spiritualité mariste*. Roma: Centre D'Études Maristes, 1993.

LANFREY, André. *Essai sur les origines de la spiritualité mariste*. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, 2001.

LANFREY, André. *História do Instituto*: missão marista em um mundo violento e secularizado (1907-1985). Tradução de Ir. Miro Reckziegel. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 2016.

LANFREY, André. *O espírito do Instituto: estudo histórico da espiritualidade de Champagnat, 1824 a 1965*. Curitiba: Memorial Marista, 2021.

MELLONI, Javier. *Los caminos del corazón: el conocimiento espiritual en la Filocalia*. Bilbao: SalTerrae, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAGOLA, José Antonio. *A renovação do cristianismo: recuperar Jesus como mestre interior*. Petrópolis: Vozes, 2022.

RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual: escritos de teología*. Madrid: Taurus, 1966.

SAMMON, Sean. Uma revolução do coração: a espiritualidade de Marcelino Champagnat e uma identidade contemporânea para os irmãozinhos de Maria. Tradução de Ricardo Tescarolo. *Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas*, v. XXXI, n. 1. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 30 jun. 2003. Disponível em: [https://champagnat.org/wp-content/uploads/2019/07/circulares-31\\_1\\_PT.pdf](https://champagnat.org/wp-content/uploads/2019/07/circulares-31_1_PT.pdf). Acesso em: 18 ago. 2025.

SÁNCHEZ, Ernesto. *O novo começo já iniciou!* Palavras do Irmão Ernesto Sánchez no encerramento do XXII Capítulo Geral. Rio Negro: Instituto dos Irmãos Maristas, 8 set. 2017. Disponível em: [https://champagnat.org/shared/bau/ErnestoDiscurso\\_CapGen\\_PT.pdf](https://champagnat.org/shared/bau/ErnestoDiscurso_CapGen_PT.pdf). Acesso em: 18 ago. 2025.

SÁNCHEZ, Ernesto. Lares de Luz: cuidamos da vida e geramos nova vida. Tradução de Ir. Miro Reckziegel. *Circulares do Superior Geral dos Irmãos Maristas*, v. XXXIII, n. 420. Roma: Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, 8 set. 2020. Disponível em:

[https://marista.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Lares-de-Luz\\_PT\\_16\\_09.pdf](https://marista.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Lares-de-Luz_PT_16_09.pdf). Acesso em: 18 ago. 2025.

SÁNCHEZ, Ernesto. *Carta aos irmãos provinciais, superiores de distrito e seus conselhos*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2023.

TURÚ, Emili. *La Valla: casa de luz*. Carta do Superior Geral. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 25 mar. 2017.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. Guia das escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria. Tradução da 4. ed. francesa por Ir. João José Sagin e Ir. Virgílio Josué Balestro. Brasília, DF: União Marista do Brasil, 2008.

VIER, Frei Frederico (coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

## HORIZONTES E DESAFIOS DA ESPIRITUALIDADE MARISTA

**A**o concluir este percurso pelas origens da espiritualidade marista, reconhecemos que muitas outras dimensões ainda permanecem por explorar. A título de exemplo, evoco algumas que merecem atenção especial: a espiritualidade do educador e da educadora marista; a busca e o desejo dos jovens que vivenciam o nosso carisma; a contribuição de leigos e leigas que, junto aos Irmãos, dão testemunho da vida e missão nos dias de hoje; e a espiritualidade solidária, que se expressa especialmente no cuidado aos mais vulneráveis. Essa é uma reflexão que precisa ser aprofundada e sistematizada. Para isso, outras vozes, experiências e olhares poderão dar oferecer valiosas contribuições, enriquecendo ainda mais o caminho espiritual que trilhamos como família marista.

A espiritualidade é apenas uma das dimensões do nosso carisma. Com a vida partilhada e a missão, ela compõe o grande mosaico da nossa contribuição para a *Missio Dei* (a missão de Deus no mundo). Hoje, esse carisma já não conhece fronteiras: são muitos os que se identificam com o jeito marista de seguir Jesus Cristo.

Acredito que a espiritualidade marista deve estar atenta às grandes perguntas de nosso tempo. Ela precisa impregnar todas as nossas iniciativas na missão de **tornar Jesus Cristo conhecido e amado**. Afinal, a missão, em sua essência, é Deus. Reconhecer essa verdade nos coloca em uma atitude de humildade diante de nossa participação e colaboração no projeto de Jesus.

A vida de Jesus foi orientada pela busca deste sentido profundo: o **Reino de Deus**. O teólogo José Antonio Pagola traduz essa expressão como o projeto humanizador de Deus para todos nós. **Recuperar a centralidade de Jesus de Nazaré** em nossa vida e missão é reconhecer que o projeto marista – o carisma herdado de São Marcelino e dos primeiros Irmãos – se insere no fortalecimento e na realização da missão de Jesus.

Mais do que um fazer, a espiritualidade marista se manifesta na medida em que aqueles e aquelas que se deixaram tocar pelo carisma marista dão testemunho da alegria de viver o Evangelho.







